

VALÉRIA CRISTINA PEREIRA VERZIGNASSE

**ACTING OUT EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES: um estudo
psicanalítico**

PUC-CAMPINAS

2008

VALÉRIA CRISTINA PEREIRA VERZIGNASSE

**ACTING OUT EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES: um estudo
psicanalítico**

**Dissertação apresentada ao
programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Psicologia do Centro de
Ciências da Vida da PUC-Campinas
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em
Psicologia: área de concentração
como Profissão e Ciência.**

Orientador: Prof. Dr. Antonios Térzis

PUC-CAMPINAS

2008

VALÉRIA CRISTINA PEREIRA VERZIGNASSE

**ACTING OUT EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES: um estudo
psicanalítico**

Banca Examinadora

Presidente Prof. Dr. Antonios Térzis

Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos

Profa. Dra. Dayse Maria Motta Borges

PUC-CAMPINAS

2008

AGRADECIMENTOS

À minha filha, Maria Clara, que, com certeza, deixa meus dias mais claros.

A meu filho, João Pedro, que foi gerado juntamente com este trabalho.

A meu marido, Rogério, que me ensinou que o amor pode ser eterno.

A minha mãe, Juracy, pelo cuidado com meus filhos, sem o qual este trabalho não seria possível.

A meu pai, Jurandi, pelo seu incentivo constante.

A meus amigos, por perdoarem as faltas, os esquecimentos, a ausência constante neste período da minha vida.

Aos adolescentes que participaram desta pesquisa, com quem eu realmente muito aprendi.

Ao meu orientador, Prof. Antonios Térzis, pela paciência, compreensão e pelo acompanhamento constante nesta trajetória.

À Capes, pelo apoio financeiro, que muito ajudou para a realização deste trabalho.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Verzignasse, V. C. P. (2008). **Acting Out em um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico**. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, Campinas.

O presente estudo teve como finalidade compreender psicanaliticamente as atuações de um grupo de adolescentes. O objetivo foi verificar se a técnica de “grupo de diagnóstico” aplicado em adolescentes é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out e se possibilita a busca de meios apropriados para compreender essas atuações que se implantam no grupo. O método escolhido foi “psicanálise aplicada”, que visa fins práticos. Participaram da pesquisa seis adolescentes, com idades de 13-14 anos, de ambos os sexos. A técnica utilizada foi o “grupo de diagnóstico”. Foram realizados dez encontros, com duração de uma hora e trinta minutos. Para a análise do material coletado foi adotada a técnica de “Análise de Conteúdo”, proposta por Mathieu (1967), e interpretada de acordo com o referencial psicanalítico e grupanalítico. Este estudo possibilitou entendermos o acting out enquanto um processo primitivo, que usa de mecanismos de defesa arcaicos, como projeção, dissociação, negação, cisão. O acting no grupo de adolescentes surgiu através de duas formas. A primeira em forma de comunicação e a segunda enquanto um ataque ao vínculo grupal. No decorrer dos encontros, as atuações foram diminuindo, o que nos fez pensar na importância do grupo para esses adolescentes. Concluímos que o grupo de adolescentes atuou em níveis afetivos e os participantes passaram por diversas situações de sensibilização.

A natureza das linguagens utilizadas foi mais simbólicas, emocional e gestual. Desenvolveu-se uma atmosfera de cooperação entre colegas-adolescentes, favorecendo as evoluções individuais. Foi notável que a técnica de grupo praticada nesta pesquisa constituiu-se num instrumento eficaz para estudar o fenômeno do acting out do adolescente no grupo.

Palavras-chave: passagem ao ato, psicanálise, adolescentes, grupos, atuações.

ABSTRACT

Verzignasse, V. C. P. (2008). **Acting Out in a group of adolescents: a psychoanalytic study**. Master Dissertation, PUC-Campinas, Campinas.

The aim of the present study was to understand the acting out of a group of adolescents from the psychoanalytic point of view. The objective was to examine if the "diagnostics group" technique applied to adolescents is efficient enough to make them aware of acting out phenomena and if it may be used to provide the appropriate means to understand actings implemented into the group. The chosen method was "applied psychoanalysis" that aims at practical results. Six adolescents between 13 and 14 years old of both genders participated in the research and the "diagnostics group" technique was applied to ten 90-minute meetings. Mathieu's (1967) "Contents Analysis" technique was adopted to analyze the collected data, which was then interpreted according to psychoanalytic and group-analytic references. The present study allowed us to understand acting out as a primitive process featuring archaic defense mechanisms, such as projection, dissociation, denial, disruption. In our group of adolescents, acting out occurred in two different ways, i.e., through communication and as an attack on group ties. As the meetings progressed, acting out decreased, which made us reflect on the importance of the group for those adolescents. We concluded that the group of adolescents acted on affective levels and that its members went through several situations of sensitization. Languages used were mainly symbolic, emotional, and marked by gestures. An atmosphere of cooperation between adolescents-colleagues was developed, which supported individual evolution. It was notable that the group

technique applied to this research proved to be an efficient instrument to study the acting out of adolescents within the group.

Keywords: passing to the act, psychoanalysis, adolescents, groups, actings

APRESENTAÇÃO

Primeiramente, as motivações pessoais que me conduziram à escolha do tema surgiram a partir de minha prática clínica. Num primeiro momento, meu interesse foi compreender melhor o adolescente, esse ser que não é mais criança, mas também não é adulto, e a partir disso surgiu uma dificuldade técnica em atender pacientes adolescentes.

Revolvi, então, fazer especialização nesta área e desde 2001 meu interesse tem se voltado para essa faixa etária.

Uma das dificuldades encontradas para o atendimento desta faixa de idade refere-se aos *actings out*, já que a ação muitas vezes substitui a reflexão. Os adolescentes se expressam muito mais por atitudes e modulações paraverbais do que pela linguagem verbal. Foulkes (1972) colocava que o ser humano “não pode senão comunicar”. Ele sempre fará isso, se não por palavras, por ação.

Flechner (2005) coloca que a subjetivação se produz no mundo atual sob outras condições e o primeiro a manifestar isso é o adolescente. Para ele, quando há um deslocamento do princípio de realidade para o de prazer, em função do consumo excessivo, o pensamento e a linguagem ficam debilitados. Assim, o adolescente, em vez de pensar, vai atuar.

Nesta pesquisa, estudamos como a ação, especificamente o *acting out*, surgiu no grupo de adolescentes. Para isso, utilizamos as teorias psicanalíticas de grupo, “já que existe na adolescência uma natural inclinação de procurar no grupo de iguais a caixa de ressonância ou continente para suas ansiedades”.

(Osório, 2000, p.79). Além disso, o grupo externo propicia a compreensão do grupo interno, ou seja, dos processos mentais inconscientes.

Para uma melhor compreensão das questões relacionadas a este trabalho, no primeiro capítulo - "introdução" - optou-se por primeiramente fazer uma explanação sobre a compreensão psicanalítica da adolescência. Logo em seguida, algumas considerações sobre grupalidade, enfatizando os conceitos e principais teorias e, por fim, uma revisão bibliográfica sobre o acting out, tanto sob uma perspectiva individual quanto grupal. Em seguida, foram expostos os objetivos.

Na segunda parte deste trabalho, apresenta-se a metodologia utilizada, que se baseia no método psicanalítico e na técnica grupal. A análise do relato dos encontros do grupo foi desenvolvida no quarto capítulo, no qual trechos dos atendimentos foram destacados e interpretados segundo o referencial grupanalítico e psicanalítico, possibilitando a compreensão do acting out e de alguns fenômenos grupais. No último capítulo, foi realizada a apresentação das considerações finais que a pesquisa possibilitou.

No trabalho encontra-se também a bibliografia consultada para a elaboração da dissertação e os anexos, que consistem no modelo da carta de autorização da instituição para a realização da pesquisa, assim como o modelo do termo de consentimento esclarecido (para a instituição, pais, professores e adolescentes), e, ainda, o relato dos encontros realizados para a construção do material utilizado na pesquisa.

1.1 - Adolescência: compreensão psicanalítica

A puberdade existe provavelmente desde a existência do homem. Ela se relaciona com o desenvolvimento fisiológico (nas meninas ela se dá com o desenvolvimento dos seios, menstruação, etc., e nos meninos com o crescimento de pêlos, mudanças na voz, ejaculação, etc.), é um fenômeno universal e irá ocorrer com qualquer ser humano, pois se trata de um processo biológico e evolutivo (Muuss, 1976), enquanto que a adolescência é um termo mais complexo e seu significado vai depender do contexto cultural. Em nossa sociedade, ela é marcada como um período não só de mudanças físicas, mas também psíquicas e sociais.

Segundo Zimermann (2001), a palavra adolescência significa:

Os dicionários apontam para uma dupla origem da palavra adolescência. Uma indica que procede dos étimos latinos **ad**, para frente + **olesco**, crescer, arder, inflamar-se. A outra alude à **adolescentia**, derivada de **adolescent**, raiz de **adolescens**, particípio de **adolescere** (adol+esc+ent) (p.21).

O que temos é o significado da palavra adolescente, mas, devido às mudanças sociais, o seu início e seu término passam a não ficar tão claros. Não existem, nas sociedades industrializadas, ritos de passagem e nem provas de iniciação que possam dar ao adolescente a certeza de que está inserido no mundo adulto.

Em geral, se diz que a adolescência se inicia com a puberdade. Para Battistone (1996), o critério biológico é utilizado por ser universal, mas é necessário considerar as mudanças psíquicas, emocionais e sociais que chegam de uma forma mais lenta. Por outro lado, considerar como critério a

idade cronológica não é suficiente, pois não se levaria em conta as diferenças individuais. Portanto, a duração da adolescência é uma incógnita.

Para Levi e Schimitt (1996), o importante não é encontrar uma definição única para todo o período adolescente: o importante é entender que este é marcado por uma transitoriedade. Ratificando esta idéia, Mendonça (1998) coloca que esta é uma fase de muitas transformações, de desejos de mudanças concretas, que afetam o social e o adulto.

Exatamente por afetar o social e o adulto, o olhar se volta para o adolescente em todas as áreas: econômica, social, financeira e psíquica. Esta fase passa a ser tema de estudos, trabalhos, pesquisas, publicações em livros e revistas, congressos, simpósios, etc.

Uma das áreas que passou a se interessar pelo tema foi a Psicanálise. Através do estudo de como surgiram os primeiros conceitos psicanalíticos sobre esta fase, podemos perceber que, por muito tempo, ela ficou marginalizada, pois o interesse estava voltado para a criança (Dolto, 1990; Rassial, 1999).

Freud escreveu muito pouco sobre adolescentes e, somente a partir de Ana Freud é que o tema obteve um lugar de destaque.

O primeiro psicólogo a pensar sobre esta fase foi Hall (Muuss, 1976). Ele é considerado o pai da Psicologia da Adolescência e postula o conceito da teoria da evolução, do princípio da recapitulação. Para ele, as características de uma determinada idade no desenvolvimento do indivíduo equivalem a alguns estágios históricos primitivos do desenvolvimento do ser humano.

Para ele, são cinco os estágios do desenvolvimento: Primeira Infância (relacionada à fase animal do homem, quando este caminhava sobre as quatro

pernas, assim como o bebê que engatinha); Infância (momento onde a criança brinca de várias atividades, como esconde-esconde, fazer cabana, esconder-se, etc., e que está relacionado à cultura do homem das cavernas); Juventude (período em que a criança tem uma disposição maior para os exercícios, leitura, escrita, etc., e está relacionado à “vida monótona dos selvagens”) e, finalmente, Adolescência.

A Adolescência é descrita pelo autor como um período de *Sturn und Drang* (tempestade e tensão). A vida emocional do adolescente passa por um período de antagonismo, de oscilação entre sentimentos relacionados à energia, exaltação e hiperatividade e outros relacionados à indiferença, desprezo, depressão, melancolia, etc. Esta fase é relacionada ao período da história em que a sociedade passava por turbulências e transição. A última fase descrita por este autor é denominada adolescência terminal, onde o indivíduo recapitula o começo da civilização moderna; é o término do processo de desenvolvimento alcançando a maturidade.

Para Freud (1905), o indivíduo reedita parte de seu passado e não parte da história genética da humanidade. Para ele, na fase da adolescência, a sexualidade adulta se impõe à bissexualidade¹. Há, na adolescência, uma revivência inconsciente da situação edípiana, sendo a energia sexual agressiva e intensa. O desenvolvimento corporal e a sexualidade genital possibilitam a função reprodutora, o que torna as fantasias edípianas uma possibilidade real. O ego torna-se fragilizado e, para conter esses impulsos sexuais, utiliza mecanismos de defesa. O superego, diante de fantasias sexuais e eróticas em

¹ Todo ser humano tem disposições sexuais, tanto femininas quanto masculinas, que entram em conflito no momento da definição da identidade sexual.

relação aos pais, reforça suas defesas. Assim, o jovem vive essa situação de uma maneira angustiante e temerosa.

Para este autor, é durante a infância que a criança, através da identificação com os pais, estabelece os seus primeiros modelos relacionais interpessoais e heterossexuais. Assim, na adolescência, eles ressurgem. Se o conflito edipiano da infância teve uma solução satisfatória, na adolescência haverá uma maior aceitação da identidade sexual e da interdição frente aos desejos incestuosos. Por outro lado, se isso não acontece, o jovem pode sentir-se confuso, agressivo, angustiado, culpado, podendo autopunir-se, em função dos temores despertados pelas fantasias. Assim, nos seus relacionamentos com o sexo oposto, ela poderá viver intensa angústia e inibição.

Diferentemente de Freud, Otto Rank (1945), ao estudar a adolescência, coloca como secundária a questão da sexualidade. Estabelece o conceito de vontade individual, que se caracteriza como uma organização positiva e uma integração que guia o Eu. Para ele, é o ego que domina e dirige as forças do id e do superego, convertendo essa energia em força criativa, e, ao mesmo tempo, inibindo-os e controlando-os.

Numa tentativa de ter os impulsos fisiológicos sobre controle e manter sua independência conquistada com a adolescência, o indivíduo vai opor-se a qualquer dominação de elementos externos (pai, mãe, professores, leis, proibições). Assim, o adolescente torna-se incapaz de formar laços afetivos intensos, pois estes o conduziriam à dependência.

Em função desta luta pela independência, ele usará dois mecanismos de defesa: o ascetismo e a promiscuidade. Através deles, o adolescente evita o amor autêntico e mantém assim sua autonomia. Portanto, para o autor, a

conquista da independência através da vontade consciente é a grande aquisição da adolescência.

As idéias de Ana Freud (1986) foram influenciadas por seu pai, Sigmund Freud. Assim como ele, ela acreditava que são reeditadas na adolescência todas as etapas anteriores da sexualidade infantil.

Para esta autora, o processo fisiológico de maturação sexual está intimamente relacionado com a esfera psicológica. Com o início da puberdade, irá se desenvolver, no aparelho psíquico, um desequilíbrio. Na infância, todos os impulsos do Id são controlados pelo poder parental e pelo medo do castigo. Mas ao entrar no período de latência, há um declínio das forças instintivas. O ego, então, adquire novos conhecimentos, conteúdos e capacidades, tornando-se mais forte. Em função disso, o mundo externo deixa de exercer seu poder sobre o ego, mas os princípios morais impostos para a criança são internalizados, estabelecendo dentro do ego uma nova instituição, denominada superego.

Na pubescência², em função do processo fisiológico de maturação sexual, as forças instintivas do ego são redespertadas. O equilíbrio entre as instâncias psíquicas é destruído, causando um desequilíbrio psicológico, pois há uma mudança dos mecanismos de controle do externo para o interno.

Em função destes conflitos internos, há um aumento das tendências agressivas, do exibicionismo, das preocupações exageradas, da perversidade, etc. Para reconquistar este equilíbrio, o ego torna-se inflexível no seu desejo de preservar o caráter desenvolvido durante o período de latência. Nesta luta irá utilizar todos os mecanismos de defesa a que teve acesso na infância: reprime,

² Período de mais ou menos dois anos que antecede a puberdade (Stone & Churck, 1969).

desloca, nega. Essas defesas fazem com que os impulsos libidinais se voltem contra o eu, causando medos, ansiedades e distúrbios neuróticos. Mas, se as defesas do ego falham, há um sucesso parcial do Id, que vai aparecer através do comportamento agressivo ou criminoso.

Com a maturidade física sexual, ou seja, o começo da puberdade, verifica-se uma nova mudança, desta vez de caráter qualitativo. Os impulsos genitais tornam-se mais poderosos e, na esfera psíquica, vão surgir através de sentimentos, idéias de objetos e objetivos genitais.

Para Ana Freud (1986), existem dois extremos que podem pôr fim ao conflito: a) o id supera o ego, “não ficando vestígios de caráter prévio do indivíduo, e o ingresso na vida adulta será marcado por um tumulto de gratificações desinibidas do instinto” (p.127), b) O ego sai vitorioso e o que irá prevalecer é o caráter do indivíduo durante o período de latência. O id é confinado aos limites da vida instintiva da criança, e, para mantê-lo, será necessário utilizar vários mecanismos de defesa e sintomas.

Dentre os mecanismos de defesa que o ego pode utilizar, destacam-se dois: o ascetismo e a intelectualização:

1. O ascetismo, segundo a autora, está ligado a uma desconfiança de todos os desejos instintivos (e não somente os sexuais), como alimentação, o sono e os hábitos de se vestir.

2. A intelectualização relaciona-se principalmente com o estudo. O interesse deixa de ser concreto e passa a ser abstrato. Os impulsos agressivos e sexuais são transformados em interesses intelectuais.

Para Ana Freud (1986), os assuntos que os adolescentes debatem estão relacionados unicamente com os seus conflitos internos, mas elevados a um plano intelectual.

Podemos perceber que, para esses autores, as mudanças ocorrem em um nível interno. Eles não consideram o ambiente ou a interação de ambos.

Entretanto, autores como Winnicott (1997) consideram como fundamental o ambiente e a família para o desenvolvimento normal da adolescência. Para ele, a adolescência é uma fase que precisa ser vivida, onde cada um vai se questionar sobre o problema do existir, e sua cura vem com o passar do tempo.

Nesta fase, o adolescente vai alternar entre a rebeldia e a dependência, entre o isolamento e o estar em grupo e entre as experiências sexuais, principalmente no que diz respeito à masturbação. Suas necessidades serão: não aceitar falsas soluções, a luta para sentir-se real, estabelecendo uma identidade própria, ser rebelde, mas ter um ambiente que também aceite a dependência, apontar o antagonismo da sociedade e lutar contra ele. Em função disso, ele passará por vários colapsos psicológicos. Daí a necessidade do ambiente tolerar e cuidar dos jovens neste momento.

Para este autor, três mudanças sociais fundamentais alteraram o clima que envolve o adolescente: primeiro, as doenças venéreas, que não assustam mais; segundo, o desenvolvimento de técnicas contraceptivas; terceiro, a bomba atômica. Esta terceira mudança, para este autor, é a que causou maior impacto, já que o adolescente não precisa mais lutar pela sua pátria - sua agressividade fica restrita a barzinhos e brigas. Assim a adolescência é obrigada a se conter, e isso já é, em si, bastante violento.

Para Winnicott (1999), este padrão normal da adolescência pode se tornar patológico, a partir do momento em que houve na infância, uma falha ambiental precoce, ou seja, houve uma boa experiência inicial, mas ela se perdeu.

A privação traz um verdadeiro desapontamento, não uma simples carência. Há uma perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança e que foi retirado. Essa retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência. A partir disso, sempre existirá a busca do objeto, mas também um desejo de destruí-lo. A agressividade pode estar representando um pedido de socorro, uma esperança de reconstrução da instabilidade perdida.

Outro autor a estudar a adolescência foi Erickson (1976). Ele elaborou sua teoria do desenvolvimento a partir das idéias de Freud e da Antropologia Cultural. Segundo ele, o ser humano passa por oito crises psicossociais de desenvolvimento. Cada uma possui um conflito básico e, através da resolução desses conflitos, é que o indivíduo vai progressivamente desenvolvendo sua personalidade e constituindo seu eu.

Da mesma forma que Freud, Erickson (1976) acreditava que, na adolescência, são revividas todas as fases anteriores, cada qual contribuindo para a formação da identidade que se encerra nesta etapa.

Se na primeira fase a criança tinha uma grande necessidade de confiar nos outros e nela mesma, na adolescência isso reaparecerá através da busca de figuras de autoridades que despertem no adolescente confiança. Mas, paradoxalmente, isso virá acompanhado de desconfiança “sonora e cínica”.

Se na segunda fase a criança tinha a necessidade de autonomia, na adolescência isso irá aparecer através da oportunidade de decidir livremente sobre o dever e o serviço. Mas o que o adolescente teme nesta fase é sentir-se forçado a realizar atividades que o levem a duvidar de si mesmo ou que o façam sentir-se ridículo diante de seus pares. Se de alguma forma isso for sentido por ele, poderá optar entre escandalizar, fazendo exatamente o oposto daquilo que lhe é pedido.

Na terceira fase, chamada pelo autor de fase lúdica, existirá na criança uma imaginação ilimitada quanto ao que pode vir a ser. Isso será revivido na adolescência, através da confiança naquelas pessoas mais velhas ou em seus pares.

No período de latência, existe um desejo de fazer algo funcionar e funcionar bem. Na adolescência, isso ressurgue através da escolha da profissão. Esta terá como fim principal a realização pessoal e não somente a remuneração e o status.

Portanto, na adolescência os sujeitos estão voltados para a sociedade. Assim, para que possam lidar com essa revivência, acrescida agora da maturidade sexual, eles precisam de uma moratória. Essa moratória diz respeito a um período de espera, que terá variações individuais e culturais, que o adolescente vive antes de assumir os compromissos do mundo adulto. Neste momento, a sociedade precisa ser tolerante para que o jovem possa experimentar vários papéis.

Para este autor, quando o indivíduo se resolve nas três áreas de identidade - sexual (definição genetal de seu papel), profissional (que dará ao indivíduo a capacidade de se sentir membro da comunidade) e ideológica (deve

acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se) - ele poderá se projetar como um realizador.

A vitória desta formação de identidade é deixar o sentimento básico de que “eu sou” (Erickson, 1976, p.138).

Portanto, para este autor, a adolescência, enquanto crise de identidade, é um processo relacionado ao indivíduo, mas também à cultura da qual ele faz parte. Assim, o ego deve estar no comando, ser ativo e seletivo. Para isso, é necessário ter uma estrutura social que confira ao adolescente um lugar. Se o ego falha, haverá uma confusão de papéis e o sujeito não conseguirá estabelecer uma identidade pessoal coerente e integrada

Autores mais contemporâneos irão se referir à etapa da adolescência como um período de crise, marcado por perdas e lutos, que são necessários para que a criança abandone as identificações infantis e busque novos modelos.

Melmann (1999) vai definir a adolescência como “uma crise psíquica, onde o sujeito não encontra lugar onde viver seu gozo” (p.30). Para ele, é necessário pensar as questões subjetivas da adolescência a partir da forma como ela é tratada e considerada na cultura.

Para este autor, no momento em que o adolescente se descobre tendo um corpo (portanto, tendo o direito do exercício da função sexual), o social vai lhe dizer que ele ainda é incapaz. Assim, “ele é tomado entre, de um lado, essa exigência interna e, de outro, de um estatuto social que o subestima” (p.37). Este antagonismo pode provocar nos adolescentes comportamentos que, para este autor, podem ser de dois tipos: acting out ou de passagem ao ato. O primeiro, ele considera como pedidos de ajuda. Já no

segundo, o sujeito passa a acreditar que é necessário se virar sozinho e que nada há para se esperar.

Outro autor contemporâneo a estudar a adolescência é Calligaris (2000). Para ele, o indivíduo é, desde pequeno, treinado para respeitar e adotar os ideais da comunidade. Mas, na adolescência, quando ele está pronto para produzir, ganhar e amar, a autorização é postergada. Assim, o adolescente vive uma moratória. Isso causará rebeldia, porque ele percebe a contradição entre aquilo que a sociedade considera ideal, que é a autonomia do ser humano, e a continuação de sua dependência, que é imposta pela moratória.

Para este autor, a adolescência é mitificada. Existe em torno desta fase uma idealização social.

Colocamos, por último, as contribuições de Aberastury e Knobel (1981), não por serem menos importantes, mas por irem ao encontro de nossa proposta: estudar o adolescente através de uma perspectiva grupal.

Assim, Aberastury (1981) definirá a adolescência como “um momento crucial na vida do homem, constituindo uma etapa decisiva de um processo de desprendimento” (p.13). Para chegar ao fim deste processo, e ter como estrutura final a formação da identidade, o adolescente terá que passar e elaborar quatro lutos básicos:

1. Luto pelo corpo infantil: diz respeito à perda das características sexuais primárias, e juntamente com elas a perda da bissexualidade e a aquisição das características sexuais secundárias.

2. Luto pela identidade e papel de criança: o adolescente necessita renunciar à sua dependência perante o adulto e passar a assumir novas responsabilidades.

3. Luto pelos pais da infância: esse luto será vivido pelos pais, que terão que aceitar seu próprio envelhecimento, e pelos adolescentes, que tentarão reter na sua personalidade o refúgio e a proteção que os pais ofereciam na infância.

Partindo das idéias desta autora, Knobel (1981) vai colocar que, para o adolescente atingir a maturidade, ele vai passar por várias condutas “patológicas”, que foram denominadas por ele “Síndrome da Adolescência Normal”. Para o autor, esta Síndrome é um produto da própria situação evolutiva que o jovem passa e vai surgir da interação do indivíduo com o meio. Possui algumas características que são:

1. Busca de si mesmo e da identidade: será marcada por uma luta constante para chegar ao processo de individualização. Para isso, o adolescente irá buscar modelos de identificação que possam lhe fornecer parâmetros para estabelecer sua própria individualidade. A busca de si mesmo e de individualidade será marcada por transformações biológicas, físicas e psicológicas.

2. A tendência grupal: para buscar sua identidade, o adolescente vai recorrer à uniformidade enquanto mecanismo de defesa, pois isto lhe proporciona segurança e auto-estima. Esta uniformidade será encontrada no grupo. Assim, o adolescente transfere para o grupo a dependência mantida anteriormente perante a família.

Para o autor, o grupo tem uma importância transcendental, pois:

...constitui assim a transcrição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. O grupo resulta útil para dissociações, projeções e identificações que seguem ocorrendo

no individuo, mas com características que diferem das infantis.
(Knobel, 1981, p.37).

3. Necessidade de intelectualizar e fantasiar: ao viver as perdas (corpo, bissexualidade, pais infantis), o adolescente terá um sentimento de fracasso diante da realidade externa. Assim, ele utiliza estes mecanismos como forma compensatória.

4. Crises religiosas: são tentativas do ego para solucionar as crises de angústia. Para isso, o adolescente buscará identificações positivas. Ao aceitar as transformações de seu corpo e a separação dos pais, defronta-se com a morte, buscando, então, identificar-se com imagens idealizadas.

5. Deslocação temporal: o adolescente vive uma deslocalização temporal: para ele, o tempo será sempre presente e ativo, pois deseja manejá-lo. Lida com o tempo como se este fosse um objeto. Assim, pode manter vivo dentro de si a criança. Isto aparecerá através do sentimento de solidão que permite deixar de fora o tempo passado, futuro e presente.

6. A evolução sexual, desde o auto-erotismo até a heterossexualidade: surgirá uma permanente flutuação entre o caráter masturbatório e o início do exercício genital. O caráter sexual será mais exploratório e preparatório. Para poder chegar a uma posição heterossexual adulta, o adolescente poderá flutuar em ambos os papéis (homem/mulher).

7. Atitude social reivindicatória: isto surge porque o adolescente transfere para a sociedade a oposição que vive com os pais. Além disso, esta atitude é uma defesa egóica, pois a frustração sentida pelo luto aos pais da infância projeta-se no mundo.

8. Contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta: o adolescente neste período não tem uma linha de conduta determinada. Irá se expressar através da ação. Até o pensamento torna-se ação para poder ser controlado.

9. Separação progressiva dos pais: para alcançar sua identidade, o adolescente precisa ir se separando progressivamente dos pais. Isto será facilitado pelas mudanças biológicas e pela internalização de imagens parentais positivas.

10. Constantes flutuações do humor e do estado de ânimo: o adolescente tenta elaborar as perdas dos objetos através de mecanismos de projeção e de luto. Mas, ao falhar estas tentativas, as mudanças de humor surgem.

Podemos perceber que o autor apontará como uma das características da adolescência a tendência grupal. Sobre esta questão, Osório (2000) coloca que:

...pela tendência grupal manifestada pelos adolescentes, o grupo é a matriz dinâmica onde melhor podemos acompanhar e entender a expressão de seus conflitos, ensejando-lhes sua resolução dentro e pelo próprio grupo.

(p.79).

Ratificando esta idéia, Castellar (1987) vai apontar cinco razões para a psicoterapia de grupo com adolescentes: a) os adolescentes procuram agrupar-se naturalmente; b) agrupam-se para se sentirem menos expostos a críticas e também por uma necessidade psicológica de se diferenciarem dos adultos; c) confiam nas opiniões dos seus pares mais do que nas dos mais velhos; d) estar em grupo com pessoas de sexo diferente do seu lhes permite compreender o outro, desenvolvendo sentimento de

respeito e solidariedade; e) a vergonha por terem “problemas” se dilui ao verem que seus pares também os têm (p.88).

Freitas (1987) também compartilha desta mesma opinião, coloca que o grupo faz parte da vida humana, principalmente em momentos de transformação, como a adolescência. Este autor coloca que o grupo para o adolescente é:

“...um objeto transacional, enquanto permite aos adolescentes manter a ilusão de que pertencem a um sistema que, em grande parte, os protege da responsabilidade social e da diferenciação sexual (sexualidade genital), mas que, por outro lado, o inclui na sociedade como seres sociais e sexuais (adultos), como grupos (p.72).

O grupo surge como um espaço onde o adolescente pode se sentir seguro, testar novos papéis, elaborar seus lutos e ir formando sua identidade adulta.

Por essa importância dada ao grupo nesta fase da vida, ele será nosso objeto de estudo. Iremos, então, conceitualizá-lo e apresentar os postulados teóricos de alguns autores mais significativos da história da Psicanálise de Grupos.

1.2- Grupos: da conceitualização a algumas contribuições

Kaes (1976) coloca que o termo grupo vem do italiano “gropo”, sendo utilizado entre os termos técnicos na escola de belas artes para designar representações de vários indivíduos juntos em pinturas ou esculturas. Importada pela França, a palavra passa a designar um conjunto de elementos, categoria ou uma coleção de seres. Os lingüistas associam a expressão ao

termo *grop* (nó), vindo do alemão “*kruppa*”, que quer dizer uma massa arredondada.

Associando-se com a força que tem se observado nos grupos, vemos a idéia de “nó” como o laço que conecta os indivíduos, e a idéia de massa arredondada associa-se com a imagem do corpo, coeso, determinado e delimitado. A forma arredondada é ainda associada às glândulas seminais masculinas e sua imagem fechada em círculo ainda é uma forte representação da idéia de corpo, dentro e fora, especialmente em associação ao corpo materno.

Freud foi um dos autores que muito contribuiu para o desenvolvimento de uma psicologia de grupo, apesar de nunca ter trabalhado com grupoterapia. Muitas das suas idéias deram sustentação para o surgimento da teoria de grupo. Textos como: *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910); *Totem e Tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal estar na civilização* (1930) foram utilizados por muitos autores, como Bion (1961), Anzieu (1993) e Kaes (1976), para constituir o alicerce da teoria grupal.

Mas será no texto de 1921, *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, que o autor dará as maiores contribuições para o entendimento da técnica de grupo. Por esse motivo, daremos ênfase a ele.

Neste trabalho, o autor vai discutir a constituição do indivíduo a partir de duas vertentes: a psicologia individual e a social ou de grupo. Vai dar ênfase ao estudo dos relacionamentos interpessoais e dos fenômenos sociais.

Foca a psicologia das multidões (exército e igreja), tendo como objetivo discutir as mudanças que podem ocorrer no aparelho psíquico individual quando o sujeito está no grupo. Para ele, há um enfraquecimento do racional e

um aumento da impulsividade. O indivíduo atua muito mais pela ação e pela emoção, havendo uma diminuição do senso crítico e de responsabilidade. Em função disso, o sujeito não considera a realidade externa.

Através de processos identificatórios projetivos e introjetivos, as pessoas do grupo perdem a capacidade de se perceber enquanto ser individual, além de elegerem um líder que se tornará ideal e o responsável por todas as decisões do grupo. Através de um sentimento de ilusão grupal, os membros passam a achar que o líder é capaz de amar a todos sem distinção. A ilusão é uma formação reativa que surge no grupo pelo medo de serem exterminados ou rejeitados pelo líder ou mesmo pelos desejos dos membros do grupo de tomar o seu lugar.

Neste texto, o autor vai apontar que não existem diferenças entre a psicologia individual e social.

Para entender o processo grupal, o autor irá utilizar o conceito de Complexo de Édipo, mas autores pós-freudianos compreenderão as ansiedades e as formações psíquicas enquanto conflitos primitivos, ou seja, anteriores ao Édipo (Térzis, 2005).

Um desses autores será Foulkes. Na década de sessenta, ele e Antony (1967) vão definir o grupo enquanto uma matriz, onde estão emaranhados todos os seus membros. Para eles, a matriz de base representa o ambiente compartilhado. A matriz dinâmica surgirá no âmbito da matriz grupal e estará em contínua transformação. A matriz surgirá a partir da primeira experiência do indivíduo em grupo: a família.

Terzis (2005) coloca que os autores substituem o termo “mãe” por “matriz”. Com isso, simbolizam a imagem do ovário, ou seja, de um terreno fértil. Assim:

A mãe é aquela que gera uma determinada pessoa. A matriz é o ambiente comum onde é gerado um grupo ou uma multidão. A matriz é também o elemento em comum que facilita a comunicação entre os membros de um grupo: o grupo representa uma situação social na qual os participantes entram em contato, interagindo entre eles; a dinâmica opera a partir de uma matriz interpessoal comum (p.292).

Foulkes (1967) será o primeiro a perceber que o grupo traz sempre a idéia de força, de coesão, de terreno fértil. Se pensarmos na história do ser humano desde seus primórdios, ela existe em grupos, no coletivo.

Este autor será considerado o pai da Grupanalise e é o fundador da primeira Sociedade Analítica de Grupo. Para ele, o grupo é visto como um todo social e não apenas como a soma das partes. O grupo teria a função de remover as inibições sociais. O ser humano deveria ser sempre visto em sua rede de comunicação, portanto ligado a sua realidade exterior.

Foulkes (1967) traz uma visão de grupo comparada com uma sala de espelhos onde o individuo entra em confronto com sua imagem social, psicológica e corporal, vai também transpor para o grupo os principais referenciais psicanalíticos como a transferência, a associação livre, as fantasias inconscientes, os mecanismos de defesa, as interpretações a nível inconsciente.

Um conceito importante deste autor é a ressonância grupal. É quando um paciente traz um fato significativo e isso irá ressoar nos demais membros do grupo, estabelecendo uma comunicação inconsciente entre todos.

Outro autor a contribuir para o desenvolvimento da psicoterapia de grupo foi Bion (1961). Para ele, o ser humano é um ser social, que vive em grupo, portanto tem internalizado dentro de si os fenômenos grupais. O autor dirigirá sua atenção para os pequenos grupos, o que demarca uma primeira diferenciação com Freud. Outro ponto em que Bion (1961) vai se diferenciar de Freud será a forma pela qual entende o grupo. Freud se interessa em saber se o Complexo de Édipo poderia ser considerado um fator de base para a psique do indivíduo, assim como para a estrutura do grupo. Bion (1961) vai dirigir sua atenção para níveis mais primitivos da vida mental, chegando a concluir que não é possível compreender os fenômenos de grupo tomando como exemplo Édipo e as ligações familiares.

Para o autor, existirão dois níveis de funcionamento mental no indivíduo (consciente e inconsciente). O primeiro ele chamará de grupo de trabalho ou tarefa. Está a serviço do princípio de realidade, portanto, opera a partir do processo secundário. Este nível requer o desenvolvimento das funções egóicas das pessoas que participam do grupo, pois tem como objetivo o desenvolvimento de uma tarefa.

A segunda mentalidade de grupo descrita por Bion (1961) é denominada mentalidade primitiva. Ela corresponde à tendência de dar respostas imediatas; funciona obedecendo às leis do inconsciente, portanto, do processo primário.

Para o autor, as tentativas feitas pelos seres humanos reunidos em grupo para desenvolver um trabalho podem ser perturbadas pelo surgimento

de pensamentos e emoções que se encontram enraizados em fantasias. Estas têm por objetivo evitar as frustrações, funcionando como um mecanismo de defesa. São três as fantasias, denominadas por ele “supostos básicos”, que podem penetrar na mentalidade primitiva: de dependência, luta e fuga e de acasalamento.

No primeiro, de dependência, predomina a idéia de depender totalmente de um chefe ou guia absoluto. Assim, o terapeuta é vivenciado como tendo poderes mágicos, que irá satisfazer as necessidades e desejos de todo o grupo. O grupo permanece passivo e perde seu juízo crítico. Predomina a culpa e a depressão.

No suposto básico de luta e fuga, o grupo tem dificuldade de se constituir enquanto tal e se forma somente para se ocupar da própria conservação. Esta depende exclusivamente do comportamento de atacar em massa o inimigo ou evitá-lo. O inimigo pode ser um objeto interno ou externo, como uma idéia má, uma situação catastrófica ou mesmo a perda de controle. Predomina o ódio e os aspectos destrutivos.

Já o terceiro suposto básico - acasalamento - predomina no grupo uma crença coletiva e inconsciente de que os problemas e dificuldades do grupo serão solucionados por um salvador. Portanto, existe uma esperança messiânica.

É importante frisar que sempre existirão essas duas modalidades de funcionamento, que implicam em um conflito permanente implantado e sempre recorrente dentro do grupo. Será este conflito que causará transformações no grupo.

Para Bion (1961), somente quando o aspecto evoluído entra em ressonância com o primitivo, tirando-o de seu isolamento, é que ocorre o verdadeiro desenvolvimento do grupo e da personalidade do indivíduo.

Na década de sessenta, autores como Pontallis (1963), Anzieu (1993) e Kaes (1976), oriundos da escola francesa, trarão grandes contribuições para a metodologia científica de grupos ao estabelecerem que os grupos se constituem dentro de um referencial corporal.

Pontallis (1963) será o primeiro a colocar que o grupo representa a imagem de um corpo, daí a idéia do grupo enquanto um organismo vivo, possuindo emoções que governam sua existência. Portanto, o grupo não é apenas uma reunião de pessoas quando, a partir do aparelho individual, constitui-se um aparelho psíquico grupal (Kaes, 1976).

Para Pontallis (1963), esse “organismo-grupo” não é um objeto real, concreto, mas um objeto representado, ou seja, na mente de seus membros ele representa a imagem de um corpo. Esta noção de grupo-objeto surgiu a partir de estudos que o autor realizou sobre as práticas e teorias relativas a dinâmicas de grupo e psicoterapia de grupo.

O autor vai dissipar as confusões estabelecidas entre as ações interpretadas e observadas e a ideologia. Para ele, os modelos que se propunham nos grupos eram cada vez mais genéricos e normativos; as decisões eram controladas, obtendo-se uma eficácia de procedimentos a serem cumpridos. Assim, a finalidade dos grupos constituía-se em viver e morrer, utilizando sua energia para superar obstáculos. Também coloca que a literatura sobre os pequenos grupos estava muito mais dirigida para a ideologia do que para qualquer outro campo da psicologia. Começou a observar que a

existência em grupo desencadeava certo número de emoções e atitudes que os diversos modelos teóricos tinham a função de ocultar.

A partir disso, propõe a noção de grupo enquanto objeto-representado.

Anzieu (1993) vai defender a tese segundo a qual o grupo é um sonho. Este autor parte das idéias de Freud de que o sonho é a realização alucinatória de um desejo e passa a considerar que as pessoas vão aos grupos para realizarem desejos. O autor tentará explicar como o grupo opera de uma forma fantasmática na vida das pessoas, informando-lhes imagens, devaneios e todo o comportamento humano.

Dando continuidade a essas idéias, Kaes (1976) vai propor que as pessoas se dirigem ao grupo para sentirem um corpo imaginário, onde podem ser amadas, buscando uma unidade perdida no nascimento. As pessoas procuram no grupo reviver o desejo de se fundirem ao corpo materno. Para este autor, assim como para Anzieu (1993), o grupo é um lugar para a manifestação de desejos reprimidos e é a representação da imagem de um corpo - o corpo materno.

Freud (1921), em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, vai propor que na mente das pessoas estariam depositadas certas representações psíquicas que governam suas vidas em grupo. Kaes (1976), utilizando-se deste conceito, coloca que são essas representações que vão permitir ao indivíduo construir a imagem do grupo enquanto corpo materno.

Ele denominou essas representações Organizadores Psíquicos Grupais e Organizadores Psíquicos Socioculturais. O primeiro diz respeito às formações inconscientes de caráter grupal, ou seja, cada membro do grupo tem depositada em sua mente a representação que faz do objeto-grupo. Assim,

eles utilizariam estes Organizadores para representar um grupo e estabelecer as relações de objeto entre os membros de um grupo e entre o próprio grupo. O objetivo final destas relações de objeto seria a satisfação pulsional dos seus membros.

O autor coloca que podem existir quatro Organizadores Psíquicos Grupais:

1. **A imagem do corpo:** O grupo representado como um organismo ou parte de um organismo. A representação do grupo como corpo oscila entre duas tentativas: a de ser corpo (existir), na busca de garantias contra o sentimento de inexistência, de exclusão, e a de fazer corpo (unificar-se), reconstruir uma unidade constantemente ameaçada pelos perigos internos e externos. Ser corpo em grupo é fazer corpo contra a angústia de separação e do temor de não ter assegurado um lugar dentro de um conjunto. Portanto, a forma do grupo está baseada neste organizador. Se ocorrer uma ameaça de fragmentação, cisão, o grupo se organizará no sentido de criar um corpo grupal (Kaes, 1976). O objeto-grupo é representado pelo corpo materno, simbolizando o desejo de regresso ao útero, que tem a representação de uma barreira protetora contra agressões e danos exteriores.

2. **As fantasias originárias:** é a referência às origens, ao objeto perdido. É um reviver das questões relacionadas à sexualidade. As fantasias originárias são:

- Fantasias intra-uterinas: A fantasmagoria intra-uterina assinala o desejo de regressar ao ventre materno para fugir da realidade exterior.

- Fantasia da cena primária: são interpretações das relações sexuais entre os pais. Esta fantasia organiza a representação do grupo como coito interrompido; os membros do grupo representam, deste modo, ao mesmo tempo e em uma mesma figura combinada, a mãe, o pai e os filhos – o grupo é uma família.
- Os fantasmas de sedução: trata-se da encenação de sinais sexuais desejados e temidos pelo sujeito.
- Os fantasmas da castração: constituem-se como representação da angústia suscitada pela ameaça da perda do pênis, formam uma resposta ao enigma da diferenças do sexo.

3. **Os complexos familiares e as imagos parentais**: o grupo é representado através das relações construídas dentro do grupo primário, que é a família, ou seja, o grupo mobiliza o princípio da repetição das relações familiares, sua estrutura libidinal, as identificações, seus conflitos e angústias.

A imago é uma representação inconsciente que funciona como uma entidade paradoxal e organiza imagens e pensamentos. A primeira imago, referente ao complexo de desmame, é a imago do peito materno. É um esquema imaginário adquirido, uma vivência imaginária sobreposta das imagos (materna, paterna, familiares) sobre as situações familiares e sociais.

A imago materna favorece manifestação do Ego Ideal, dos objetos parciais, como o seio bom e o seio mal; a imago paterna se favorece pela onipotência do pensamento, pela intelectualização, pelo predomínio da lógica e da razão, demarcando o ideal de Ego; a imago fraterna, por sua vez, mobiliza a cooperação, a igualdade, mas, para isso, impõe ao líder a necessidade de

amar a todos de uma forma igualitária, enquanto que, no grupo, é despertada a competição e a rivalidade (Anzieu, 1993).

4. **Aparelho psíquico individual:** as instâncias do aparelho psíquico individual seriam aplicadas no grupo. A hipótese básica desta representação determina que temos um conhecimento subjetivo de nosso psiquismo, que permite a representação do grupo como a estrutura das instâncias psíquicas. Seria um conhecimento endopsíquico, ou uma percepção do grupo internalizado, que permite a construção de um aparelho psíquico imaginário. Por fim, podemos dizer que o aparelho psíquico possui uma estrutura grupal, a partir das imagens e objetos internalizados que se relacionam constantemente em nosso psiquismo.

Os Organizadores Psíquicos Socioculturais consistem nas figurações de modelos (práticos e teóricos) de relações interpessoais, grupais e coletivas. Sua finalidade maior não é a de designar lugares concretos e históricos da existência grupal, mas de proporcionar imagens coletivas míticas e proféticas. Os Organizadores Socioculturais resultam da elaboração social da experiência das diferentes formas de grupalidade, sendo, portanto, influenciadas pelos Organizadores Psíquicos. Funcionam como um código cultural próprio de uma sociedade, assumem função social na medida em que organizam a internalização coletiva dos modelos de referências grupais e interpessoais. Cumprem, assim, função psíquica, sobretudo ao proporcionar modelos identificatórios.

São subdivididos em três:

1. **Modelo Cristão:** é representado pelo mito dos doze apóstolos; companheiros, testemunhas do feito e discípulos de Cristo, do líder. O grupo

recebe uma responsabilidade, delegada e investida a ele a partir da escolha de um líder representativo, e organiza-se ao redor de uma missão evangelizadora, divina e importante. Requer de seus membros uma renúncia aos parâmetros anteriores, externos ao grupo, e uma adesão completa a ele. Este modelo levou, inclusive, à criação de estruturas piramidais rígidas, como é o caso da Igreja. Foi herdado, inclusive, por estruturas que representaram um rompimento com a Igreja, como a democracia burguesa ou a jacobina, o sindicalismo e algumas utopias socialistas, todos estruturados sobre este mesmo modelo piramidal de organização.

2. **Modelo Hebraico:** neste modelo, o grupo refere-se a um deus único, e o povo designa a si próprio como o povo escolhido ou prometido. Por esse deus rezam, velam e mantêm sua rigidez de conduta. Caracteriza-se pela determinação do grupo por uma relação sanguínea a partir do tempo das doze tribos, e determina profetas que testemunham a verdade e existência desse deus. O culto e as regras consistem em afastar o povo de suas tentações idólatras. Este modelo de grupo caracteriza-se pela fantasia de um conjunto autônomo, definido por um deus - por seu Deus. Este modelo se opõe ao modelo cristão em sua vocação evangelizadora, voltada para fora, para o exterior do grupo. No modelo hebraico, tratamos de grupos fechados, grupos caracterizados por seu isolamento do resto do mundo, constituindo-se em comunidades com seus próprios costumes e leis.

3. **Modelo Igualitário:** está baseado no mito dos Argonautas. Este mito desenvolve a idéia de um grupo formado por iguais, como a estrutura dos Cavaleiros da Távola Redonda. Trata-se de uma fantasia de auto-gestão, onde a fratria e as imagos parentais mantêm uma relação de correspondência e

igualdade. Identifica-se por sua estrutura semelhante a um objeto redondo, circular, gerado ou determinado pelo próprio grupo. Seus membros são vistos como heróis no meio do povo, pois realizam proezas que nenhum outro grupo jamais se imaginou fazendo.

Estes são alguns autores que contribuíram para o desenvolvimento da história da Psicanálise de Grupo. É óbvio que esta história é muito maior do que a apresentada aqui, mas falar sobre toda ela excedia nossos objetivos. O que penso ser importante neste momento é falar sobre alguns psicanalistas brasileiros de grupo, que irão estudar um grupo específico: os adolescentes.

No Brasil temos, dentre muitos, três psicanalistas atuais, que têm dado importantes contribuições ao estudo de grupos de adolescentes, são: Castellar (1987), Zimmerman (2000) e Osório (2000).

Seguindo os conceitos de adolescência desenvolvidos por psicanalistas que trabalham individualmente, todos colocarão a importância que o grupo terá para essa faixa etária, pois dentro do grupo é possível trabalhar a crise que o adolescente vive (perdas e lutos).

Os autores darão ênfase à forma como é feita a seleção dos integrantes do grupo, assim como a importância da faixa etária (púberes, entre 13 e 15 anos; adolescentes intermediários, dos 16 aos 18 anos, e os adolescentes tardios, de 19 anos em diante), pois cada uma vai ter uma forma específica de enquadramento e manejo técnico.

Sobre este assunto, Osório (2000) coloca que:

Nos grupos de púberes, há uma marcada dificuldade na verbalização e as defesas preponderantes são fóbicas e obsessivas; nos grupos de adolescentes intermediários, a

verbalização é mais fluente, mas o uso maciço da intelectualização como defesa predominante bloqueia o acesso aos níveis mais profundos do psiquismo e, finalmente, nos grupos de adolescentes tardios, a verbalização direta do material conflituoso e a possibilidade de insight são maiores (p.81).

Segundo Castellar (1987), qualquer grupo necessita de um tempo para estruturar-se e o de adolescentes não é diferente. Num primeiro momento, os adolescentes estarão muito mais reunidos do que agrupados e poderá surgir o sentimento de desconfiança. Em função do seu referencial familiar e social, eles funcionarão no grupo seguindo esses modelos. Com o passar do tempo, conseguem estabelecer vínculos, trocam experiências, surgem as transferências, e assim teremos *“um grupo que desenvolverá uma linguagem própria, além de uma forma peculiar de se enfrentar com os problemas e conflitos”*. (p.93).

Os autores são unânimes em colocar que uma das formas de comunicação num grupo de adolescentes é a não-verbal, ou seja, o uso de acting out. Portanto, neste trabalho, tentaremos entender como essas atuações surgem no grupo. Nosso próximo passo, portanto, será conceitualizar o acting out.

1.3- Acting out: o conceito visto sob a perspectiva individual e grupal

Será no texto Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (Freud, 1905) que Freud vai, pela primeira vez, descrever o acting out. Neste texto, o autor vincula as ações da paciente com os sentimentos transferenciais. Diz ele:

“Desse modo, a transferência apanhou-me desprevenido e, devido ao que havia de desconhecido em mim que a fazia lembrar-se de Herr K., ela vingou-se em mim como desejara vingar-se dele, abandonando-me do mesmo modo como se sentira enganada e abandonada por ele. Assim, ela atuou (agiert) uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento” (p. 115).

D. Rosenfeld (1994) coloca que, neste texto, o autor “*usou uma palavra menos comum - agieren (que também quer dizer o act/agir, mas com uma conotação levemente mais enfática) - de uma maneira técnica ou específica*” (p.188).

Mas será em Recordar, Repetir e Elaborar (1914) que o conceito surge de uma forma clara:

...Podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atuação (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo. Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava mostrar-se desafiante e crítico com respeito à autoridade de seus pais; em vez disso, comporta-se desta maneira para com o médico... (p.196).

Neste trabalho, Freud não faz nenhuma diferença entre os termos atuação e repetição, mas assinala que a repetição está intimamente ligada à transferência:

Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado

esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual (p.197).

H. A Rosenfeld (1965) faz uma distinção entre atuações parciais e atuações excessivas ou totais. Para ele, o primeiro tipo faz parte de qualquer análise e elas estão intimamente relacionadas com a transferência, enquanto o segundo está relacionado com a intensidade da resistência. Será então na segunda parte de seu trabalho que Freud (1914) tratará deste assunto: “*quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (acting out) substituirá o recordar...*” (p.197). Diferentemente de H. A Rosenfeld (1965), Freud (1914) não faz este tipo de distinção pois, logo em seguida, ele associa a transferência com a resistência:

“Mas, se à medida que na análise a transferência se torna hostil ou excessivamente intensa e, portanto, precisando de repressão, o recordar imediatamente abre caminho à atuação” (p.198).

Para Freud (1914), a transferência será a reativação de experiências passadas: “... a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e a repetição é uma transferência do passado esquecido...” (p.197).

Sobre o acting out Freud se questiona:

Podemos agora perguntar o que é que ele repete ou atua (acts out) a resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta - suas

inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas no decurso do tratamento (p.198).

Neste momento, Freud coloca que o acting-out, assim como o sintoma, seria o retorno do reprimido, que surge através de uma comunicação não-verbal, de um ato, onde o paciente atua para poder recordar.

É importante entender aqui que, quando o autor diz “*o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o... sem naturalmente saber o que ele está repetindo*” (Freud, 1914, p.196), e quando diz “... *não pode fugir a esta compulsão de repetição; e, no final, compreendemos que esta é sua maneira de recordar*” (Freud, 1914, p.197), ele está demarcando dois momentos importantes do acting: o primeiro, segundo Berlim (1997), está vinculado ao princípio do prazer. É uma tentativa do paciente de obter gratificação de desejos eróticos e infantis. Aqui o acting caracteriza-se como uma resistência. Já no segundo, a própria ação substitui o recordar, e está relacionado com acontecimentos reais ou fantasias vividas num período infantil muito primitivo, portanto não faz parte do pensamento, só podendo ser recordado através da ação.

Para Francisco (1991), a atuação está relacionada com a repressão:

...são impulsos que se soltam sob a forma de uma conduta. O acesso à verbalização e a integração deles ao Ego passa, previamente, por esta forma de irrupção. As vivências contratransferências são mais leves, menos ameaçadoras... O analista as vive como um pedido de socorro, uma busca de entendimento, nunca como uma ameaça de aniquilamento ou de catástrofe. (p.294).

Perceber quando um acting é usado como forma de comunicação ou quando ele é um ataque ao vínculo analítico vai depender “*da habilidade de decodificação que o analista possuía no momento*” (D.Rosenfeld, 1989, p.301). Além disso, o psicanalista deve avaliar o processo analítico como um todo.

Ampliando suas concepções sobre o acting out, em 1920, Freud vai reafirmar que ele é uma repetição do passado reprimido, mas vivido de forma atual na transferência e, além disso, vai associá-lo à sexualidade edípica infantil:

...o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado. Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do Complexo de Édipo e de seus derivativos, e são invariavelmente atuados na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico... (p.31).

O autor mantém esta postura até o fim de sua obra. Isto fica claro em seu texto *Esboço de Psicanálise* (1940):

Achamos muito indesejável que o paciente atue fora da transferência, em vez de recordar. A conduta ideal para nossos fins seria que ele se comportasse tão normalmente quanto possível fora do tratamento e expressasse suas reações anormais somente na transferência (p.204).

Para o autor, acting é sempre uma ação destinada à pessoa do analista por causa da transferência:

Outra vantagem ainda da transferência é que, nela, o paciente produz perante nós, com clareza plástica, uma parte importante da história de sua vida, da qual, de outra maneira, ter-nos-ia provavelmente fornecido apenas um relato insuficiente. Ele a representa diante de nós, por assim dizer, em vez de apenas nos contar (Freud, 1940, p.203).

D. Rosenfeld (1989), usando um conceito de Lagache, coloca que esta representação é como uma representação teatral. Diz ele:

... é apresentar no teatro o mesmo roteiro, o mesmo script várias vezes, num cenário no qual se desenvolve um drama do passado. Isto reatualizado pelo psicanalista. É necessário um crítico teatral (o psicanalista) que ponha estas ações em palavras e decodifique tudo o que querem dizer para ele (p.300).

Tanto no texto de D. Rosenfeld (1989) quanto no de Freud (1940), o acting está ligado à transferência enquanto uma expressão desta. E a transferência é vista enquanto uma repetição do passado. A repetição pode ocorrer quando o paciente tenta reviver afetos reprimidos, depositando-os sobre a pessoa do analista ou atuando através de atos. Portanto, ambos *“têm origem na compulsão à repetição e constituem variantes da transferência. O conceito de acting, portanto, fica incluído no conceito de transferência como sendo uma repetição, e que se manifesta em ação”* (Berlim, 1997, p.428).

Para Francisco (1991), o acting out por repetição, se daria através da identificação projetiva:

...são experiências mentais anteriores à instalação de uma instância repressora. O impulso, neste caso, ao não encontrar a satisfação buscada, no encontro com o objeto, geraria uma situação de não-integração (não criaria o desejo)... O resultado desta experiência malograda seria a continuação do impulso em busca da satisfação não obtida (repetição), acrescentada de frustração com o objeto anterior, sob a forma de distorção de objeto atual. A projeção da frustração anterior na experiência com o objeto atual é que cria a idéia de uma experiência que não ficou integrada, não gerou uma assimilação psíquica, e sim, gerou uma situação anômala que transborda (alucinatoriamente) para a realidade externa do sujeito. (p.298).

Para este autor, a projeção se dará na relação transferencial. Portanto, será a capacidade do analista de interpretar este tipo de atuação que possibilitará ao paciente elaborar e integrar suas frustrações, caminhando para um funcionamento mental onde predomine a repressão.

Ferrão (1967), utilizando-se das idéias de Bion, também irá associar o acting com a identificação projetiva. Para ele, acting é:

Uma ação motora, geralmente organizada, que expressa e objetiva uma fantasia onipotente de identificação projetiva, tendo esta última a finalidade de diminuir o incremento de tensão psíquica, pela evacuação de partes do "self" e objetos internos, envolvidos no conflito intolerável, e que surge quando há incapacidade para pensar (p.193).

Freud não irá trabalhar esta relação do acting com a identificação projetiva, mas ele vai correlacioná-lo, como vimos, com a transferência, com o recordar, com a repetição e finalmente com a resistência.

Portanto, “se o *acting* é uma forma de transferência, pode-se concluir que o *acting out* é também uma forma de resistência” (Berlim, 1997, p.429). Para o autor, a resistência na situação terapêutica é uma forma de defesa contra a recordação. Ele associa o *acting* à resistência transferencial, que não é usada contra a tarefa analítica, mas faz parte dela.

Podemos perceber que Freud não vai distinguir entre transferência e *acting out*, mas vai salientar que o *acting* só pode ocorrer na relação analítica através da transferência. Paiva (1968) classificará este tipo de ação como “*atuação transferencial*” (p.62).

No texto de 1914, Freud coloca que, para evitar atuações dos pacientes, é necessário o tempo todo exercer pressão sobre eles, com o objetivo de fazê-los recordar e não atuar, e ao mesmo tempo sugere a proibição de qualquer tipo de atividade nova importante enquanto o paciente estiver em análise.

Mas, é consenso hoje entre os analistas que escrevem sobre o assunto (Fenichel, 1945; D. Rosenfeld, 1989; H. A Rosenfeld, 1965, entre outros) que o *acting*, enquanto uma reativação das situações passadas, faz parte do material a ser trabalhado em análise, e que ele irá surgir, tendo que ser recuperado através da palavra. Quando isso acontece, D. Rosenfeld (1989) diz:

...pode-se ver o paciente relatar a si mesmo com voz alta e com suas próprias palavras e vivenciar emoções e explicar retrospectivamente, não importa o tempo que tenha transcorrido, determinados *actings-out* com seus motivos, as suas fantasias e desde a perspectiva da sua parte adulta (p.301).

Todos os autores citados até agora vão sempre associar o acting com a situação analítica enquanto uma manifestação da transferência, mas, em 1939, Freud, em seu texto “Moisés e o monoteísmo”, onde descreve como os judeus abandonaram Moisés, nos fornece uma possibilidade de entendermos a atuação fora da relação transferencial, diz: *“tratou-se de um caso de atuação ao invés de recordação, como sucede tão amiúde com os neuróticos durante o trabalho de análise”* (p.109).

Após Freud, outros autores contribuíram para a evolução e ampliação do conceito. Klein (1932) vai colocar que:

“... o menino, ao obedecer a suas fantasias sádicas, não só está atuando sob uma intensa pressão da ansiedade, senão que o domínio da ansiedade se transformou em seu maior prazer”.
(p.294).

Em 1952, ela, assim como Freud, vai associar o acting com a relação transferencial, a qual vai reativar a repetição de situações passadas:

O paciente tem que lidar com conflitos e ansiedades reexperimentados com o analista mediante os mesmos métodos que empregou no passado. Isto é, se afasta do analista assim como se afastou dos seus objetos primários: procura cindir sua relação com ele, conservando-o como uma figura boa ou má; desvia certos sentimentos e atitudes experimentadas com o analista para outras pessoas de sua vida habitual, o que constitui uma parte do acting out (p.437).

H. A Rosenfeld (1965), utilizando os conceitos de Klein(1952), coloca que a forma do acting (excessiva ou parcial) vai depender de como o sujeito se

afastou do objeto primitivo (seio). Se o afastamento se deu de forma agressiva, acompanhado de ansiedades paranóides, haverá uma menor tolerância para as frustrações e uma fixação na posição esquizoparanóide. Isto será revivido na análise através de atuações excessivas do paciente. Mas, se o afastamento do seio se deu de forma menos hostil, haverá atuações parciais, desde que elas sejam compreendidas e interpretadas. Aqui, a ansiedade paranóide não foi tão excessiva e a divisão entre o objeto (bom/mal) não será vivida de forma rígida. O bebê sente culpa e depressão, entrando então na posição depressiva, pois percebe que o objeto que ama é o mesmo que odeia. A partir disto, há um temor de perder o objeto amado. Com isso, ele sente uma capacidade maior de amar e introjetar o objeto bom, tendo uma maior capacidade de tolerar a frustração. O paciente, assim, pode, na infância, afastar-se do objeto primário e voltar-se para um objeto secundário sem sentir o primeiro como inteiramente mau. Dessa forma, durante o tratamento analítico, o paciente:

...mesmo quando se mostra cheio de hostilidade contra o analista por um motivo ou outro, e realizando, por conseguinte, atuações ao se voltar para o mundo exterior em busca de objetos bons, tal paciente retém certa relação boa com o analista e, conseqüentemente, certa compreensão e cooperação na análise. Em tais circunstâncias, pode-se elaborar a transferência negativa sem atuações desastrosas (H. A Rosenfeld, 1965, p.230).

Evoluindo em seu conceito, Klein (1957) vai associar o acting a uma defesa contra a ansiedade e a integração: *“no meu conceito, a atuação, na medida em que é empregada para evitar a integração, torna-se uma defesa*

contra as ansiedades despertadas pela aceitação da parte invejosa do eu”.
(p.105)

Anna Freud (1986), em *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, vai colocar que o acting é uma forma de transferência. Ela pontua três tipos: transferência do impulso libidinoso, transferência da defesa e atuação na transferência.

Para esta autora, a atuação na transferência se dará quando houver na relação analítica um aumento da transferência. A partir disso, o paciente passa a burlar as regras do tratamento, atuando os impulsos instintivos e as reações defensivas que estão contidos em seus afetos transferidos.

Diferentemente de Freud, ela não dará ênfase, na situação analítica, ao recordar, mas, sim, ao reviver da experiência emocional e o repetir (acting out) na transferência, pois irá associar o acting a uma perturbação nas primeiras interações mãe e bebê, portanto, a fases mais primitivas do desenvolvimento. Para ela, o que foi esquecido pertence ao período pré-verbal e, portanto, não faz parte da organização do ego, só podendo ser repetido e atuado no comportamento.

Fenichel (1945) define o acting como uma ação que:

Alivia inconscientemente a tensão interna e produz uma descarga parcial dos impulsos rechaçados. A situação propicia a oportunidade de descarga de energia reprimida, a catexia se desloca das lembranças reprimidas para o derivado presente, e este deslocamento permite a descarga (p.296).

O autor destaca que o acting é geralmente uma ação organizada e não um simples pensamento, movimento, gesto ou expressão mímica isolada. Para ele, o acting vai estar sempre associado com fixações orais e dificuldades do

sujeito em lidar com frustrações. Aqui o autor se diferencia de Freud, pois a ênfase recai na fixação e na intolerância à frustração.

Para Fenichel (1945), é possível formular algumas precondições para o acting out: a) disposição autoplástica (talvez de natureza constitucional); b) fixações na oralidade, intensa necessidade narcisista e intolerância às tensões; c) traumas primitivos (p.300-301).

Greenacre (1950) vai concordar com as idéias de Fenichel (1945), mas acrescenta dois outros fatores: ênfase na sensibilização visual, que produz uma tendência à dramatização e uma crença inconsciente na magia da ação.

Para a autora, pacientes que produzem acting na situação analítica terão, durante estes períodos, deformações na linguagem, na comunicação. São pacientes que apresentam um intenso exibicionismo, deformação da realidade e o emprego da magia.

Para ela, estes pacientes também apresentarão fixações na fase oral, pois foram frustradas oralmente, e expressarão suas angústias através da ação exacerbada, além de possuírem pouca tolerância à frustração e um narcisismo exagerado. Aqui também a ênfase não será dada à relação transferencial, mas à frustração.

Berlim (1997) coloca que:

... tanto Fenichel quanto Greenacre vinculam o acting out às vivências primitivas do indivíduo, onde a frustração teria um papel preponderante. Mesmo que estes autores não reforcem a importância da relação transferencial como central na existência do acting out, fica compreensível que a frustração vivida com o analista deveria ser marcante para que se desencadeasse um acting out. (p.432).

Para Silverberg (1955), o acting é uma dramatização da transferência. Para ele, o que o paciente apresenta na transferência é a memória de uma experiência traumática que não pode ser verbalizada. A repetição da ação é uma tentativa do paciente de restaurar o desamparo da experiência traumática original. Além disso, para ele, o acting é uma forma de resistência e um ataque contra o “insight”.

Em 1956, Bion, estudando pacientes severamente perturbados e dando continuidade às idéias de Klein, salienta que as atuações destes tipos de pacientes são uma defesa contra ansiedades depressivas. Existe uma dificuldade do paciente em chegar à posição depressiva, portanto, uma dificuldade para o uso do pensamento verbal.

Bion (1962), utilizando-se do conceito de “função alfa”, coloca que esta é o que transforma as impressões sensoriais e emocionais em elementos-alfa, que são disponíveis para os pensamentos oníricos, para o pensamento inconsciente de vigília e para o pensar consciente. Quando há uma falha na função, e isto acontece quando há incapacidade primária ou secundária para tolerar frustrações, as experiências se tornam “elementos beta”, isto é, as impressões sensoriais que o indivíduo capta e as emoções tornam-se imodificadas e são sentidas como coisas e não fenômenos. Assim esses elementos serão evacuados através da identificação projetiva e do acting out, e não do pensamento. O paciente atua para expressar experiências e fantasias pré-verbais primitivas.

Fazendo uma ponte de como isto surgirá na análise, Ferrão (1967) coloca que:

Na situação analítica isto corresponde à impossibilidade de desenvolvimento do “insigh”, que é aprender com a experiência analítica, corrigir as deformações do aprendizado nas experiências com os objetos primários e poder pensar e verbalizar as comunicações intrapsíquicas e interpessoais (p.185).

Utilizando sua idéia de evacuação, Bion, em 1965, vai postular que alguns pacientes vão depositar no analista seus sentimentos invejosos e que isto irá aparecer através do que ele denominou “acting out de rivalidade”. O paciente tentará, o tempo todo, provar que suas ações são superiores à técnica analítica.

Portanto, para Bion, o acting é uma defesa contra a ansiedade, mas também uma forma de descarga, de evacuação (alívio da tensão).

Jacobson (1957) coloca que a resistência do paciente a recordar é uma forma de negação, que se dá através da ação. A negação do recordar também surge com a distorção da realidade e a magia da ação. Além disso, para esta autora, pacientes que produzem muito acting necessitam negar sua dependência de uma mãe ativa arcaica e da realidade, negando o próprio desamparo através da ação.

Kestenberg (1968) possui uma visão diferente dos outros autores. Para ela, o acting seria uma tentativa do paciente de viver com o analista uma situação relacionada com a mãe e com a fase pré-genital. Coloca que o paciente, numa tentativa de negar a frustração da relação analítica, tenta induzir o analista, através da transferência, a atuar para satisfazer seus próprios desejos, ou seja, fazer do analista um protetor da tensão, que é intolerável, assim como um dia a mãe foi. Diz ela:

Há um período de desenvolvimento normal na fase pré-edípica onde a tensão experimentada pela criança é tamanha que ela é incapaz de suportar, sem que tenha a mãe ou um objeto acessório como um ego auxiliar. O esforço da criança, nesta fase, para incluir o objeto descrito como “perda”, é realmente um esforço para negar a tensão intolerável, tentando criar um sentimento de unidade com o objeto. É o uso do objeto para estabelecer um equilíbrio narcísico. A ação da criança revive, na fantasia, a relação com o objeto infantil “perdido”. Quando os impulsos conflitivos são externalizados e a realidade externa usada para compensar perdas de relações e sentimentos passados, encontramos o protótipo do acting out (p. 341-342).

D. Rosenfeld (1989), vai colocar que, para este autor, o acting é:

uma tentativa (com certa violência) que o paciente leva a cabo com técnicas expulsivas (evacuativas) e inoculatórias, para reestruturar novamente o campo. Internamente o paciente vivencia algo como uma recuperação de equilíbrio precário entre suas partes neuróticas e psicóticas, que, no campo, significam estabelecer a homeostase (p.302).

Para Rangell (1968), o acting será sempre uma resistência contra o processo analítico, uma forma de não permitir o surgimento do que foi reprimido. Define o acting como:

Uma resposta individualizada da resistência em qualquer fase da análise, baseada na ansiedade ocasionada pelos esforços mais recentes para alcançar um insight efetivo satisfatório, através da liberação do conteúdo mental previamente reprimido (p.196).

Para a autora, quando um acting é interpretado e elaborado, é possível chegar a um insight terapêutico.

Greenson (1969) coloca que o acting é como um sonho. O paciente tem novamente a chance de reviver seu passado, pondo fim a uma experiência penosa, modificando-o. Este autor verá as atuações enquanto uma forma de comunicação e não de resistência.

Para Gaddini (1982), o acting out tende a não considerar a realidade, sendo uma forma de funcionamento mágico e onipotente. Representa uma forma de funcionamento mental primitivo, onde o sujeito tende a manter-se imutável, lutando contra o desenvolvimento, a integração e o reconhecimento da própria autonomia. Portanto, ele verá na atuação uma forma de resistência contra o processo analítico.

Para Bloss (1978), o acting out não é apenas uma descarga de necessidades instintivas, mas um mecanismo organizado, onde o sujeito tenta dominar ativamente experiências primitivas vividas de maneira passiva.

Este autor vem se dedicando, há algum tempo, à temática da adolescência. Para ele, os actings também devem ser vistos por uma perspectiva cultural, pois ele acredita que as transformações sócio-culturais trarão um impacto nas questões psíquicas. Em seu trabalho de 1976, ele coloca que:

É óbvio que o que denominamos acting out sexual na década de cinquenta não é igualmente aplicável ao comportamento sexual do adolescente em 1976. Na década atual, a atividade sexual (genital) transformou-se na forma legítima de conduta dos jovens desde a pré-adolescência até a adolescência tardia (p.205).

Portanto, o autor nos aponta a importância de pensarmos sobre as questões históricas que valorizarão ou não algumas condutas. Compartilhando

destas idéias, Aydo (2005) coloca que, além da questão histórica, é necessária também, através do olhar clínico, a análise de cada caso. Para este autor:

...na clínica atual com adolescentes, convém ampliar até onde seja possível a expectativa de achar os conteúdos comunicacionais nas atuações do paciente. Devido à notória dificuldade de simbolizar por outros meios, convém tomar a expressão por intermédio do acting out como material de trabalho, tentando, além da interpretação da resistência quando oportuna, detectar e devolver ao paciente as mensagens criptografadas do atuar, procurando lentamente favorecer a apropriação dessas mensagens pelo paciente e sua paulatina tradução dos códigos verbais. (p.126).

Knobel (1980) nos aponta uma outra face do acting out. Para este autor, o período da adolescência, por ter características específicas, também obriga o terapeuta a manejar a técnica psicanalítica de uma forma específica. Ele chamará uma destas formas de “acting out terapêutico” ou “atuação terapêutica”. Para ele, essa atuação pode ser “uma forma expressiva do terapeuta, na qual este se permite mover-se, rir-se, expressar surpresa, etc., como pessoa real” (p.50), mas de forma consciente e mantendo o enquadre psicanalítico.

Se esta forma de atuar é consciente por parte do psicanalista, ele irá considerar:

...integrativamente a função terapêutica ao valorizar os aspectos transferências e especialmente os contra-transferenciais na psicanálise de adolescentes e porque implica num conhecimento da adolescência como estágio estrutural no processo evolutivo (p.51).

Mas, numa situação grupal, o acting out terá um caráter particular e uma evolução específica. Quem nos mostra isso é Grinberg, Langer e Rodrigué (1971), os quais colocam que, num primeiro momento, num grupo, existirá um grande temor em confundir a vida particular com o grupo, mas que, aos poucos, a análise vai transpondo os limites espaciais e temporais. Primeiro, os elementos do grupo começam a compartilhar os minutos que ficam na sala de espera. Mais tarde, vão juntos para casa, se encontram em bares, conversam sobre a sessão, etc. Surgem amizades dentro do grupo, mas sua força fica fora dele. Portanto, extrapola os limites do processo grupal.

Assim, para estes autores, o acting out adquire sua estrutura, seu próprio código moral e seus segredos, tanto com relação ao meio familiar quanto com relação ao grupo. Em todas estas atuações, o terapeuta fica excluído, impotente e desconcertado, pois ele passa a perceber que ocorre algo importante que ele não sabe, suas interpretações são refutadas, os componentes do grupo fazem referências superficiais sobre acontecimentos desconhecidos, os indivíduos do grupo tornam-se cúmplices. O terapeuta percebe que existe um material importante, mas que não é controlado por ele.

Para os autores, só existe um jeito de lidar com essa forma de comunicação: a interpretação das fantasias inconscientes que estão por trás das atuações.

Assim, Grinberg et al. (1971) distinguem dois tipos de acting out:

1. Acting out normal: caracteriza-se por encontros dos membros do grupo após o término da sessão, troca de serviços, encontros durante as férias, etc. Está relacionado a uma disposição constante do grupo de dramatizar e descarregar suas tensões. Além disso, seria uma expressão de angústia,

sentida pelo grupo em função do término da sessão, e uma reação defensiva contra esta mesma angústia. Para os autores, este tipo de acting sempre existirá.

2. Acting out patológico: Surge em momentos de conflitos agudos. Para os autores, em alguns momentos, o grupo poderá funcionar de forma dissociada, utilizando os mecanismos de identificação e contra-identificação. Para se integrar novamente, é necessária a interpretação do analista e do entendimento de seus mecanismos dissociativos. Mas, algumas vezes, por vários motivos, o grupo pode se sentir exposto a uma integração difícil de tolerar pela qualidade da intensidade dos sentimentos envolvidos nesta integração. Assim, recorrem ao acting como uma técnica defensiva extrema diante desta integração que sentem como perigosa.

Leal (1994), uma psicanalista portuguesa que trabalha com grupos de crianças e adolescentes, coloca que o acting out é uma comunicação simbólica, que traz sempre mensagens inconscientes, e que deve ser reconhecido enquanto uma catarse.

Portanto, nas psicoterapias de grupo, o acting out tem a mesma solução: a análise constante da situação transferencial e sua interpretação no “aqui e agora” do grupo.

Objetivos

2.1 - Objetivo geral:

Verificar se o “grupo de diagnóstico” aplicado em um grupo de adolescentes é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out. e se possibilita a busca de meios apropriados para resolver essas atuações que se implantam no grupo.

2.2 - Objetivos específicos

Descrever os diferentes tipos de acting out surgidos no grupo.

Verificar se a técnica de grupo é eficaz para estudar este fenômeno do acting out no adolescente.

3. Método

3.1 - Participantes

Foi formado um grupo com oito adolescentes, sendo seis meninos e duas meninas, com idade entre 13 e 14 anos. Os meninos eram estudantes da sétima série (Ensino Fundamental), enquanto que as meninas eram estudantes do Primeiro Colegial (Ensino Médio), com queixa de atuações no âmbito escolar. A seguir, descreveremos os perfis dos participantes, traçados por meio das entrevistas individuais prévias, salientando o fato dos nomes serem fictícios e de não haver qualquer informação capaz de propiciar a identificação dos adolescentes. Os perfis serão em número de seis, já que dois adolescentes desistiram de participar na semana em que foi realizada a primeira reunião de grupo.

Clara: 14 anos, cursa o primeiro colegial, nunca foi reprovada. Não frequenta nenhum grupo. Mora com os avós paternos e com o pai. Não tem contato com a mãe e nem com os irmãos por parte da mãe. É bastante extrovertida, gosta de conversar. Em sala de aula, apesar de ter boas notas, diz ter dificuldade em prestar atenção, conversa em excesso e, algumas vezes, discute com os professores. Às vezes, não assiste às aulas, ficando com amigos na rua. Não consegue controlar essa necessidade de falar, apesar de tentar.

Daiane: 14 anos, cursa o primeiro colegial, nunca reprovou. Não frequenta nenhum grupo. Diz ser tímida e ter muitas dificuldades familiares. Ultimamente, mora com os pais, mas antes morava com os tios. Refere que briga muito em casa, pois acredita que os pais preferem a irmã a ela. Na

escola, refere ter muitas faltas e notas baixas, pois não assiste às aulas e, quando assiste, não consegue prestar atenção.

Henrique: 14 anos, cursa a sétima série. Diz que foi reprovado um ano por bagunça e entrou um ano atrasado na escola, por isso ainda está na sétima série. Mora com a mãe, os irmãos e o padrasto. O pai mora na Inglaterra, por isso tem pouco contato com ele. Gosta de participar de futebol e faz natação. Na escola, diz ser bagunceiro e ter preguiça de fazer a lição; fica, então, jogando papelzinho nas pessoas, e isso causa briga com seus pares e discussões com os professores. Tem notas baixas e já tomou várias suspensões por causa de seu comportamento.

Robson: 13 anos, cursa a sétima série. Nunca repetiu o ano. Frequenta grupos de teatro e um grupo de adolescentes que dá dicas para o jornal da cidade sobre assuntos a serem publicados no caderno Teen. Sobre a família, refere que tem um bom relacionamento com todos, mas principalmente com a mãe. O pai é caminhoneiro e, por isso, viaja muito, tendo pouco contato com ele. Tem dois irmãos, briga um pouco com eles. Gosta de viajar nas férias com o pai. Na escola define-se como bagunceiro, mas ao mesmo tempo, como CDF. Faz as lições, tira boas notas, mas não consegue parar de conversar e bagunçar. Ano passado levou duas suspensões por conversa. Diz que está tentando se comportar mais na escola, mas não é fácil. Robson já brigou com uma professora a ponto de agredi-la fisicamente.

Wagner: Tem 13 anos e está na sétima série. Nunca repetiu o ano. Mora com os familiares e se dá bem com eles. Gosta de jogar futebol. Wagner tem problemas de crescimento, por isso apesar de ter 13 anos, aparenta um porte físico pequeno, mais ou menos de uma criança de seis anos, e faz

tratamento. Na escola, é bagunceiro, não gosta de fazer lição e briga com colegas, professores, inspetores, etc. Tem notas baixas e já levou várias suspensões por causa de seu comportamento.

Honório: Tem 13 anos e está na sétima série. Refere que nunca repetiu o ano. Na escola, conversa bastante, não faz as lições e tem muitas notas baixas. Queixa-se dos pais, pois eles não conseguem se fixar em nenhum lugar. Então, Honório troca constantemente de escola. Os pais discutem muito e este será o motivo pelo qual Honório participa apenas de dois encontros. Numa destas discussões, os pais separam-se e ele vai para São Paulo morar com os tios.

3.2 - Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada numa instituição escolar pública na cidade de Americana. O espaço em que o grupo se reuniu foi uma sala dentro da própria escola.

Esta sala é usada na instituição como um lugar de estudo dos professores, portanto, ela é mobiliada impessoalmente, propiciando um ambiente tranquilo, arejado e bem iluminado, já que ela se encontra afastada das salas de aula. Tinha dimensões suficientes para conter um pequeno círculo íntimo de cadeiras, nas quais os membros do grupo se acomodavam de forma tal que podiam se ver e se comunicar. A escolha das cadeiras pelos membros foi livre, de modo que não houve distinção entre as acomodações dos adolescentes e da pesquisadora.

3.3 - Instrumentos - Técnica adotada

Entrevista Individual: Foi empregada a técnica de entrevista psicológica (Bleger, 2001), com o objetivo de selecionar os participantes que comporiam o grupo de adolescentes.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (Bleger, 2001), com a finalidade de conhecer os participantes da pesquisa, evitando contra-indicações, como deficiências ou doenças mentais, que podem introduzir outras variáveis. O primeiro contato com cada participante permitiu que este fosse informado sobre os objetivos e finalidades da pesquisa, obtendo esclarecimentos quanto a possíveis dúvidas em relação a sua participação. Além disso, cada participante levou para casa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

Grupo de Diagnóstico: O grupo de diagnóstico (Kaes e Anzieu, 1989) tem por objetivo possibilitar a cada participante viver e compreender uma experiência afetiva de grupo. Tudo é feito para que cada um possa ter lucidez quanto ao funcionamento do grupo, à compreensão do seu próprio modo de ser no grupo e o dos outros.

Consiste essencialmente em colocar em evidência a significação inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias de uma pessoa.

Esta técnica se assenta principalmente sobre as associações livres dos participantes e que são a garantia da validade da intervenção.

A minha função como psicóloga do grupo de adolescentes pautou-se por uma disposição afetiva, atenção flutuante, empatia, capacidade de acesso ao outro e uma boa experiência empático-simbólica.

3.4 - Procedimentos

Composição e Classificação do Grupo

Para formar o grupo, foi feito contato com a instituição educacional, situada em Americana. Foi solicitada permissão para a participação de adolescentes interessados em colaborar com este estudo e entrevistas com professores (Anexo IV) para identificar adolescentes que possuíam queixa de atuações. (Anexo II).

Após, foi feita uma reunião com a coordenação pedagógica da Escola, que através de contatos telefônicos marcou uma reunião com esses adolescentes e seus pais. Esta reunião tinha como finalidade expor os objetivos da pesquisa, sua importância, etc. Após esta explanação, feita pela pesquisadora, cada participante levou para casa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegura aos participantes de pesquisa envolvendo seres humanos receber esclarecimentos sobre seus objetivos e ter seu consentimento firmado através de seus pais. (Anexo I e III).

Oito adolescentes se mostraram interessados. Fizemos, então, uma entrevista individual para a seleção e confirmação quanto à participação no grupo. Nenhum adolescente apresentou contra-indicações.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos propostos por esta pesquisa, definimos que o grupo seria fechado e homogêneo com relação à queixa principal. Assim, mesmo que algum participante desistisse, ninguém entraria em seu lugar. No dia do primeiro encontro do grupo, dois adolescentes informaram que não queriam mais participar. Após os dois primeiros encontros,

um adolescente, por problemas familiares, mudou-se para São Paulo. Em virtude disso, o grupo desenvolveu-se com cinco participantes.

Funcionamento do grupo

O grupo reuniu-se três vezes por semana, durante um mês, totalizando 10 encontros, numa sala da própria escola. Esta sala destinava-se a reuniões e grupos de estudo dos professores, portanto, ficava afastada das salas de aula. Os encontros tiveram a duração de uma hora e trinta minutos. Esses encontros aconteciam em diferentes horários e dias da semana, pois dois adolescentes estudavam à tarde e três de manhã. Assim, para participarem do grupo, eles perdiam algumas aulas. Isto foi feito para que eles não fossem prejudicados e também por um pedido da coordenação pedagógica da escola.

No primeiro encontro, foi solicitado aos participantes que se acomodassem em círculo, escolhendo livremente seus lugares, isto permaneceu durante todos os encontros. Foram também comunicados a dizer o que sentiam no “aqui e agora” do grupo. A fala foi livre e circulante e, assim, eles tinham a possibilidade de expressar sentimentos, pensamentos e fantasias. Os participantes foram tratados pelo primeiro nome, o que favoreceu a proximidade afetiva. Além disso, foram orientados a trazer para o grupo todos os assuntos que tinham sido discutidos por eles sobre o grupo, fora dele.

O papel da pesquisadora e o registro dos encontros

O trabalho foi dirigido pela própria pesquisadora. Era a única integrante que tinha seu papel antecipadamente definido, pois, ao mesmo tempo em que fazia parte do grupo, também ocupava o papel de estar fora,

podendo, assim, realizar intervenções que ajudassem no progresso do grupo. Essas intervenções surgiam sob forma de perguntas no “aqui - agora” dos encontros e tinham o objetivo de oferecer aos adolescentes a possibilidade de aprender algo sobre o grupo ou sobre si mesmo, principalmente no que diz respeito a suas atuações.

Para que houvesse objetividade no estudo, gravamos as entrevistas individuais e os encontros grupais (Kaes e Anzieu, 1989). Nas gravações, ficam registradas as linguagens faladas, como intensidade e entonação, o que auxilia a análise dos dados. Em seguida, os encontros foram transcritos na íntegra, respeitando a seqüência e a forma como se apresentaram. Isso possibilitou o trabalho de análise e interpretação.

3.5 - Análise do material

A análise do material (Anexo V) foi feita a partir do referencial bibliográfico da psicanálise e da grupoanálise, utilizando como técnica “Análise do Conteúdo”, de Mathieu, (1967), aplicada em pesquisas de cunho qualitativo e que visa ultrapassar os conteúdos manifestos, até atingir os latentes.

Cada encontro do grupo foi analisado separadamente, sendo que alguns fragmentos foram descritos na íntegra. A análise interpretativa do material foi realizada concomitantemente pela pesquisadora e pelo orientador do trabalho. Os pontos em concordância e que estavam relacionados com nosso objetivo foram considerados para a discussão. As leituras dos encontros permitiram descrever em detalhes os fenômenos recorrentes que apareceram no grupo de adolescentes. Mathieu (1967) considera que a disposição dos temas de um relato mostra a maneira da qual o inconsciente se utiliza para buscar a interpretação psicanalítica do texto e define que o sentido simbólico surge

quando se leva em conta o conjunto dos temas de um relato que revela o material ideativo das produções emocionais.

Tendo este enfoque como norte, foi, a princípio, definido que utilizaríamos dez encontros em nossa análise. No entanto, levando em consideração a densidade e riqueza do material, optamos por utilizar apenas cinco encontros, decisão que também foi tomada por acreditarmos que esses seriam suficientes para responder aos nossos objetivos. Para que pudéssemos acompanhar o desenvolvimento do grupo, resolvemos utilizar, na análise, o primeiro encontro e o segundo encontro; um que representasse o meio do processo, que foi o quinto, e os dois últimos - o que possibilitou acompanhar a trajetória percorrida pelo grupo (Térzis, 2005b; Cociuffo, 2001).

Dessa forma, construímos nosso trabalho com o intuito de sensibilizar os adolescentes aos fenômenos do acting out e possibilitar a busca de meios apropriados para compreender as atuações que se implantaram no grupo, atingindo, assim, nosso objetivo. No entanto, salientamos que nosso trabalho não teve a intenção de esgotar as possibilidades de realização de futuras pesquisas a respeito do tema, pois, como dito por Cociuffo (2001): “o símbolo é polissêmico e, portanto, inesgotável na produção de sentidos”.

4. Resultados e Discussão

4.1. Análise e discussão do primeiro encontro:

Em nossa análise, podemos perceber que o acting se apresenta de diferentes formas (verbal ou gestual) e se dirige para diferentes objetos, alguns localizados no mundo externo (professores, colegas, funcionários da instituição, etc.) e, em outros momentos, dentro do próprio grupo. Vamos analisar como isso se dá.

Um das formas de atuação que encontramos poderia ser classificada como “modalidade verbal do acting out”. Esta modalidade está relacionada com as formas de se expressar do adolescente:

Daiana: A Ana nunca faz bagunça, é a maior CDF.

Robson: É, sim, preconceito contra Emo.

Clara: ... Wagner, você é BVL?

Wagner: Como que é BVL?

Através desta atuação verbal, passam a se queixar dos funcionários da escola:

(1.3) Clara: Ela é uma chata (referindo-se à diretora).

(1.4) Clara: O Mário (coordenador pedagógico) é chato.

(1.5) Daiana: E aquele gordinho lá?

Além disso, dentro do grupo, com seus pares, usam expressões mais agressivas:

(1.6) Clara: ... Agora você fica falando bosta, né?

(1.7) Clara: Puta que pariu...

Outros movimentos que observamos são aqueles dirigidos aos professores e que trazem bastante hostilidade. O professor passa a ser um objeto, uma forma animalesca.

(1.8) Clara: Aquela vaca...

Esta forma de se expressar, típica do adolescente, está relacionada com o fato de que eles estão buscando sua identidade emergente, e para isso eles estabelecem pseudo-identificações que incorporam e abandonam. Da mesma forma, eles adquirem códigos comunicacionais que lhes servem para veicular idéias e pensamentos. Esses modismos lingüísticos darão ao adolescente uma identidade e coesão com seus pares, o que os diferencia dos pais e adultos em geral. Assim, esse tipo de atuação surge a partir de fantasias de indiscriminação, onde não há individuação (Aydo, 2005; Levisky, 1998).

Uma outra forma de atuação está relacionada à sala de aula. O grupo nos mostra a sua dificuldade em se adaptar às regras, por isso seus membros acabam sendo afastados da escola, através de suspensões:

Henrique: Eu também não levei uma, só umas 50.

Daiana: Nesta escola eu nunca levei, mas na outra que eu estudava eu levei duas.

Honório: Nossa, o ano passado eu levei um monte. Este ano eu já levei duas.

Robson: Eu levei duas quando eu estudava no Ciep.

Ao serem interrogados pela pesquisadora sobre o porquê de tantas suspensões, os adolescentes responsabilizam os outros:

Pesquisadora: Mas o que acontece?

Robson: Os outros é que mexem.

Ao relatarem que suas suspensões são culpa de outros, pois “eles é que mexem”, temos um outro fato que nos chama a atenção. Este diz respeito à falta de consciência do grupo em relação às suas atuações, pois colocam tudo no mundo externo, utilizam-se da projeção. Para Ferrão (1967), este mecanismo é essencial na dinâmica do “acting out”. Para este autor, na projeção “é possível dissociar temporariamente partes indesejáveis da personalidade e colocá-las em um objeto”.

Surge também uma forma de atuação agressiva contra a escola:

Robson: No Ciep eu estava na quarta ou quinta série, daí tacaram o lixo no chão e saíram correndo, eu também saí. Daí falaram que eu estava no meio, foi mais de 20 meninos pra direção, todo mundo com suspensão...

Logo em seguida, o grupo passa a falar de uma atuação física, de uma agressividade corporal contra seus colegas, seus pares:

Robson: No ano passado ele me deu um cacete.

Henrique dá risada.

Henrique: É nada. Eles vieram me falar pra bater em você, eu perguntei por que e eles falaram porque sim, daí eu fui.

Clara: Eu já briguei na escola...

Podemos perceber neste relato que Robson fala de algo que aconteceu no passado e que provavelmente deixou alguma marca nele. Ele abre, no “aqui agora” do grupo, um espaço para que Henrique possa pensar sobre sua ação. Mas Henrique dá risada e não consegue discutir a agressão. Para Gaddini (1982), o acting será sempre o representante de uma organização mental que necessita manter-se imutável. As necessidades funcionam com esse propósito,

elas serão sempre prioritárias e imperiosas, e não possuem nenhuma relação com a realidade.

Logo em seguida, o grupo passa a falar de suas experiências com os professores. Estas, segundo os adolescentes, são marcadas por uma dificuldade em estabelecer um diálogo. A comunicação se expressa através de agressão:

Robson: Eu estava fazendo um desenho, uns quadradinhos pretos e vermelhos, demorei um mês prá acabar, aí tava na aula dela, na hora que faltava uma linha de quadradinhos, ela pegou, chegou na minha carteira e puxou o desenho. Ela perguntou prá classe “Esse desenho é de Artes?” A classe falou não, daí ela pegou e rasgou na minha cara.

Robson: Eu fui pra cima dela pra pegar o desenho. Ela olhou pra minha cara e disse: “Você me agrediu”. Aí eu falei assim “Eu fui tentar tirar meu desenho”. Aí todo mundo começou a ruivar pra ela.

È interessante notar como Robson não consegue perceber sua própria atuação, pois ele faz outra atividade na aula da professora e não aquela designada por ela. Ao se sentir injustiçado, ele responde com agressão:

Robson: Aí quando eu fui tentar tirar meu desenho, fui lá e dei outra bofetada no braço dela.

Os adolescentes colocam todo esse desentendimento, essas limitações, nos professores:

Robson: Quando estava faltando uns quadradinhos, ela vai rasgar na minha cara. Aí ela ficou falando que ia fazer corpo de delito. Eu falei “vai e faz, eu não estou nem aí com seus braços e nem com suas pernas, alias não estou com nada seu”. Aí nisso ela ficou quieta, daí eu fui lá e tomei suspensão. Um mês antes, ela falou que eu quebrei o colar dela.

Robson não percebe que ele também contribuiu com essas dificuldades de relacionamento, tanto que ele nos conta que já havia agredido a professora anteriormente. Esta forma de lidar com a realidade é vista por Gaddini (1982) como uma forma de acting que funciona como algo mágico e onipotente, onde a realidade fica excluída.

No trecho selecionado abaixo, de novo percebemos que os jovens colocam tudo o que é mau, que não funciona, no outro:

Clara: Um dia ela estava escrevendo na lousa, daí ela bateu na lousa e falou pro moleque que ele tinha que fazer, ela bateu tão forte na lousa que os dedos dela começaram a sangrar, tão forte que ela bateu na lousa.

Honório: Aí ela culpou o menino?

Clara: É, ela falou "Tá vendo o que você fez?".

Daiana: Dava a maior raiva, ela pegava a carteira e jogava ou batia em você.

Robson: Um dia ela tacou o apagador no menino e eu estava atrás dele, ele abaixou e eu também, bateu o apagador na porta do armário, até amassou. Bicho, foi igual à Ana Amélia (outra professora).

Henrique: Ana Amélia? Ela tomou duas tocas e um boné meu e não devolveu.

Eles se queixam sem compreender sua própria contribuição para essas dificuldades. Usam da dissociação, ficando com a parte boa. Para Limentani (1969), o acting é um meio para aliviar uma tensão intolerável, que surge como uma nova forma de resolver os conflitos internos e a ansiedade, e estão presentes os processos de dissociação, negação e um sentido deficiente da realidade.

Essa forma de lidar com a realidade produz nos adolescentes uma insatisfação, que está muito mais relacionada com questões internas, mas são

colocadas no mundo externo, fazendo um deslocamento. Trazem, assim, queixas, onde se sentem mal atendidos pela instituição:

Clara: Antes aqui não podia usar boné, não podia usar fichário, não podia usar caneta, agora está mais solto, mas não podia. Errorex, então? E chiclets?

Honório: Eles mandam comprar aqui, aqui é a maior facada, eles querem roubar a gente.

Daiana: A esfirra quase ninguém compra, porque é horrível.

Clara: É horrível, passa maior mal quem compra.

Eles vão mostrando o quanto se sentem enganados, explorados.

Surgem, assim, angústias de desconfiança:

Henrique: Esse pessoal da escola é folgado, compra por 0,50 centavos e vende por 1,50.

Daiana: É, e todo ano aumenta.

Honório: E eles não melhoram a escola, vai lá na nossa sala, nem as carteiras eles trocam. Elas estão todas arreventadas.

Essa forma de comunicação é um ataque ao vínculo com a instituição. Essas falas reafirmam uma repetição, citando uma concepção sobre o acting em Freud (1920). Ele afirma que essas atuações são uma repetição do passado reprimido, mas vivido de uma forma atual no aqui-agora com a instituição.

Para Francisco (1991), o acting por repetição se daria através da identificação projetiva. São experiências mentais anteriores à instalação de uma instância repressora. O impulso, neste caso, ao não encontrar a satisfação buscada, no encontro com o objeto (no caso a instituição), geraria uma situação de não-integração. O resultado destas experiências malogradas do

grupo de adolescentes seria a continuação do impulso em busca da satisfação não obtida (repetição), acrescentada de frustração com o objeto anterior, sob a forma de distorção de objeto atual (instituição). A projeção da frustração anterior na experiência com o objeto atual é que cria a idéia de uma experiência que não ficou integrada, não gerou uma assimilação psíquica e, sim, gerou uma situação anômala, que transborda (alucinatoriamente) para a realidade externa, no aqui-agora do sujeito. (p.298).

Nós consideramos que a projeção se dá na relação adolescente/instituição (relação transferencial). Portanto, nosso intuito era questionar, pontuar para que o grupo pudesse refletir sobre essas atuações, o que possibilitaria aos adolescentes do grupo diminuir o incremento de agressividade pela evacuação de partes no aqui-agora do grupo.

Após, os adolescentes começam a falar sobre os diferentes tipos de grupos que existem hoje entre eles. Esses grupos possuem seus próprios códigos em relação a modas, vestimentas, costumes, tipos de músicas, etc. Assim, apesar do grupo dar ao adolescente uma identidade, é também uma forma de atuação oposta à que a sociedade preconiza. No grupo, este tipo de acting tem como função desvencilhar o “aparelho mental”, deixando-o livre de todas as exigências do ego e de controle social.

Clara: Os manos andam com aquelas calções largas, um boné, aqueles colar, um brinquinho tipo assim (aponta para o brinco do Honório). Aí eles ficam “e aí meu, firmeza”, “e aí, mano”.

Robson: O Emo anda assim, levanta aí, Daiane, calça colada, unha preta, franja assim ou então boné da Adidas, tênis quadriculado, cabelo moicano.

Robson: Rock é uma coisa, tipo CPM 22, Detonautas.

Carla: Tipo assim, 'oh, rock é mais Brasil, tipo Pity, Ratos de Porão. Daí tem Hevymetal que é Metálica.

Clara: O estilo assim é mais o cabelo prá cima, piercing na sobracelha, na língua é mais rock.

Carla: Eu amo preto. Mas tem também gótico rock, que é umas coisas melancólicas, só usam aquelas roupas pretas, uma coisa bem deprê.

Henrique: Mano não gosta desta porcaria de música de rock, gosta de black e hip-hop.

Para Knobel (1981), o grupo na adolescência irá reforçar a busca da identidade, já que a uniformidade dá ao jovem segurança e estima pessoal. Kaes (1976) irá compartilhar desta idéia dentro do que ele denominou “a marca de pertença”.

Para este autor, não há grupo que não esteja como corpo, marcado pelo desejo do outro para a construção de sua identidade. Não há grupo sem uma imagem que o marque. Nos grupos, as marcas nas roupas, no corpo, são signos para os outros da pertença a um grupo. Sinais de que se faz parte de um grupo, que possui um nome, criadores, enfim, toda a novela familiar de um grupo. O grupo é um espaço corporal que recebe a sua existência da criação de um símbolo, de uma marca que o caracterize.

Assim, a forma de se vestir, os brincos, as opções musicais destes adolescentes consistem em associar, marcar os objetos à pertença a um grupo, tornando a posse deste objeto a marca do grupo, o símbolo do fazer parte do grupo.

Conforme Kaes (1976), a marca concretiza a coesão, a unidade e a igualdade do grupo, sendo um vínculo unificador, que esconde e dissolve as diferenças sociais, raciais ou individuais.

4.2. Análise e discussão do segundo encontro:

No segundo encontro do grupo, o acting surge pela primeira vez, através da quebra de uma regra. Dois integrantes do grupo chegam 15 minutos atrasados.

Henrique: Aí, chegaram!

Henrique: Isso é hora? Vocês estão atrasadas.

Ana Freud(1936) coloca que, ao intensificar-se a transferência, o paciente deixa de respeitar as regras do tratamento analítico e passa a atuar os impulsos instintivos e as reações defensivas englobadas em seu afeto transferido. Ela denomina este tipo de ação de “atuação transferencial”. Neste tipo de atuação, o acting não é usado como uma forma de comunicação, mas um ataque ao vínculo grupal.

Logo em seguida, falam sobre uma atuação em relação à escola.

Henrique: Eu falto à aula...

Uma outra forma de atuação será aquela dirigida aos colegas, aos pares. Ela sempre surge através de uma agressão corporal:

Honório: Como não gosta? Na sala, ele não pára de falar e não fica sentado de jeito nenhum. Um dia, ele pegou o “calcinom” da menina e levantou.

Clara: Que calcinom, é cuecão.

Wagner: Tomei suspensão.

Honório: Todo mundo lá admirando a calcinha da menina ele vai lá e levanta, depois fala “Quem mandou você mostrar?”.

Henrique: Daí a menina ficou lá fora chorando.

Ao ser questionado pela pesquisadora sobre a razão deste comportamento, Vagner responde que não sabe:

Pesquisadora: O que fez você fazer isso Wagner?

Wagner: Sei lá eu!

Para Fenichel (1945), o acting tem como função “aliviar inconscientemente a tensão interna e produz uma descarga parcial dos impulsos rechaçados. A situação propicia a oportunidade de descarga de energias reprimidas, a catexia se desloca das lembranças reprimidas para o derivado presente, e este deslocamento permite a descarga”.

Os adolescentes vão mostrando como para eles é difícil seguir as regras, como ficam o tempo todo tentando burlá-las:

Honório: Você fica falando que não, mais é pior do que eu. Mata aula, não faz a lição.

Daiana: Lembra teve uma época que não ficava ninguém.

Clara: Na aula de Física, então? Só ficava uns cinco só. Eu ia embora também.

Ao serem questionados pela pesquisadora, vão encontrando desculpas, mostrando uma incapacidade em distinguir os objetivos reais das fantasias.

Pesquisadora: Mas o que acontece?

Clara: É muito chato. Chega em casa mais cedo.

Em seguida, continuam mostrando o quanto eles transgridem as regras da escola:

Henrique: Eu mato aula, não matava.

Wagner: O Honório? Uma vez por semana.

A pesquisadora novamente questiona o porquê deste comportamento:

Pesquisadora: O que faz vocês matarem aula?

Clara: Cansa, sei aulas por dia é muita coisa. Todo dia é a mesma rotina: acordar, vir pra escola, ficar até 6h20 min. Vai pro treino, volta vai pra casa, janta e vai dormir, depois acorda de novo e faz tudo igual.

Podemos perceber o quanto os adolescentes vão funcionando muito mais pelo princípio do prazer, negando a realidade.

Para Bion (1961), existem dois níveis de funcionamento mental no indivíduo (consciente e inconsciente). O primeiro, ele chamará de grupo de trabalho ou tarefa. Está a serviço do princípio da realidade, portanto, opera a partir do processo secundário. Este nível requer o desenvolvimento das funções egóicas das pessoas que participam do grupo, pois tem como objetivo o desenvolvimento de uma tarefa.

A segunda mentalidade de grupo descrita por este autor é denominada mentalidade primitiva, que corresponde à tendência de dar respostas imediatas, ou de se afastar da tarefa ou mesmo de destruí-la (o que parece estar acontecendo com o grupo em relação à escola). Funciona obedecendo às leis do inconsciente, portanto, do processo primário.

Para o autor, as tentativas feitas pelos seres humanos reunidos em grupo para desenvolver um trabalho podem ser perturbadas pelo surgimento de pensamentos e emoções que se encontram enraizados em fantasias. Estas têm por objetivo evitar as frustrações, funcionando como um mecanismo de defesa. São três as fantasias, denominadas por ele como “supostos básicos”,

que podem penetrar na mentalidade primitiva: de dependência, luta e fuga e de acasalamento.

Uma das suposições básicas, a de luta e fuga, às quais Bion (1961) se refere, parece estar presente nestes conjuntos de trechos. Trata-se da suposição de que o grupo está reunido com a finalidade de lutar contra algo ou fugir de alguma coisa. Aí predominam os aspectos destrutivos.

Um outro ataque ao vínculo grupal surge quando alguns dos integrantes do grupo começam a contar como eles agrediram, no dia anterior ao da reunião do grupo, um dos integrantes (Robson), que acaba não comparecendo ao encontro:

Wagner: Ontem nós socamos ele, né, Honório?

Wagner: Você viu, Henrique? Ele veio pra cima de mim pra se mostrar pras meninas, eu falei: “vem aqui que eu vou te dar um soco”. Dei um soco na cara dele e a professora me deixou de castigo.

Pesquisadora: Mas o que aconteceu?

Honório: É mesmo, dona, ontem eu quase bati nele.

Wagner: É que ele é Emo e fica cantando aquelas músicas deprê.

Henrique: É mesmo.

Wagner: Ele irrita. Daí o Henrique veio falar prá mim “Wagner, vamos bater nele? “. Ai nós combinamos de bater nele a hora que acabasse a aula.

O grupo apresenta momentos de conflitos agudos, onde podemos identificar condutas difíceis de serem expressadas verbalmente, e identificadas como agressão destrutiva. Segundo Leal (1994), acting out é uma comunicação simbólica que traz sempre mensagens inconscientes, e que deve ser reconhecida enquanto uma catarse.

Continuam contando como agrediram o colega, sem perceberem que esta ação acaba trazendo conseqüências para o grupo, pois esta atuação gera uma outra: a ausência de Robson.

Honório: Por isso que ele não veio hoje na escola, deve tá todo roxo.

Henrique dá risada.

Wagner: Daí eu falei “vamos”. Juntou um par de gente pra bater nele.

Quando Vagner fala de um “par de gente”, é importante entender aqui a necessidade dos adolescentes de se agruparem, reunirem-se com os outros, por sentirem-se inseguros e impotentes quando estão sozinhos. Atuam, então, em nível grupal.

Knobel (1981) coloca que “quando os adolescentes estão em grupo, há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um “(p.36). Essa forma de estar em grupo, onde o adolescente perde a identidade individual e adquire uma grupal, também surge no trecho abaixo:

Wagner: Deixa eu falar. Aí nos saímos lá fora na hora que acabou a aula de Matemática, nós começamos a bater nele. Ele saiu e eu já dei um murro nas costas dele. Daí ele começou a se defender, aí todo mundo dano murro nele,

Wagner nos mostra como todos perdem a capacidade de pensamento individual, não questionam, não discriminam, apenas atuam.

Freud (1921) coloca que, quando o sujeito está em grupo, há um enfraquecimento do racional e um aumento da impulsividade. O individuo atua muito mais pela ação e pela emoção, havendo uma diminuição do senso crítico

e de responsabilidade. Em função disso, o sujeito não considera a realidade externa.

Ele levantou e me empurrou, claro eu era o pequenininho. Aí ele falou “Quer bater nos outros para se aparecer pras meninas, seu pequenininho”. Aí eu falei “É”. Aí eu dei um murro nele.

Honório: Nossa, jogaram ele na parede.

Todos os outros começam a rir.

Wagner: Daí eu dei um soco nele e ele começou a me xingar, daí eu dei um soco nele, ele saiu resmungando e eu falei “Vem cá então, eu não sou pequenininho? Vem cá, seu otário”.

Podemos perceber que, ao mesmo tempo em que existe um processo destrutivo, os adolescentes também realizam desejos (como Wagner, que, para minimizar seu sentimento de impotência por se sentir pequeno, vai tentando mostrar para o grupo o quanto é potente). Anzieu (1993) coloca que o grupo é um espaço que possibilita a manifestação de desejos. O grupo é um continente, no interior do qual se ativa uma circulação fantasiosa e identificatória, ou seja, é um objeto de representação e afetos organizados por certas formações psíquicas que possuem propriedades grupais.

O grupo não consegue pensar sobre essas ações e os integrantes dão risada, mostram prazer através da confusão, do sofrimento do outro.

Henrique: Daí ele não parou, então eu falei “Vamos bater nele”, chamei uns quatro e todos toparam em bater nele.

Wagner: Sabe quem bateu também? O veadinho, o Lucas.

Henrique: O Lucas bateu também. Eu só sei que dei um soco assim... (começa a fazer gestos).

Wagner: Eu dei murro nas costas dele. Na hora que ele saiu da sala tava todo mundo esperando ele.

Henrique: Eu fui lá na frente pra fechar ele.

Wagner: Aí eu dei um murro nele e ele já abaixou.

Henrique: O zoio deu um bicudo na bunda dele e ele foi pra frente.

O grupo vai mostrando como todos vão tendo um mesmo padrão de conduta. Henrique assume o lugar de líder e a partir disso todos passam a ter um comportamento irracional. Um das formas de entender isso é através do contágio mental, este é um fenômeno psicológico, cujo resultado é a aceitação involuntária de certas opiniões e crenças.

Podemos dizer aqui que o acting funcionou enquanto um contágio mental do adolescente (Henrique) com relação aos outros.

Em seguida, Clara começa a questionar este comportamento:

Clara: Gente, coitado.

Clara e Daiana: Coitado dele, só porque ele é Emo.

Clara: Vocês acham que está certo isso? Então, só porque você é baixo eu vou meter a mão na sua cara?

Wagner: Não é isso, é que ele irrita.

Clara: Não interessa, cada um é de um jeito, vocês têm que aprender a respeitar.

Wagner: Ele irrita.

Henrique: Ele fica cantando o tempo todo.

Clara: Eu também faço isso.

Através de Clara, é oferecida ao grupo a oportunidade para que se possa questionar essas reações impensadas. Clara vai pontuando que no lugar de briga é necessário o pensamento, o respeito.

Mas Wagner e Henrique mostram um outro sentimento: a inveja

Wagner: Acontece que ele quer cantar música em inglês, não sabe, e ainda por cima canta mal.

Henrique: Quando ele falou “ Everybody”, eu perdi a paciência a hora que ele falou isso.

Pesquisadora: Alguém aqui sabe cantar em inglês?

Todos: Não.

Pesquisadora: Então somente o Robson sabe?

Henrique: Ele diz que sim, mas canta muito mal.

Mostram aqui uma dificuldade em suportar a diferença, já que Robson canta em inglês e eles não. Sentem inveja por Robson ter essa qualidade.

Para Abraham (1919), a inveja se compõe de um sentimento de hostilidade contra a pessoa que possui algo que lhe falta e do impulso de privá-la do que possui.

Klein (1957) coloca que a inveja é “... o sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso tirá-lo dela ou espoliá-lo” (p.33).

Spillius (1991) disse que:

“Embora a inveja seja uma emoção comum, é muito dolorosa, e a maior parte das pessoas fará qualquer coisa para evitar tomar conhecimento dela e, em particular, para evitar sentir-se plenamente responsável por ela” (p.552).

Utilizando-se destas idéias, Berlim (1997) vai colocar que uma das formas de se livrar deste sentimento invejoso intolerável será através do acting out.

Clara insiste em seu ponto de vista:

Clara: Então conversa com ele, não precisa partir prá violência.

Assim, o próprio grupo procura questionar e dar algumas orientações. Este espaço passa a ser metabolizador, transformador, porque o próprio grupo interpreta, orienta, dá conselhos e isso nutre o grupo.

A partir dos apontamentos de Clara, Vagner tenta minimizar sua atitude:

Wagner: Não, aquilo era uma brincadeira.

Logo em seguida, o grupo começa a se organizar e compreender o que é bom e que fortalece os vínculos, e aquilo que é mal e que pode deixar o outro machucado.

Clara: Sei a sua brincadeira.

Honório: A brincadeira que deixa o outro roxo.

Assim podemos perceber que todas as experiências individuais e coletivas trazidas ao grupo podem ser pensadas, refletidas, questionadas e mesmo interpretadas pelo próprio grupo (Térzis, 1990).

A partir dos apontamentos de Clara, Henrique e Wagner colocam a culpa de suas ações nas meninas:

Henrique: Eu falei pra ele parar. E as meninas apoiando “não pára não, não pára não” e ele não parou.

Wagner: Ficou ouvindo as meninas.

Fazem assim uma clivagem, esta “é a defesa mais primitiva contra a angústia. O objeto, visado pelas pulsões eróticas e destrutivas, cinde-se em um “bom” e em um “mau” objeto...”. (Laplanche e Pontallis, 1995). Assim, os adolescentes tentam jogar a parte má nas meninas.

Vão tentando o tempo todo tirar o “corpo fora”.

Wagner: Escuta aqui, estávamos na aula de matemática em que você tem que fazer conta, daí ele começa.

Henrique: Daí você perde a conta e tem que fazer tudo de novo.

Mesmo quando a pesquisadora reforça a fala de Clara, esta não é bem aceita:

Pesquisadora: O que a Clara está dizendo é que é necessário pensar outros meios.

Wagner: Não adianta.

Henrique: Não adianta mesmo.

Podemos perceber que fica difícil para Wagner e Henrique receberem esses apontamentos e pensarem sobre eles. Eles permanecem resistentes. Freud (1939) coloca que a resistência impede a ocorrência de qualquer mudança, permanecendo tudo como era. Ainda para Freud (1905), a revelação e a interpretação do inconsciente pode se dar em face de uma resistência constante por parte do paciente, de maneira que o processo geralmente se encontra associado ao desprazer, fazendo com que ele o rejeite repetidas vezes.

Mesmo diante desta resistência, Clara continua insistindo em seu ponto de vista:

Clara: Então dá uma advertência, bota ele pra fora, mas não precisa partir pra violência.

Clara: Não é porque você está falando demais que eu vou bater em você. Bati?

Logo em seguida Daiana passa a apoiar Clara:

Daiana: Eles ficam pegando no pé do moleque só porque ele é Emo.

É importante notar como, no grupo, surgem subgrupos: o das meninas e o dos meninos. Para Foulkes e Antony (1967), quando surge no grupo certa disputa entre feminino-masculino pode-se pensar na “situação humana básica da diferença dos sexos e a interação de sentimentos entre os que têm e os que não têm” (p.240).

Essa diferença também pode ser percebida na forma como meninos e meninas lidam com as situações. No grupo de meninas, existe um aspecto mais conciliador, elas usam mais o mecanismo de sublimação, enquanto o subgrupo de homens mostra uma maior dificuldade em pensar sobre os acting out.

As meninas, ao defenderem o colega ausente, tomam uma parte dele como se fossem elas, porque, enquanto sexo feminino, sentem-se mais frágeis e passam, então, a defender o frágil.

Daiana: Eles ficam pegando no pé do moleque só porque ele é Emo.

Clara: Se ele tivesse cantando música de mano, de black, aposto que vocês não iam bater nele.

Honório: Se ele cantasse mal, ia, sim.

Mas os meninos insistem em seus pontos de vista:

Wagner: A classe inteira pensando e ele lá cantando, estava todo mundo quieto.

Wagner: A gente conversa, manda parar, não pára, apanha.

Henrique: É, não pára, apanha.

Wagner: Eu fui lá e falei “Ô, Robson, pára”.

Henrique: Eu fui lá duas vezes e pedi para ele parar, não páro, falei pro professor, não páro, daí eu fui obrigado a bater nele.

Clara: Fala lá na diretoria. Precisa chegar e dar murro no menino?

Esta constatação de que os meninos têm uma atuação mais ativa, agressiva, enquanto que as meninas assumem uma postura conciliadora, pode ser compreendida levando em consideração o modelo sócio cultural. Kaës (1976) contemplou em seus estudos os “organizadores socioculturais”, que consistem em configurações de modelos de relações interpessoais, grupais e coletivas que funcionam como um código cultural próprio de uma sociedade. O autor destaca os modelos hierárquicos como, por exemplo, o modelo cristão (líder/subordinado). No entanto, este fragmento que estamos destacando nos permite pensar em um outro tipo de organizador sociocultural determinado pelos modelos de atuação esperados culturalmente para os meninos e meninas. Dos meninos é esperado que sejam mais atuantes, enquanto que das meninas se espera que sejam mais passivas e envolvidas com atividades relacionadas com o cuidar.

Mas isso não quer dizer que as meninas não tenham atuações impensadas:

Clara: Não tem nada a ver, eu gosto dela, ela é minha amiga. Quando foi que eu te bati, Daiana?

Daiana: Várias vezes.

Clara: É nada, só aquela vez que eu joguei o estojo na sua cara.

Clara: Também, ela limpou bosta de passarinho na minha blusa.

O que percebemos é que a intensidade das atuações nos meninos é mais freqüente; eles usam mais da agressividade.

Logo em seguida, os meninos começam a se justificar, para não entrarem em contato com isso que as meninas estão mostrando:

Wagner: Você tá pensando que nós bate... Não é?

Henrique: Não é pra valer.

Wagner: Não é.

Pesquisadora: Mas como é isso? Como assim não é pra valer?

Wagner: É de brincadeira

Humberto: É só pra ele parar.

Começam, então, a falar de um colega deficiente. Para minimizar os seus atos, encontram um bode expiatório. Para Foulkes (1972), o grupo cria um bode expiatório para poder projetar sentimentos de culpa acumulados. Assim, o fenômeno se manifesta em grupos que têm dificuldades na expressão da agressividade e da culpabilidade de forma aberta e clara. Ainda segundo este autor, o bode expiatório é selecionado em primeiro lugar na base elementar de ser diferente.

Assim, o grupo nos mostra como os jovens são sensíveis, vulneráveis e intolerantes para certas frustrações. Em vez de pensarem, atuam com emoção:

Wagner: É, aquele da cadeira de rodas.

Clara: Aquele moleque é maior chato. Um dia minha amiga chegou perto dele e ele estava tentando levantar, ela perguntou se ele queria ajuda e ele a mandou tomar no cú. Nossa, deu a maior raiva. Eu só não bati nele porque minha amiga me segurou.

Wagner: Tá vendo, a vontade é de bater. As donas o defendem. Ninguém da classe bate nele porque ele é protegido, só eu.

Logo em seguida, falam de coisas mais íntimas. Vão nos mostrando como o vínculo amoroso que se estabelece entre adolescentes é rápido, fugaz.

Henrique: Hoje todo mundo sai com todo mundo. Os meninos chegam e falam “Cabei de catar uma ali.”

Clara: É como se tivesse catado uma pedra no chão, catou e levou pra casa.

Podemos pensar aqui num acting na relação amorosa. No entanto, Aydo (2005) coloca que sempre devemos levar em conta a perspectiva cultural. Uma conduta deve sempre ser contextualizada dentro de pautas que regem inserções e pertinências culturais do sujeito. Assim, esse tipo de conduta, onde “todo mundo sai com todo mundo”, constitui os traços daquilo que chamamos de acting, mas, dentro da clínica, ele deve ter valoração diferente quando “*o sujeito realiza esse ato com certa consciência de transgressão e quando simplesmente reproduz uma conduta habitual em seu entorno*” (p.128).

O adolescente, por estar vivendo muitas mudanças, tanto num nível físico como emocional, encontra no grupo um espaço onde pode conseguir informações acerca de suas preocupações, dúvidas e curiosidades:

Carla: Ele está perguntando se já transou.

Carla: Eu não.

Débora: Eu não.

Assim, no fim do segundo encontro, onde existe um maior conhecimento entre os participantes, pode-se abrir um espaço para se falar de coisas mais íntimas, principalmente aquelas relacionadas a questões sexuais. Assim, os adolescentes realizam no grupo seus desejos. Falam, expressam livremente seus desejos, fantasias e sentimentos. Segundo Anzieu (1993), do ponto de vista da dinâmica psíquica, o grupo é um sonho, onde “*os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma forma que, no seu sono, entram no sonho*” (p 49).

Para o autor, o desejo realizado em um grupo ou em um sonho, é o desejo reprimido, não satisfeito nas relações individuais, na vida privada e social. A situação livre proporcionada pelo grupo provoca uma regressão, fazendo com que os participantes vivam com maior intensidade as pulsões (tanto libidinais, quanto agressivas e narcísicas), em busca do desejo e do prazer.

4.3. Análise e discussão do quinto encontro:

O grupo começa a contar sobre suas atuações em relação ao estudo, as matérias, enfim, ao curso. Percebemos que todos os participantes do grupo falam sobre uma dificuldade em realizar uma tarefa:

Clara: Eu estava impossível no primeiro bimestre.

Daiana: Eu fiquei em Português, Matemática e Geografia.

Wagner: Eu fiquei em Educação Física.

Clara: Eu fiquei em Física, em Português, Matemática, História, Educação. Física. Biologia. Química eu não fiquei.

Wagner: Eu fiquei também em Português e Inglês.

Clara: Eu fiquei com um em Física.

Eles nos contam sobre o seu mau desempenho nas respectivas disciplinas. Se pensarmos racionalmente, os adolescentes teriam como tarefa aprender, conhecer, para poder evoluir. Observamos, então, que existe um conflito implantado no grupo: teriam de aprender, mas atuam de forma oposta. Temos, assim, atitudes que não são condizentes com o objetivo estabelecido.

O funcionamento do grupo em relação ao cumprimento da tarefa manifesta-se vê obstaculizado por um clima emocional subjacente. Esta forma de atuação é denominada por Bion (1961) mentalidade primitiva. Esta corresponde à tendência de dar respostas automáticas. O grupo entra numa regressão, cuja característica principal é a de pôr em primeiro plano os aspectos mais primitivos do funcionamento psíquico. Este tipo de atividade mental do grupo se denomina suposto básico. O objetivo do suposto básico é evitar a frustração inerente à aprendizagem por experiência; o suposto básico está a serviço do princípio de prazer.

Este tipo de atividade mental no grupo não permite um processo de desenvolvimento, nem uma busca de compreensão por parte de seus membros, além de não se levar em conta a realidade.

Logo em seguida, surge novamente um acting em relação aos colegas:

Wagner: Era pra eu tomar três dias de suspensão, porque eu briguei com uma menina; ela me chamou de pequenininho e quando ela levantou da cadeira eu sentei a mão nela, a empurrei e ela caiu com a cadeira e tudo. Todo mundo riu dela.

Os adolescentes vão mostrando o quanto não conseguem conter os sentimentos. Ficam com dificuldade para lidar com qualquer frustração. A linguagem é uma linguagem de ação, não é uma expressão do processo de pensamento.

Bion (1961) coloca que, para que o grupo possa realizar a tarefa, é necessário o desenvolvimento de algumas capacidades: atenção, capacidade de representação verbal, capacidade de pensamento simbólico. O que podemos perceber é que o grupo está funcionando através de uma atividade mais regressiva e primária.

Novamente eles começam a contar como voltaram a bater no colega do grupo (Robson):

Wagner: Você viu o Robson? Ontem nós batemos nele de novo. Foi eu, o Henrique e o Paulo e batemos nele, ele nos empurrou e saiu.

Henrique: Batemos três vezes em seguida nele. Primeiro foi eu e os moleques da sétima B, depois eu e os moleques da oitava e depois eu fui com o Wagner.

Surge aqui um ataque ao grupo. O fato se repete: a atuação de Wagner e Henrique traz uma outra: a ausência de Robson.

Podemos compreender essa atuação que se repete através do processo transferencial. Aqui, a ação repetitiva toma como objeto um dos integrantes do grupo. Podemos pensar que os adolescentes transferem no aqui-agora do grupo a raiva que tinham dos irmãos. Foulkes (1972) e Térzis (1999) colocam que este tipo de transferência negativa no grupo em relação a outros participantes é denominado “transferência fraternal” (de cada sujeito em relação a outros sujeitos).

Para Freud (1914), o sujeito repetirá aquilo que esqueceu ou reprimiu através da atuação, que surge através da transferência. Em nosso grupo de pesquisa, esse “repetir do material reprimido” é vivido através de uma experiência contemporânea: atacar o colega do grupo.

Freud irá colocar que o acting é uma forma particular de expressão da transferência, sendo a transferência uma forma de repetição do passado. A repetição pode se dar quando o paciente reexperimenta impulsos, desejos e fantasias passadas, tomando como objeto, no nosso caso, um sujeito do grupo, ou quando a repetição vai além da reexperiência e toma a forma de tentativa de atuação concreta, através da ação.

A pesquisadora tenta então, apontar como essas atuações podem prejudicar o funcionamento do grupo:

Pesquisadora: Da outra vez que vocês fizeram isso o Robson também não veio para o grupo.

Em seguida aos apontamentos da pesquisadora, começam a se justificar, negando as conseqüências da ação:

Wagner: Não, mas ele sabe que é brincadeira. Ele chega me empurrando, eu quase caí.

Jacobson (1957) salienta que o acting parece ser regularmente vinculado a uma tendência à negação. Esta negação segue lado a lado com a distorção da realidade criada de maneira convincente pelo paciente. Para este autor, a função do acting é negar através da ação. A ação surge em função do desamparo do sujeito e da negação de sua dependência da realidade.

Eles vão mostrando o quanto ficam sem limites, sem consciência daquilo que podem ou não fazer:

Wagner: Por favor, coloquem a máscara de oxigênio que eu vou soltar um pum.

Aqui a atitude tem a finalidade de descarga (Bion, 1965). Esta forma de ação é uma tentativa de se livrar dos sentimentos conflituosos, despejando-os no grupo.

Os adolescentes, em seguida, começam a falar de suas histórias familiares, suas experiências subjetivas. Vão mostrando o quanto eles vêm de famílias desagregadas, o quanto na infância sofreram privações, rejeições:

Wagner: Sua mãe é pingaiada?

Clara: É, mas ela é gente boa. Daí minha vó brigava com minha mãe e perguntava se minha mãe tinha me dado leite, ela dizia sempre que havia esquecido, segundo minha vó o leite já parecia queijo, ela não me trocava e daí minha vó me levava pra casa dela e cuidava de mim. Daí, um dia, minha tia e minha mãe foram de novo me buscar no bar, aí minha vó perguntou prá minha mãe se eu não poderia ficar com ela, daí eu ficava com minha vó à noite e de dia com minha mãe.

O grupo está se queixando que o ambiente familiar é marcado por sentimentos de privações, perdas e abandono. Comunica o que falta no vínculo

entre eles e seus pais: a união, afeto, reconhecimento e companheirismo. Parece-nos então que os adolescentes estão buscando no aqui agora exatamente o que falta lá fora, o que nos permite dizer que o grupo encontra-se no suposto básico de dependência explicitado por Bion (1961), isto é, o grupo está funcionando no nível mais primitivo da estruturação psíquica, em busca de proteção, segurança, da possibilidade de vir a ser. O grupo se mostra carente, privado, os integrantes trazem experiências subjetivas individuais e múltiplas de como são vividos os vínculos na família.

Este seria um momento em que o grupo poderia conversar sobre essas experiências, mas sugerem mudar de assunto:

Wilson: Vamos mudar de assunto que isso está muito triste.

O grupo vai mostrando uma dificuldade em lidar com as frustrações, negando-as. O que podemos perceber é que, através do grupo externo, os adolescentes introjetam objetos ruins (pais que brigam, que rejeitam). Para Bion (1962), o desenvolvimento do pensamento só pode se dar a partir da capacidade da criança em tolerar frustrações. Se o desenvolvimento do “aparelho para pensar” for perturbado e em seu lugar houver um desenvolvimento hiperatrofiado do “aparelho de identificação projetiva” para livrar a psique de maus objetos internalizados, ocorrerá a intolerância à frustração. Se esta for intensa, haverá a evacuação (alívio da tensão) através da ação.

Após um apontamento da pesquisadora, o grupo volta a falar de suas dificuldades familiares:

Pesquisadora: Parece que o grupo ficou bastante tocado com a história da Clara.

A fala de Clara, ao dizer que sua mãe é alcoólatra, faz sentido para os outros integrantes do grupo, pois eles também vivenciam situações parecidas.

Wagner: Isso mexe com a gente. A minha vó também é a maior pingaiada.

Clara: Minha família também é um bando de pingaiada, por parte do meu pai.

Wagner: Meu pai também bebe.

Clara: Meu pai também.

Daiana: Meu pai também bebe.

Vemos um outro fenômeno presente no grupo. Trata-se da ressonância, ou seja, Clara traz uma experiência subjetiva singular para o grupo, que provoca uma vibração no mundo psíquico de todos os membros, e faz com que, no aqui-agora, o grupo, através de um portador, pode se ouvir, pode verbalizar suas vivências. Assim, a experiência individual de Clara torna-se o “organizador” do funcionamento do grupo, fazendo despertar nos outros adolescentes uma cadeia associativa. (Foulkes e Antony, 1967 & Anzieu, 1993).

Anzieu (1979) vai colocar que a verdadeira ressonância ocorre a partir de um determinado tema, fantasia ou sentimento. cremos que isto ocorreu em nosso grupo de pesquisa, visto que, a partir da fala de um participante, houve uma cadeia associativa de um determinado tema, sintonizados entre si.

Logo em seguida, o grupo começa a falar sobre os relacionamentos familiares. O grupo vai dizendo como as imagens familiares são representadas em seu mundo psíquico.

Wagner: O meu pai brigava com minha mãe e minha mãe vinha e metia o soco no meu pai. Eu tinha um baú cheio de brinquedo, um dia meu pai chegou brigou com minha mãe e deu um chute neste baú, daí ele quebrou o dedo. Esses dias meu pai deu uma bicuda em mim, só porque eu zoei com ele porque o time dele perdeu.

Humberto: E seu pai Débora?

Daiana: Meu pai é chato, irritante...

Wagner: Quando bebe, né?

Daiana: Não. Ele é mesmo chato irritante, quer mandar em tudo. Quando bebe piora um pouco.

Clara: Lá em casa sai umas brigas. Teve uma vez que meu pai brigou com minha mãe, e daí não sei o que aconteceu, ele deu uma bicuda no pé da minha tia, ela tinha acabado de tirar o gesso, ela xingou ele de filho-da-puta. Meu pai virou e começou a dar um monte de bicudo no pé da minha tia, e ela tinha acabado de tirar o gesso. Nossa, ela disse que doeu prá caramba. Mas ele não parava de chutar minha tia, daí minha mãe entrou na história e ele deu um tapa no rosto dela.

Wagner: Nossa, então quando seu pai bebe ele bate na sua mãe?

Clara: Não. Eu só sei dessa história. Aí meu pai-pai, falou pra ele “ Porque você não bate em mim, seu crente nojento”.

Wagner: Seu vô é crente?

Clara: É. Daí meu pai começou a enfrentar meu vô, daí meu vô pegou um pau e meu pai um ferro. Meu pai falava que ele era um crente sujo e que só batia em mulher.

Clara: Isso aconteceu faz algum tempo. Daí minha vó entrou no meio e conseguiu separar os dois, foi a maior confusão. Agora minha mãe-vó me batia por nada, ela não deixa eu fazer nada, tipo eu era pequena e ela me levava na igreja, daí se eu pegava um papel de bala do chão, ela puxava minha orelha, me beliscava.

Daiana: Nossa, que horror.

Clara: É ela briga por nada. Hoje mesmo, antes de eu vir aqui, você escutou, Daiana?

Daiana: Escutei uma gritaria.

Clara: Então, acabei de acordar, falei que ia escovar o dente e tomar café, peguei e vi que ela comprou um pote e eu fui abrir, caiu umas duas gotas de calda do doce que ela ganhou, nossa, ela começou a gritar “tá vendo, você deixa a casa parecendo um chiqueiro, você não faz nada dentro de casa e só quer destruir o que é meu.” Eu falei pra ela parar de ser histérica, mas ela continuou gritando, fica falando bosta. Eu falo pra ela que ela é louca, eu também não agüento ficar quieta, começo a gritar com ela. Lá em casa eles falam que eu sou um bicho, eu sou mesmo nervosa. Desde pequena é assim. Ela fazia a mesma coisa com minha tia, dava cada surra, apesar que a surra

dela não chega nem perto das surras que meu vô dava nos meus tios. Meu vô batia de verdade, descia o cassete. Batia com cinta, dava tapa.

Wagner: Seu vô batia no seu pai?

Clara: É.

Wagner: Mas seu pai deixava?

Clara: Ele ia fazer o quê? Quanto mais ele reagia, mas ele apanhava. Meu vô pegava os gatos, a gente tinha mais de vinte gato, e dava uma paulada neles. Aí meu pai tinha chegado da empresa onde ele trabalha e foi brincar com o cachorro, o cachorro estava meio estranho naquele dia e deu uma mordida nele. Ele pegou o cachorro, amarrou e começou a jogar tijolo, sorte que não acertou nenhum. Agora ele mudou muito, mas eu morro de medo dele. Meu pai conta cada história dele. Uma vez eu estava na frente da minha casa andando de bicicleta e ele estava conversando e tinha um menino lá e eu comecei a conversar com ele, daí ele começou com frescura, era um daqueles meninos enjoados. Meu vô me mandou entrar e eu entrei, ele veio atrás e começou a me bater, daí eu caí da bicicleta e ele me batia mais ainda, fiquei toda roxa, por causa dos outros. Eu já apanhei muito por causa dos outros. Meu pai era assim, se eu tava brincando e chegava a hora de ir pra casa ele assobiava e eu tinha que entrar. As pessoas com quem eu brincava, começaram a me falar se meu avô achava que eu era cachorro. Aí eu cheguei em casa e falei pra ele não me chamar mais assim porque as pessoas zoavam de mim. Nossa ele pegou a cinta e deu nas minhas costas e começou a me falar pra nunca mais falar assim. Nossa, quantas vezes eu apanhei por causa dos outros. Uma vez uma prima foi lá em casa e minha mãe mandou eu dar um recado prá vizinha, minha prima foi comigo. Quando chegou lá eu insisti pra ela entrar e ela não quis. Daí eu entrei e dei o recado. Na hora que eu voltei a menina não estava mais lá. Daí ele fez eu ficar pra fora da minha casa enquanto a minha prima ficava dentro. Mas ela foi ficar lá comigo. Nossa, pra quê, ele foi lá e começou a me bater, bateu tanto que tirou o portão do trilho, me deu tanto ódio daquela prima, eu queria voar no pescoço dela. Mas ele me bateu, bateu, bateu, por causa de besteira, por causa dos outros. Eu sempre apanhei por causa do outros, por minha causa mesmo, foram poucas vezes. Meu tio disse que chegou um dia ele queria morrer, porque a vida dele era assim: acordava ia pra escola, voltava, apanhava e ia pra igreja. Era sempre assim, tanto com meu tio quanto com meu pai. Meu pai-pai é muito louco e todo mundo fala que é por causa dessas coisas do meu vô. Ainda bem que ele mudou senão eu já tinha fugido de casa.

Para Kaes (1976), a imago é uma representação inconsciente que funciona como uma entidade paradoxal e organiza pensamentos e imagens. Laplanche e Pontalis (1995) colocam que a imago é “um protótipo inconsciente de personagens, que orienta de maneira eletiva o modo como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar” (p. 234-235). Portanto, a imago é um esquema imaginário adquirido; é uma vivência imágina sobreposta das imagos (materna, paterna, familiares) sobre as situações familiares e sociais (Kaes, 1976).

A hipótese defendida por Kaes (1976) propõe que o grupo está representado através das relações constituídas dentro do grupo primário, que é a família. O grupo mobiliza o princípio da repetição das relações de objeto infantis. Sua estrutura libidinosa é baseada na identificação e seu processo está regido pelas angústias e conflitos vividos e elaborados no grupo familiar.

O grupo, ao falar sobre essas estruturas familiares internalizadas, está nos mostrando, através das queixas, o quanto essas imagos são fracas, ausentes. Os membros são representados simbolicamente como desqualificados, alcoólatras, agressivos, impulsivos. Portanto, podemos pensar que, ao atuarem, os adolescentes repetem no aqui agora do grupo esta representação psíquica familiar.

Além disso, podemos ainda, em relação a tal trecho, entender que as ressonâncias das histórias do passado familiar são determinantes na história pessoal de cada membro do grupo, o que nos remete ao conceito de transgeracionalidade, ou seja, a idéia de que cada um dos pais, avós, avôs destes adolescentes mantêm a internalização de suas respectivas famílias

originais, com os correspondentes valores, crenças e conflitos, e que estes, quando não resolvidos, são reeditados nos filhos, o que pode acontecer com sucessivas gerações. Kaës (2001) diz que:

A transmissão psíquica em torno do eixo das relações intergeracionais, implica a precessão do sujeito por mais de um outro. ... faz do sujeito singular o elo, o servidor, o beneficiário e o herdeiro da cadeia intersubjetiva de que procede. Sobre essa cadeia vê apoiar-se mais de uma formação de sua psique; em sua rede circula, se transmite e se produz matéria psíquica, formações comuns ao sujeito singular e aos conjuntos de que é parte constituinte e parte constituída. Esse ponto de vista leva a considerar o sujeito do Inconsciente como sujeito da herança e, mais genericamente como sujeito do grupo: portanto, em termos psicanalíticos, o que está em jogo na questão da transmissão é a formação do Inconsciente e dos efeitos de subjetividade que, produzidos na intersubjetividade, dela derivam. (p-12).

Um outro fenômeno que observamos é que cada integrante do grupo se torna um contador da sua história individual e familiar. Essas histórias, além de sua função catártica, são uma tentativa de dar um sentido aos relacionamentos familiares. Além disso, para se livrarem destas angústias e conflitos internos, buscam saídas:

Daiana: Eu também já pensei em fugir de casa.

Wagner: Eu também

Daiana: Eu também já fiz isso. Meu pai também às vezes fica muito agressivo, bate na minha mãe. Minha irmã odeia isso e faz o maior escândalo.

Wagner: Minha mãe diz que eu também fugia de casa, mas eu não lembro. Minha mãe fala que um dia eu peguei uma sacola de mercado, coloquei roupa dentro, abri o portão e saí.

Assim passam a acreditar que saindo do país ou morando em outro lugar terão vidas felizes, onde tudo será lindo, maravilhoso.

Daiana: Quando eu começar a trabalhar, eu vou embora de casa, nossa, não vejo a hora.

Clara: Eu também, daqui a três anos, tchau.

Daiana: Eu vou prá uma república.

Clara: Eu vou sair do País, vou morar lá com minha tia.

Podemos entender essa fala do grupo através do que Bion (1961) chamou de grupo de acasalamento. Para este autor, as idéias otimistas verbalmente expressas são racionalizações “*destinadas a efetuar um deslocamento no tempo e uma transigência com os sentimentos de culpa*” (p.139). O grupo de acasalamento projeta num líder – este necessariamente está localizado no futuro- a idéia de que o grupo será salvo dos seus sentimentos de ódio, destrutividade e desespero. Surge uma esperança messiânica.

Podemos também pensar que o grupo, ao idealizar um lugar paradisíaco, onde não há problemas, regride ao narcisismo primário; o grupo quer ser amparado, colocado dentro do corpo materno, onde fica protegido. Durante toda sessão, eles falam do desamparo, de como vivenciam relações catastróficas, do quanto o mundo externo é visto por eles como hostil e agressivo. Regridem ao primeiro organizador psíquico descrito por Kaës (1976) - o grupo como um organismo vivo. Dessa forma, os adolescentes do grupo buscam ser e fazer corpo, ou seja, buscam garantias contra o sentimento de inexistência, exclusão, separação e o desejo de recuperar o prazer

proporcionado pelo colo materno, que tem a representação de uma envoltura protetora, que simboliza as possibilidades de lidarem com os danos e sofrimentos vivenciados com a dinâmica familiar.

Como durante toda a sessão o grupo fala de privação, instabilidade, desagregação, de uma forma inconsciente seus elementos tentam eliminar ou minimizar as angústias através de algo bom. Terminam, então, falando sobre a importância de participar na aula.

Clara: É, mas você precisa ver sua participação em sala de aula.

Esta fala representa o desejo e a necessidade que têm de acontecimentos e vivências boas para minimizar as ruins. Quando estão no grupo, tentam resolver, no imaginário, as maiores insatisfações, resultantes do contato com o outro, especialmente com a família.

4.4. Análise e discussão do nono encontro:

O grupo traz pela primeira vez um sonho:

Wagner: Vocês não sabem o que eu sonhei hoje? Acordei com dor do lado, perto do coração. Eu sonhei que estava vindo uma onda gigante aqui para Americana. E a praia era aqui na frente da escola.

Robson: Que da hora.

Wagner: Daí o Mario (coordenador pedagógico) falou pra ficar no meio, todos ficaram. Aí tava o Lucas na onda e ela matou um monte de gente. Na hora que ela ia me catar, eu comecei a chamar por Deus, comecei a pensar na minha mãe e no meu pai, e aí eu acordei chorando e com dor no peito, uma dor forte. Eu acordava, dormia e via aquela onda de novo. A Clara e a Daiana morreram no sonho.

Podemos pensar que o mar é o próprio inconsciente. O grupo também é um mar de ondas. Os adolescentes vivem no aqui-agora do grupo como onda, sempre estão funcionando na emoção. Esse mar ameaça, pois pode destruir vínculos, relações. As ondas podem representar o movimento emocional do grupo, sempre atuando com força, com impulsividade.

Para Freud (1900), os sonhos têm como função a realização de desejos; é neles que, de certa forma, desejos proibidos podem encontrar satisfação.

Anzieu (1993) também defende a tese segundo a qual o grupo é um sonho. Para ele, a situação grupal favorece que o individual dê lugar ao coletivo e, com isso, as pessoas sentem-se mais livres, as defesas ficam mais amenas, intensificando a busca pela realização de desejos. Para este autor, o grupo opera de uma forma fantasmática na vida das pessoas, informando-nos não só imagens ou devaneios, como também todo o campo do comportamento humano.

Por se tratar de nosso penúltimo encontro, o que o grupo está nos informando é que, através deste sonho, o grupo fica angustiado com a

separação e está vivenciando o temor da separação. Todos os envolvidos reeditam a angústia de perder o amor materno (Zimmermann, 2001) e ficarem desprotegidos, apenas com suas emoções, com suas ondas que possuem uma força e representam uma parte deles, um impulso sem controle. Se no sonho existe essa turbulência de ondas, aqui e agora no grupo ela também existe. Estão falando, então, para a pesquisadora, como ela vai deixar o barco do grupo.

O sonho de Vagner vai fazer uma ressonância no mundo interno de Robson, que também traz um sonho, que manifesta um desejo de alegria, de divertimento:

Robson: Eu sonhei que estava viajando e quando eu olhei pro céu, eu estava no elevador do Hopi Hari. Daí eu acordei.

A fantasia comum que encontrou ressonância no grupo pode ser expressa através das formulações de Anzieu (1993), que compara o grupo com um sonho. Assim, os participantes demonstram que confiam no objeto-grupo, percebem-no como corpo materno, que garante segurança e acolhimento, podendo contar seus sonhos e realizar seus desejos.

Em seguida, os adolescentes vão mostrando características comuns desta fase do desenvolvimento: deboçam uns dos outros, atribuem defeitos, mostram uma necessidade de grandeza, prepotência, arrogância.

Wagner: A Clara veio hoje com o sapato do pai dela.

Clara: Meu tênis tá molhado, então eu vim com esse sapato mesmo, vou vim com o tênis molhado?

Wagner: É do seu pai mesmo?

Clara: Claro que não, é meu. Meu pai calça 44. Mas se você quer falar de tênis, o seu é rosa.

Wagner: Cadê rosa aqui? Ai, que mentira.

Clara: Esse tênis é da sua irmã.

Continuam então, mostrando suas características, principalmente a grandeza:

Wagner: Antes eu achava que o Robson era rico, ele vinha na escola na maior panca.

O pai dele tinha um caminhão grande, amarelo e ele falava que era rico.

Robson: Todo mundo mentia.

Wagner: Todo mundo não, você. Aí ele falava que a casa dele era bonita, mas quando eu fui lá ela estava só no tijolo. O caminhão era velho, caindo aos pedaços.

Os adolescentes, ao debocharem, tirarem sarro ou mesmo se mostrarem grandiosos, vão se utilizando do grupo para fazerem dissociações, projeções. Knobel (1981) coloca que o grupo é útil para isso mesmo. No grupo, os adolescentes podem falar daquilo que os incomoda através do outro e esta forma de falar vai ser diferente das formas infantis.

Levisky (1998) coloca que a adolescência é um período de muitas projeções, no qual o adolescente atribui aos que são mais próximos os aspectos indesejáveis ou perturbadores de sua pessoa. Isto é consequência das inseguranças emergentes no ego. O adolescente tenta, então, compensar esta insegurança através do sentimento de grandeza.

Isto é reforçado quando os adolescentes começam a contar seus sonhos:

Robson: Eu queria realizar meu sonho.

Clara: Qual é o seu sonho?

Robson: Queria ser invisível.

Wagner: Ai, que bobeira. Sabe qual é o meu? Eu queria crescer e ser jogador de futebol.

Robson: Ser invisível deve ser o maior poder que uma pessoa pode ter.

Henrique: O meu é ser jogador de futebol.

Clara: O meu é morar com minha tia.

O grupo vai mostrando todo o seu aspecto megalomaniaco. Primeiro, Robson diz que seu sonho é ser invisível, portanto, quer ter a capacidade de ser Deus. Em seguida falam em ser jogador de futebol, identificam-se com as possibilidades materiais que o futebol pode trazer, e depois desejam morar com a tia, isto é, fora do país.

Começam, então, a falar de como os amigos atuam, recorrendo a um mecanismo de defesa: a projeção.

Wagner: Robson, mostra o furo que aquele moleque de cadeira de rodas fez na sua mão.

Robson: Ele enfiou a caneta na minha mão. Aí eu bati nele e tomei suspensão

Wagner: Ele é igual àquele Paulo...

Robson: Eu já levei suspensão por causa do Paulo, ele veio xingando minha mãe.

Wagner: Isso que dá nervoso, ele xinga a mãe. Eu também já tomei suspensão por causa dele. Eu bato mesmo nele.

A projeção é uma operação na qual o indivíduo expulsa de si algumas de suas qualidades, alguns de seus sentimentos, desejos ou temores que desconhece de si mesmo e os localiza em pessoas ou coisas (Laplanche e Pontalis, 1995). Assim, aquilo que é intolerável para o indivíduo encontra lugar no mundo exterior. Ocorre uma bipartição dentro da pessoa, como um reflexo dirigido ao outro daquilo que nega em si mesmo (Pontalis, 1963).

A pesquisadora tenta apontar aos adolescentes como eles também têm uma participação na ação do colega; queixam-se do amigo, mas não percebem suas atuações:

Pesquisadora: Mas vocês estão falando dele, mas parece que vocês também colaboram pra ele ser assim; batem nele, tiram sarro. O que vocês acham que acontece?

Wagner: Ele fica sentado na carteira, com aquele cabelo de bucha dele, xingando a gente de veado, tonto, demônio, diabo...

Henrique: Resto de aborto.

Robson: Teve um dia que eu perguntei como chamava a mãe dele, ele falou lone, daí eu disse: “Gente, quem comprar o panetone da lone come a bundinha do Paulo de graça”. Ele ficou louco comigo.

Pesquisadora: Então, percebem como vocês provocam?

Wagner: Mas ele sempre mexe. Ele é são-paulino. Um dia, o São Paulo perdeu, eu encontrei ele no mercado e fui zoar com ele, ele começou a me xingar de filho-da-puta, viado, nossa um monte de nome.

Robson: Você viu, ele pediu o apontador da Tamires, daí eu peguei e joguei no lixo, ele me chamou de filho-da-puta, mandou eu tomar no cú e ainda falou que minha mãe estava dando o cú. Ai o Isac foi lá e pegou, quando foi dá pra ele caiu e ele xingou o Isac, daí o Isac deu pra mim de novo e eu joguei no lixo novamente e ele me xingou de novo. Aí o André quando viu isso, ele é o maior paga pau dele, foi lá e entregou prá ele.

Pesquisadora: Vocês dizem que ele mexe, mas até agora vocês só falaram que quem mexe é vocês.

Robson: É nada, ele mexe também.

Pesquisadora: Mas ele poderia mexer e vocês não se importarem.

Clara: Não dá, com ele realmente não dá. Eu já tentei, mas é impossível. Ele ofende muito. Dá um nervoso que dá vontade de voar no pescoço.

Estamos percebendo que existem atuações impensadas, configuradas em ataque ao outro através da agressividade. Colocam no colega toda a

responsabilidade, assim, não enfrentam suas dificuldades, fazendo uso de aspectos infantis, mágicos.

Greenace (1950) coloca que no acting out existirão fenômenos narcisistas, sobressaindo-se a incapacidade de distinguir os objetivos reais dos da fantasia e uma tácita confiança na magia.

Um outro aspecto a ser considerado são as atuações configuradas com palavras. Apesar de o grupo dizer que quem produz este vocabulário é o colega, ao repetirem, também realizam o desejo de dizerem estas palavras. Assim, os adolescentes voltam a ser crianças. Anzieu (1993) pontua que o grupo oferece aos seus integrantes certa liberdade. Esta situação de grupo livre provoca uma regressão, denominada por ele “regressão formal”, ou seja, a possibilidade de expressar emoções arcaicas, do princípio primário.

Ao terminar a sessão, os adolescentes, regridem novamente para as coisas infantis, voltam a ser crianças:

Clara: Onde está minha luva? Você pegou, Wagner?

Wagner: Eu não.

Clara: Wagner, devolve minha luva.

Wagner: Olha pra mim e prá Daiana, veja quem dá dando risada.

Clara: Você é cheio de coisa, por isso aposto em você.

Wagner: Olha como estou sério.

Clara: Quando eu era pequena eu brincava disso, de ver quem não dá risada.

Começam então a brincar de não dar risada. Ficam mais ou menos uns 10 minutos nessa brincadeira.

Assim, a crise de identidade do adolescente se mostra através de duas forças antagônicas: uma, que impulsiona para a vida adulta, e outra, que deseja manter os privilégios da vida infantil. Manter os privilégios da vida

infantil implica em não pensar sobre o compromisso que se tem enquanto adolescente.

4.5. Análise e discussão do décimo encontro:

Os adolescentes chegam pedindo para que o grupo não acabe:

Wagner: Hoje é nosso último dia?

Pesquisadora: É.

Wagner: E depois, não vai continuar, não?

Pesquisadora: Para a pesquisa é suficiente somente dez encontros, nós combinamos isso, lembram?

Daiana: Mas nós podíamos continuar.

O grupo, ao demonstrar a vontade de continuar, mostra que este representa um objeto bom, que proporciona amparo, segurança para que possam expressar seus sentimentos. Eles sentem, no grupo, que suas necessidades serão reconhecidas e que aqueles sentimentos que não conseguem suportar serão acolhidos, favorecendo a livre conversação. O grupo é objeto de catexa da energia psíquica.

Clara chega 10 minutos atrasada e, com sua chegada, inicia-se uma conversa sobre a participação dos integrantes do grupo em outros grupos:

Wagner: Vocês viram que o Robson saiu no jornal?

Robson: É que eu faço parte daquele grupo que dá dicas para o jornal.

Clara: Ah, o Galera Teen.

Robson: É. Eu vou lá uma ou duas vezes por mês para dar as dicas.

Robson: É bem legal. É super legal ver como se faz jornal. Nossa reunião é como aqui cada um fala o que pensa o que acha igual aqui.

Começam, então, a falar de uma festa:

Clara: Como faz pra gente ganhar ingresso pra festa?

Robson: Você vai lá, compra o jornal e daí tem um sorteio. O jornal está sorteando os ingressos.

Henrique: Eu queria ir à festa todos os dias, mas vou um dia só.

O grupo vai nos mostrando que, com essas dez sessões, eles conseguiram incorporar um objeto bom. Vão, a partir deste grupo, formar outros grupos fora. Observamos, então, uma mudança: em vez de atuarem, nos mostram como vão suprir essa falta do grupo através de outro.

Logo em seguida, começam a falar de jogo de futebol, internet, brincadeiras na escola. Falam sobre grupos e procuram arrumar outros grupos. Isso porque dentro deles entrou um objeto bom e, assim, o ego busca outros grupos sociais, como grupos festivos, grupos de futebol:

Wagner: ... Sabe o que eu vi ontem na internet? Um gordinho jogando até que aparece uma mulher na tela do computador ele assusta e começa a bater na tela. Maior da hora.

Henrique: Segunda-feira teve treino, por que você não foi Robson?

Robson: Acho que eu não vou. Eu prefiro jogar Labirinto no computador.

Wagner: Como faz para entrar no Labirinto?

Robson: Tem que entrar no Google.

Henrique: É muito melhor jogar Play 2 do que computador.

Robson: Claro que não.

Clara: São jogos diferentes.

Robson: Pra mim, no computador é mais legal.

Henrique: Dependendo o jogo...

Wagner: ...Ah, eu vi no Liberal que hoje depois do recreio só vai ter brincadeiras na escola, tal de "Agita São Paulo", acho que não vamos mais ter aulas hoje.

Por outro lado, eles falam de outros grupos para poder minimizar a angústia de separação. Criam assim um sentimento de alegria, de divertimento. Entram num estado de euforia para negar o sentimento que alimentam em relação ao fim do grupo. Negam o momento da separação e criam um estado de coisas boas (jogar bola, internet, jornal, brincadeiras na escola, etc.).

Este fragmento reforça a necessidade do grupo (movidos especialmente por esse ser o último encontro) de criar uma “ilusão” e, assim, conseguir suportar a separação.

Os outros grupos parecem terem sido idealizados como uma instância psíquica de “ego ideal”, que têm o compromisso de solucionar os problemas apresentados pelos participantes (minimizar a angústia do fim do grupo). Por outro lado, o grupo também parece ter sido idealizado, o que é denominado por Anzieu (1993) de “ilusão grupal”, ou seja, o objeto-grupo foi investido pelas pulsões libidinais dos adolescentes, garantindo que este se organize como uma unidade-corpo contra a fragmentação, a angústia de ser parte desligada do todo grupal; contra a dissociação de si, do corpo, do espaço e do grupo, isso é, contra as “fantasias de quebra”.

Compreendemos como um recurso positivo do grupo, que se mostra capaz de se organizar para enfrentar as angústias.

A fala de Clara mostra como fica difícil para o grupo pensar sobre essa separação, então, tal qual a prima, disfarçam:

Clara: Minha prima tem o cabelo todo enrolado, então ela usa boné para disfarçar.

Após algumas brincadeiras, o grupo começa a cantar e a falar de coisas boas:

Robson: O que será que vai ter hoje pra comer na escola?

Henrique: Eu estou com fome.

Wagner e Henrique começam a cantar e logo em seguida Robson também, só que em inglês.

Wagner: Nossa, Robson, você melhorou sua letra.

Robson: Estou escrevendo melhor agora.

Vão mostrando como tudo é bom, como tudo melhorou. Isto tudo para minimizar a angústia de separação de um grupo bom, de um objeto bom. O que podemos perceber é que os adolescentes incorporaram este objeto-grupo. Kaes (1976) irá colocar que a idéia de incorporar e incorporar-se apoia-se simbolicamente no ato de comer e beber. Isto é confirmado em nosso grupo, pois antes de terminá-lo, os adolescentes sugerem que façamos uma festa para comemorarmos o encerramento:

Clara: Valéria, vamos fazer mais um dia e aí a gente faz um amigo secreto e uma festa? Cada um traz uma coisa.

Pesquisadora: O que combinamos é que hoje seria o nosso último dia.

Wagner: Mas hoje fica sendo o último dia e daí a gente comemora o fim.

Todos do grupo aceitam a idéia eu também aceito fazermos um amigo secreto e uma festinha. Marcamos, então, para o outro dia.

Comemoram com a festa para saírem com a impressão de um objeto bom, para que eles possam criar novos grupos, integrarem-se em outros grupos.

Kaes (1976) coloca que as comidas servem para incorporar o grupo, lidar com o medo da separação. A ritualização garante a incorporação do grupo e permanece como uma lembrança preservada.

A coesão imaginária do objeto-grupo recuperada neste movimento vem apaziguar as angústias, assumindo a função social de manter uma relação imaginária com o grupo. Esta situação de identificação é perpetuada e alimentada pelo evento festivo, através do qual se proporciona a união do Ego com o ideal de Ego.

Nestas situações festivas, o corpo (lembrando sua associação com o grupo) e seu espírito são exaltados, fortalecidos nesta representação, simultaneamente única e unificadora, protetora contra o caos e contra o ataque natural do regresso à mãe natureza – e conseqüente abandono do e pelo grupo. A festa festeja e ressalta a existência do grupo, além de registrá-la.

No caso dos adolescentes, a festa gera uma ocasião para se fortalecer o vínculo de pertença ao grupo, com toda a sua completude. Toda esta composição vem para facilitar a aceitação da perda e manter uma representação do objeto perdido (grupo).

A partir dessa nossa análise vertical, faremos uma síntese horizontal de nossos conteúdos coletados.

O nosso grupo de pesquisa inicialmente apresentou-se não-integrado, atuando através de palavras, que denominamos “acting out verbal”, e através de gestos, com atuações dirigidas aos professores, aos pares, à instituição ou ao próprio grupo.

O grupo, no primeiro encontro, apresentou-se em estágios de integração precária, predominantemente em processo primário. Utilizou-se de defesas primitivas como projeção, dissociação. Estas estão intimamente relacionadas com a dinâmica do acting out.

Neste primeiro encontro, percebemos que os adolescentes encontravam-se mais limitados na sua capacidade de inter-relação e comunicação com o mundo externo. Os adolescentes apresentaram níveis de comunicação muito elementares, narcisistas e persecutórios. Estes constituíam os aspectos característicos que refletia a comunicação e a relação nesse grupo de adolescentes.

Neste primeiro momento, o grupo nos apresenta duas formas de entendermos o acting. A primeira, em forma de comunicação (nos falamos sobre seus meios de atuação com o mundo externo). A segunda, com a atuação se dando dentro do próprio grupo, através de atrasos e brigas entre os participantes. Entendemos que este tipo de acting é um ataque ao vínculo grupal, que está relacionado com a resistência.

No segundo encontro, através das falas do grupo, fomos percebendo o quanto fica difícil para eles seguirem as regras. Além disso, apresentaram uma agressão destrutiva dirigida ao grupo. Os mecanismos de defesa eram ainda muito arcaicos, como a clivagem, negação e projeção. O grupo entra num processo de regressão, atuando muito mais pelo princípio do prazer.

A técnica de grupo também permitiu a possibilidade de se repensar reações impensadas. Assim, neste encontro, quando os adolescentes relataram como agrediram um colega do grupo, foi oferecida, através de uma integrante, a possibilidade de pensarem alternativas diante das atuações que exprimiram.

Neste encontro, o grupo estava mais centrado nele mesmo; conseguiram estabelecer vínculos, trocaram experiências. Surgiu uma abertura para uma maior coesão grupal.

No quinto encontro, surgiu uma atuação em relação aos estudos. Os adolescentes nos contaram seu mau desempenho na sala de aula. Ainda predominava uma dificuldade de pensamento, de lidar com os acontecimentos através do processo secundário e não primário.

No grupo, a forma de comunicação se atribuiu a todos os membros, e foi possível perceber uma maior integração do grupo. Os participantes, nesse

encontro, puderam compartilhar coletivamente suas intimidades, seus mitos e complexos familiares. Ao falarem, possibilitaram o início de um processo de elaboração e ressignificação destas experiências. Demonstraram, assim, que confiam na tarefa do grupo. O grupo foi vivenciado como um espaço de segurança e acolhimento.

As atuações, a partir deste encontro, foram diminuindo. Assim, compreendemos que os participantes do grupo necessitam de um ambiente externo, um objeto capaz de conter suas emoções. Nesse sentido, o grupo foi representado como um objeto-bom, que estimulou os participantes a expressarem seus sentimentos.

O nono encontro iniciou-se com um sonho. Pensamos que o grupo constituiu-se em um espaço que proporcionou a realização de fantasias. As atuações surgiram através de um ataque agressivo ao outro, com o uso de palavras. Mas o que mais se destacava era a crise de identidade vivida pelos adolescentes.

O décimo encontro, por ser o último, nos trouxe um novo fenômeno: os adolescentes, em vez de atuarem, foram mostrando como supriram essa falta do grupo através de um outro.

Para lidar com a angústia da separação, criaram uma “ilusão” (Anzieu,1993), onde idealizaram esses outros grupos como “ego ideal”, e também idealizaram o grupo, investindo suas pulsões libidinais e organizando-se como uma unidade.

Compreendemos este movimento como positivo, pois é somente na relação com o outro e com o grupo que as experiências poderão ser simbolizadas e, portanto, elaboradas.

5. Conclusões

O grupo de adolescentes atuou em níveis afetivos, os participantes passaram por diversas situações de sensibilizações. A natureza das linguagens utilizadas foi mais simbólica, emocional e gestual.

A partir destas formas de linguagem concluímos que o acting é uma descarga (podendo ser motora ou verbal), portanto não existe pensamento apenas uma necessidade de descarga de tensão que se torna insuportável para o sujeito. Utilizam assim, mecanismos de defesas arcaicos como projeção, dissociação, negação, clivagem.

Constatamos que o acting pode surgir através de duas formas. A primeira, em forma de comunicação, e a segunda, enquanto um ataque ao vínculo grupal. Todo acting deve ser interpretado. Quando vivido no aqui-agora do grupo, a manifestação serve para elaboração da situação com todos os integrantes e para o psicólogo, que vai ter diante de si uma série de situações latentes. A partir disso, foi possível aos adolescentes do grupo desenvolver uma atmosfera de cooperação entre colegas adolescentes, favorecendo as evoluções individuais.

Portanto, a técnica de grupo praticada nesta pesquisa constituiu-se em um instrumento eficaz para estudar o fenômeno do acting out do adolescente no grupo.

O espaço grupal, ao possibilitar aos participantes a oportunidade de expressarem seus conflitos e sofrimentos, e também seus sonhos e seus desejos, ajudou os adolescentes a se sensibilizarem aos fenômenos do acting out e de buscarem meios mais criativos para resolverem estas atuações.

Por fim, pensamos que nossa experiência pode ser utilizada como referência para instituições educacionais, pois é necessário ressaltar o quanto os processos psíquicos inconscientes intervêm nos grupos reais. Daí a necessidade de intervenções psicológicas. Somente assim, os integrantes de qualquer grupo poderão ter percepções mais claras da sua realidade exterior, bem como de sua realidade interna. Assim, é importante que se fique atento para os aspectos grupais, pois é somente através de sua interpretação e auto-reflexão que os integrantes do grupo poderão se autoconhecer e também perceber a força deste processo emocional de acting out.

Consideramos, ainda, a necessidade de pesquisas futuras a respeito do tema, à medida que cada grupo traz contribuições científicas diversas e singulares em relação aos nossos achados.

6. Referências

Aberastury, A .(1981). O adolescente e a liberdade. In: Aberastury, A , Knobel, M. Adolescência Normal. (pp.13-23). Porto Alegre: Artes Médicas.

Abraham, K. (1919). Psicoanálisis clínico. Buenos Aires: Hormé,1959.

Anzieu, D. & Martins, J. I. (1971). La dinámica de los grupos pequeños. Buenos Aires: Ed. Kapelusz.

Anzieu, D. (1993). O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal. São Paulo: Casa do psicólogo.

Aydo, L. C. (2005). Técnica de trabalho clínico com adolescentes: “Entre a ação e a palavra”. Revista de psicanálise da SPPA, 12 (1), 121-134.

Battistoni, M. M. de M. (1996). Obesidade feminina na adolescência: revisão teórica e casos ilustrativos (visão psicodinâmica). Tese de doutorado não publicada, Unicamp, Campinas.

Berlim, G. I. (1997). Acting Out: Evolução do conceito e sua relação com a inveja. Revista de psicanálise, 4 (3), 425-448.

Bion, W. R. (1956). Second thoughts. London: W. Heinemann.

Bion, W. R. (1961). Experiências com grupos: os fundamentos de psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1962). Aprendiendo de la experiencia. Buenos Aires: Paidós, 1963.

Bion, W. R. (1965). Transformation. Change from learning to growth. London: W. Heinemann.

Bleger, J. (2001). Temas de psicologia: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes.

Blos, P. (1976). La transición adolescente. Buenos Ayres: Amorroetu y ASAPPPIA.

Blos, P. (1978). The concept of acting out in relation to the adolescent process. In: A developmental approach to problems of acting out by Eveleen Rexford. New York: Int. Univ. Press.

Calligaris, C. (2000). A adolescência. São Paulo. Publifolha.

Castellar, C. (1987). Gruposoterapia com adolescentes. In: Py, L. A (org.) Grupo sobre Grupos. (pp.87-97). Rio de Janeiro: Rocco.

Cociuffo, T. (2001). Aprendizado de psicopatologia: encontro marcado com a loucura. Dissertação de mestrado em psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/São Paulo.

Dolto, F. (1990). O conceito da adolescência: pontos de referência, pontos de ruptura. In: Dolto, F. A causa dos adolescentes. (Trad. Julieta Leite) (pp.17-29). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Erickson, E. H. (1976). Identidade: juventude e crise. (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Fenichel, O (1945). Neurotic acting Out. In: The collected papers of Otto Fenichel. New York: Norton,1954.

Ferrão, L. M. (1967). “Acting out” e “Identificação projetiva”. Revista brasileira de psicanálise, 1 (1),180-198.

Flechner. S. (2000). La clinica actual de pacientes adolescentes. In: Un nuevo desafio? Revista uruguaya de psicoanalysis. Montevideo, n.92, p.209.

Foulkes, S. H., & Anthony, E. J. (1967). Psicoterapia de grupo: abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: BUP.

Foulkes, S.H. (1972). Psicoterapia de grupo. (Arruda, A. -trad.) – 2ª Edição – São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S.A. (originalmente publicado em 1963).

Francisco, B. S. da S. (1991). Considerações para a metapsicologia do acting out. Revista brasileira de psicanálise, 25 (2), 291-301.

Freitas, L. A de. (1987). Psicoterapia analítica de grupo com pré-adolescentes. In: Py, L. A (org.). Grupo sobre grupos. (pp.71-86). Rio de Janeiro: Rocco.

Freud, A (1986). O ego e os mecanismos de defesa. (trad. de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. (Trad. De J. Salomão). Edição standart brasileira das obras completas de S. Freud, v.4 e 5. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria e três ensaios sobre a sexualidade. (Trad. De J. Salomão) Ed. standart brasileira das obras completas de S. Freud, v. 7, Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. (Trad. De J. Salomão). Ed. standart brasileira das obras completas de S. Freud, v.12. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. (Trad. De J. Salomão). Ed. Standart brasileira das obras completas de S. Freud, v.17. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. (Trad. De J. Salomão). Ed. Standart brasileira das obras completas de S. Freud, v.18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Freud, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. (Trad. De J. Salomão). Ed. Standart brasileira das obras completas de S. Freud, v.23. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Freud, S. (1940). Esboço de psicanálise. (Trad. De J. Salomão). Ed. Standart brasileira das obras completas de S. Freud, v. 23. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

Gadini, E. (1982). Acting out in the psychoanalytic session. Int. J. Psychoanal.,63,57-64.

Greenson, R. (1969). Comentario y contribuciones. Revista de psicoanálisis, 26,861-864.

Greenacre, P. (1950). Trauma, desarrollo y personalidad. Buenos Ayres: Hormé, 1960.

Grinberg,L.; Langer,M.; Rodrigué,E. (1971). Psicoterapia del grupo. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Jacobson, E. (1957). Denial and repression. J. Amer. Psychoanal. Assn., 5,61-92.

Kaes, R. (1976). El aparato psíquico grupal: construcciones de grupo. Espanha: Granica Editor.

Kaes, R. & Anzieu, D. (1989). Crônica de un grupo (Trad. Hugo Azevedo), México: Ed. Gedisa Mexicana, S.A.

Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In Kaës, R, Faimberg, H, Enriquez, M., & Baranes, J. J. Transmissão da vida psíquica entre gerações. (Berliner, C.-trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kestenberg, J. (1968). Acting out in the analysis of children and adults. Int. J. Psycho-Anal., 49,341-344.

Klein, M. (1932). El psicoanálisis de niños. Obras completas. Vol. 1, Buenos Aires: Paidós.

Klein, M. (1952). The origins of the transference. Int. J. Psycho-Anal., 33,433-438.

Klein, M. (1957). Inveja e gratidão. Rio de Janeiro: Imago.1974.

Knobel, M. (1980). A inclusão do “acting-out” terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes. Revista brasileira de psicanálise. 14,47-57.

Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. Em Aberastury, A ,
Knobel, M. Adolescência normal. (pp.24-62) Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. E Pontalis J.B. (1995). Vocabulário de psicanálise. (Pedro
Tamen – trad.) . São Paulo: Martins Fontes.

Leal, M. R. M. (1994). Grupanálise: um percurso. 1963-1993. Lisboa:
Sociedade portuguesa de grupanálise.

Levi, G. & Schimitt, J. (1996). História dos jovens. São Paulo: Companhia das
Letras.

Levisky, D. L. (1998). Acting out: um meio de comunicação na análise de
adolescentes e crianças. Em Levisky, D. L. (org.). Adolescência: reflexões
psicanalíticas.(pp. 203-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Limentani, A. (1969). Una reevaluación del acting out en relación com la
elaboración. Revista de psicoanálisis, 26:841-860.

Mathieu, P. (1967). Essai d'interprétation de quelques pages du rêve celtique.
Interpretation 2, 32-39.

Melman, C. (1997). Os Adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro.
In: Jerusalinsky, A (org.) Adolescência: entre o passado e o futuro.(pp.29-43).
Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Morato, H. (1974). Humanistic approaches in groups with adolescent. Master Thesis, University Utah, USA .

Muuss, R. (1976). Teorias da adolescência. (Trad. Instituto Wagner de Idiomas). Belo Horizonte: Interlivros.

Osório, L. C. (2000). Grupos, teoria e práticas: acessando a era da grupalidade. (pp.79-89). Porto Alegre: Artmed.

Paiva, I. M. de. (1968). Atuação transferencial ou "Acting Out". Revista brasileira de psicanálise. 2 (1), 62-67.

Pernigotti, J. M. & Comiotto, M. S. (1994) O sentimento de identidade e adolescência. Educação. 26, 7-17.

Pontalis. (1963). Le petit groupe comme objet. Les temps modernes. 211, 1057-1069.

Rangel, L. (1968). A point of view on acting out. Int. J. Psycho-Anal., 49,195-201.

Rank, O. (1945). Will therapy and truth and reality. New York: Knopf.

Rassial, J. J. (1999). O adolescente e o psicanalista. (Trad. Leda Mariza Fischer Bernardino). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rosenfeld, H. A (1965). Os estados psicóticos. (Trad. Jayme Salomão e Paulo Dias Correa). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Rosenfeld, D. (1989). O Acting Out em pacientes seriamente perturbados e psicóticos. Revista brasileira de psicanálise. 23 (2), 300-306.

Rosenfeld, D. (1994). Técnica, acting-out e psicossomática. In: O Psicótico. Aspectos da personalidade. (pp. 187-203). Rio de Janeiro: Vozes.

Safra, G. (1993). O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica. In Silva, M. E. L. (Org) Investigação e psicanálise. (p. 119-132). Campinas: Papyrus.

Silverberg, W. (1955). Acting out versus insight. Psychoanal. Quarterly, 24,527-544.

Spillius, E.B. (1991). A Interpretação da inveja na análise. Revista Brasileira de Psicanálise.25:549-564.

Stone, L. J. & Church, J. (1969). Infância e adolescência. Belo Horizonte: Interlivros.

Térzis, A. (1990) Níveis de comunicação e níveis de interpretação na psicoterapia analítica de grupo. Estudo de psicologia, 1:98-106.

Térzis, A. (1999). Transferência e contratransferência na psicoterapia analítica de grupo. In: Século XX e XXI: o que permanece e o que se transforma. (pp.95-109). São Paulo: Ed. Lemos.

Térzis, A (2005). Psicologia hoje. Campinas: SPAG.

Térzis, A. (2005b). Grupo de atividades com crianças: processo de humanização. Revista estudos de psicologia, 22 (3), 291-299.

Winnicott, D. W. (1997). A família e o desenvolvimento individual. (Trad. Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1999). Privação e delinqüência. (Trad. Álvaro Cabral). São Paulo: Martins Fontes.

Zimmerman, D. E, (2000). Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed.

Zimmerman, D. E. (2001) Vocabulário contemporâneo de psicanálise. Porto Alegre: Artmed Editora.

ANEXO 1

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO **(aos pais do participante da pesquisa)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Valéria Cristina Pereira Verzignasse, aluna do curso de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, CRP 06/52574-2, estou realizando uma pesquisa e gostaria de convidar seu filho para participar.

O objetivo deste trabalho é compreender psicanaliticamente as atuações de adolescentes no âmbito escolar, além de verificar se o “grupo de diagnóstico” aplicado em um grupo de adolescentes é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out, possibilitando a busca de meios apropriados para resolver essas atuações que se implantam no grupo. Para isso, faremos um grupo que se reunirá três vezes por semana, com duração de uma hora e trinta minutos, durante um mês, totalizando 10 encontros. Nestas reuniões, utilizarei um gravador para não perder nenhuma informação.

Pelo tipo de pesquisa, informo que não haverá procedimentos que causem desconfortos ou riscos ao adolescente. Será um momento terapêutico para seu filho conversar.

A participação do adolescente é totalmente voluntária e ele não será obrigado a fornecer informações que não queira, podendo desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento.

Após esta pesquisa, publicarei minha dissertação de mestrado, sendo que todas as informações que possam identificar o adolescente serão omitidas.

Este trabalho pretende em primeiro lugar auxiliar seu filho, além de fornecer subsídios a todas as pessoas que lidam com adolescentes. Para que eu possa realizar este trabalho, preciso que os senhores autorizem a participação de seu filho nesta pesquisa.

Em caso de dúvida, os senhores poderão entrar em contato comigo pelos telefones (19) 3461.1862 ou 3461.3417. No caso de queixa, poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, pelo fone 3735.5910.

Eu, _____, R.G. _____ pai, mãe ou responsável por _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em autorizar sua participar nesta pesquisa. Autorizo também, respeitadas as condições de sigilo e privacidade, a utilização do material transcrito, nos termos acima descritos. Estou ciente de que meu filho(a) poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Aceito também que os encontros grupais realizados com meu filho (a) sejam gravados e declaro que recebi uma cópia desse termo de consentimento na íntegra e por mim assinado.

_____, _____ de _____ de 2007.

Assinatura dos pais ou responsável: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

ANEXO II

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

(à instituição)

Prezada Diretora:

Venho, através desta, pedir sua colaboração em minha pesquisa de mestrado, que tem como objetivo compreender psicanaliticamente as atuações de adolescentes no âmbito escolar, além de verificar se o “grupo de diagnóstico”, aplicado em um grupo de adolescentes, é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out, possibilitando a busca de meios apropriados para resolver essas atuações que se implantam no grupo.

Para a realização do estudo, a pesquisadora irá trabalhar com um grupo de adolescentes por um mês, três vezes por semana, com duração de uma hora e trinta minutos. A pesquisa não oferece riscos aos participantes, que serão convidados a participarem, podendo se recusar ou ainda interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a eles.

O sigilo quanto à identificação dos participantes será mantido. Apenas os dados obtidos serão analisados e divulgados na dissertação de Mestrado, cujo título é: “Acting Out em um grupo de adolescentes: um estudo psicanalítico” de Valéria Cristina Pereira Verzignasse, psicóloga, CRP no. 06/5274-2, aluna do curso de Mestrado em Psicologia da PUC – Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Antonios Térzis.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento. Para tanto, deixo também meu telefone (19) 3461.1862/3461.3417, bem como o telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa, (19) 3735-5910.

Sem mais para o momento,

Valéria C.P. Verzignasse

CRP: 06/5274-2

Ciente do texto acima, autorizo a realização da pesquisa.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Anexo III

Carta convite ao jovem

Gostaria de convidá-lo para participar de um trabalho que estou desenvolvendo na PUC-Campinas, para o curso de Mestrado em Psicologia. Este trabalho tem por objetivo verificar se o “grupo de diagnóstico” aplicado em um grupo de adolescentes é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out possibilitando a busca de meios apropriados para resolver essas atuações que se implantam no grupo. Faremos dez encontros grupais, três vezes por semana, com duração de uma hora e trinta minutos, por um mês. Estes encontros serão gravados para que não se perca nenhuma informação. Nestes encontros, você não será obrigado a falar o que não queira e, em qualquer fase deste trabalho, você poderá desistir de participar, sem acarretar nenhum prejuízo para você.

Para participar do grupo, o adolescente deve ter entre 13 e 14 anos, estar no ensino fundamental ou médio e ter queixas de atuações no âmbito escolar.

Sua participação é muito importante pois, a partir deste trabalho, estarei divulgando quais as melhores formas para lidar com adolescentes. Essas divulgações serão feitas em revistas científicas de Psicologia e seu nome será mudado para preservar sua identidade.

Caso você tenha alguma dúvida sobre este trabalho, basta entrar em contato comigo pelos telefones (19) 3461.1862 ou 3461.3417. Se houver reclamações, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, pelo fone (19) 3735.5910.

Agradeço sua colaboração.

Valéria Cristina Pereira Verzignasse
Psicóloga e Pesquisadora

Após conversar com a psicóloga e pesquisadora Valéria Cristina Pereira Verzignasse e ter lido este documento, eu

aceito participar voluntariamente deste trabalho para conversarmos sobre minhas experiências de vida. Estou ciente que posso desistir de participar a qualquer momento desta pesquisa e de que não terei nenhum prejuízo caso isso ocorra. Eu recebi uma cópia deste termo para poder lê-lo em outra oportunidade e meus pais ou responsáveis estão cientes da minha participação nesta pesquisa de mestrado da PUC-Campinas.

Assinatura do adolescente _____

Assinatura da pesquisadora _____

ANEXO IV

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO (aos docentes do Ensino Médio)

Prezado Professor:

Venho, através desta, pedir sua colaboração em minha pesquisa de mestrado, que tem por objetivo verificar se o “grupo de diagnóstico” aplicado em um grupo de adolescentes é eficaz para sensibilizá-los aos fenômenos do acting out, possibilitando a busca de meios apropriados para resolver essas atuações que se implantam no grupo. Para a realização deste estudo, a pesquisadora irá trabalhar com um grupo de adolescentes, três vezes por semana, durante uma hora e trinta minutos, por um mês. A pesquisa não oferece risco aos participantes, que serão convidados a participarem, podendo se recusar ou ainda interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a eles.

O sigilo quanto à identificação dos participantes será mantido. Apenas os dados obtidos serão analisados e divulgados na dissertação de mestrado, cujo título é “Acting Out em um grupo de adolescentes; um estudo psicanalítico”, de Valéria Cristina Pereira Verzignasse, psicóloga, CRP06/5274-2, aluna do curso de mestrado da PUC-Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Antonios Térzis.

Para isso, necessito que você indique adolescentes que tenham entre 13 e 14 anos, de ambos os sexos e com queixa de atuação no âmbito escolar.

Sua participação é totalmente voluntária, e você pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem penalização ou prejuízo.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento. Para tanto, deixo meu telefone (19) 3461.3417 ou 3461.1862, bem como o telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3735-5910.

Após conversar com a psicóloga e pesquisadora Valéria Cristina Pereira Verzignasse, e ter lido este documento, eu _____, R.G. _____

aceito participar voluntariamente deste trabalho, tendo recebido uma cópia deste termo. Estou ciente de que posso desistir de participar a qualquer momento desta pesquisa e de que não terei nenhum prejuízo caso isso ocorra.

Assinatura da Pesquisadora: _____

Assinatura do Professor (a) _____

ANEXO V

Primeiro Encontro:

Chegam tirando sarro de um dos integrantes, pois este havia chorado por causa de um CD que havia quebrado. Um dos integrantes (Wagner) faltou.

Robson: Eu chorei mesmo, paguei 45 reais no Cd.

Pesquisadora: E você Henrique, nunca chorou?

Henrique: Nunca. Eu fico triste, mas não choro.

Honório: Eu já chorei, principalmente quando minha mãe joga meus cachorros fora.

Clara dá risada.

Pesquisadora: Quando sua mãe joga os cachorros fora?

Honório: É, eu já tive um monte de cachorros, crio eles e daí ela manda eles embora.

Pesquisadora: Cachorro, cachorro.

Clara: Au, au.

Robson: Tá gravando?

Clara: Lógico, né?

Robson: Quando eu me mudei na minha casa foi em 1995, eu fui o primeiro a mudar na minha rua, porque antes era só barro, aí eu catei um cachorro na rua, meu pai dava carne prá ele e nós resolvemos ficar com ele, nem era de raça, aí, no ano retrasado, em agosto, ele pegou um vírus, e ele só tinha convulsão, então ele morreu. Aí minha mãe pagou prá sacrificar, a doutora disse que durante cinco meses nós não poderíamos ter nenhum cachorro, aí aparece outro cachorro igualzinho, do mesmo jeito. Ele é igual à raça da Lessi, ele foi atropelado, mas já está bem.

Pesquisadora: E as meninas, o que falam sobre isso?

Clara: Eu já chorei, nossa, e como.

Robson: Meu cachorro corre muito atrás de carro, e ele foi atropelado, o carro parou em cima da cabeça dele, mas não machucou nada.

Honório: Esse seu cachorro dá a maior raiva dele.

Pesquisadora: Então, pelo jeito todo mundo chora?

Clara: É, todo mundo. Acho isso palhaçada, nada a ver. Todo mundo tem sentimento, todo mundo fica triste (Ronaldo: todo mundo fica alegre), cada um faz o que quiser da vida. Dá a maior raiva esse tipo de comportamento.

Pesquisadora: O que acontece, então?

Clara: Preconceito.

Robson: Eu também acho, tem também um pouco de frescura.

Clara: É, tipo assim, “eu tenho que ser machão”, tem que andar direito, homem não chora.

Robson: E querem se exhibir na frente dos adultos.

Clara: É, fica com isso, e se ele quiser expor os sentimentos dele? Se ele quiser ser diferente de todo mundo? Problema é dele, isso é de cada um.

Robson: E tem gente que quer se exhibir na frente dos amigos.

Ficam quietos, batendo com a mão na mesa.

Clara: Fala, Daiane, vou bater em você, hem? (dando risada).

Daiana: Não, eu estou ouvindo.

Outros integrantes do grupo (Honório, Henrique) começam a tirar sarro, falando que depois eles é que são machões, eles é que não se expõem na frente do grupo.

Pesquisadora: O que você pensa, Daiane, sobre isso?

Daiana: Pra mim, é normal homem chorar, não tem nada demais, nada a ver.

Pesquisadora: E você, Henrique? O que acha?

Henrique: Há qualquer coisa.

Clara: Qualquer coisa? Agora você fica falando bosta, né?

Honório: Acho que ele está com vergonha do gravador.

Clara: Puta que o pariu, ah, desculpa, mas você fica ralando, falando pra mãe, “ah, mãe me dá um CD, me dá um CD”.

Robson: É, quarenta reais jogados fora.

Clara: Você fica assim meses e meses assim, fica falando “mãe eu faço tudo o que você quiser, faço isso, faço aquilo” e daí do nada assim já era.

Pesquisadora: O que aconteceu com o Cd?

Robson: Minha mãe estava com ele na mão, lá em casa tem 3 andares, daí caiu da mão dela e foi descendo a escada e quebrou no meio.

Honório: Quebrou no meio? Como um Cd original quebra no meio?

Robson: Daí eu cheguei aqui na escola e contei tudo e comecei a chorar.

Clara: Mas eu também choro, rabiscaram meu Cd da Pinty, riscaram ele e eu chorei.

Robson: Mas agora minha mãe vai me dar outro.

Henrique: Roubaram também minha bicicleta.

Honório: E você chorou?

Henrique: Claro que não.

Clara: Também não tem nada a ver, uma bicicleta e um Cd.

Henrique: Vai ver o preço de uma bicicleta e de um Cd.

Clara: O que tem a ver o valor?

Robson: Não importa o valor, somente o valor sentimental.

Clara: É verdade.

Henrique: Então, eu andava todo dia com ela, tive que andar na sola durante um mês. Mas eu achei o cara e tomei-a de volta.

Robson: Esse é o corajoso.

Pesquisadora: Achou como?

Henrique: Ele passou na minha rua e eu falei prá ele devolver.

Honório: A bicicleta passou e ele ouviu o... (faz um som com a boca)

Clara: Ouço ruídos... Ele te deu na boa?

Henrique: Deu, eu conhecia o babaquinha.

Clara: Se fosse outro, ia te dar um soco no meio da cara, você ia voar lá na esquina. Daí ele ia falar "pode ficar, pode ficar".

Pesquisadora: Penso que quando vocês falam dessas coisas que perdemos ou ganhamos, estão falando também do grupo, o que dá para ganhar participando daqui, o que se pode perder, que valor poderão dar para este momento.

Ficam quietos.

Henrique: Você viu a Flávia me chamando? (Quando eles estavam vindo para o grupo, a inspetora de alunos chama a atenção dele, querendo saber o que estava fazendo fora da sala de aula).

Clara: Aqui é uma coisa do mal, principalmente quando está aquela dona Laura (diretora).

Robson: Ainda bem que ela está de férias.

Clara: Ela é uma chata. Um dia, eu tinha levado uma pedrada na escola, um moleque tacou uma pedra na minha cabeça, aí eu subi aqui para por uma pedra de gelo, né...

Henrique: Por isso que você é meio louca?

Clara: Não, sou desde pequena (dá risada), aí eu fui, pedi gelo, ela mandou eu voltar prá minha sala. Falou “Volta prá sua sala, o que você está fazendo aqui em cima”. Na maior arrogância, na maior ignorância, nem sabia o que estava acontecendo, por causa dos outros a gente paga o pato, acho que isso é palhaçada. Agora o Mário, Marcelo (coordenadores pedagógicos), o Márcio (inspetor) são bem legais.

Daiane: E aquele gordinho lá?

Todos falam juntos: O Ricardo (vice-diretor).

Clara: Ele é super legal, nossa, perto da dona Laura, ela é muito arrogante, por causa dos outros a gente é que toma. Mas o Carlos, o Mário, eles conversam, vêem o que aconteceu de verdade, o Ricardo.

Robson: A hora que bate o sinal, o Mário começa a xingar todo mundo por nome...

Clara: Não é xingar, ele fala “fulano desce”

Henrique: Ele trabalha aqui de manhã e de tarde...

Robson: E à noite?

Clara: À noite ele não vem.

Henrique: E ele conhece todo mundo pelo nome.

Robson: Ele me conhece como Zuca, porque um monte de gente da minha família já passou por esta escola, a família Zuca..

Henrique: A Laura não me conhece.

Clara: Graças a Deus.

Pesquisadora: Mas, pelo jeito, a inspetora te conhece, estava te chamando lá fora.

Henrique: Todo mundo me conhece, menos a Laura.

Honório: Lógico, fica bagunçando

Henrique: Também, na hora que eu ia pra sala dela, eu vazava embora

Robson: Mas o Mário, quando ele quer ser chato, ele é.

Carla: O Mario é chato.

Robson: Quando ele está doidinho prá dar uma suspensão, ele dá por qualquer coisa.

Pesquisadora: E essa história de suspensão?

Clara: Eu nunca levei.

Daiana: Eu também nunca levei

Henrique: Eu também não levei uma, só umas 50.

Daiana: Nesta escola eu nunca levei, mas na outra que eu estudava eu levei duas.

Honório: Nossa, o ano passado eu levei um monte. Este ano eu já levei duas.

Robson: Eu levei duas quando eu estudava no Ciep.

Pesquisadora: Mas o que acontece?

Robson: Os outros é que mexem.

Henrique: No Ciep era uma a cada duas semanas.

Robson: Nossa, no Ciep eu também tomei um monte.

Clara: Por acaso eu sou a única que nunca tomou suspensão a vida inteira?

Robson: No Ciep eu estava na quarta ou quinta série, daí tacaram o lixo no chão e saíram correndo, eu também saí. Daí falaram que eu estava no meio, foi mais de 20 meninos prá direção, todo mundo com suspensão. Prá quê, minha mãe me arrumava prá ir à escola todo dia, durante sete dias, e eu não ia prá escola, ficava na rua. Ela me arrumava, eu tomava café, daí eu ia prá praça e ficava o dia inteiro ali, aí veja bem, eu fui lá pra Avenida Cillos...

Clara: Porque você não contou prá sua mãe?

Robson: Eu estava com medo, aí alguém me viu e falou prá minha mãe “O Robson tá na escola?”, e minha mãe falou que eu estava. A pessoa perguntou “tem certeza? E ela disse que sim. Quando cheguei em casa, ela quis ver meu material, do jeito que ela estava, ela me pegou e levou prá escola. A diretora falou que eu estava com sete dias de suspensão, ela me bateu. Primeira vez que ela me bateu prá valer, bateu muito forte, de cinta.

Clara: E você quer dizer que você não fazia parte da bagunça?

Robson: Como assim?

Clara: Vai me dizer que você não estava na bagunça.

Robson: Eu estava no meio, mas não derrubei o lixo.

Henrique: Respira, Ronaldo!

Pesquisadora: E você, Honório, porque levou suspensão?

Honório: O ano passado?

Clara: O ano passado, esse ano, o ano retrasado...

Todos dão risada

Honório: Não, o ano retrasado, em 2005, eu era esperto...

Henrique: E depois, ficou burro?

Honório: Eu bagunçava, mas depois saía fora, eu fugia sempre. Eles falam prá eu ir prá diretoria e me mandavam ir sozinho, daí eu ficava sentado. Toda vez eles me mandavam subir lá prá cima.

Pesquisadora: E você, Henrique?

Henrique: Eu é bagunça.

Honório: Este ano eu estou fazendo bolinha de papel.

Pesquisadora: Pelo jeito, então, aqui, todo mundo bagunça?

Daiane: Oh...

Clara: Todo mundo. Não tem nenhum. Aqui que não fez uma bagunça, não tem nenhum.

Daiane: A Ana nunca fez bagunça, ela é maior CDF.

Clara: Fez sim, lembra aquela vez que ela me xingou?

Robson: O ano passado eu também tomei suspensão, mas esse ano eu não tomei nenhuma.

Clara: Eu nem sei que gosto que tem tomar suspensão...

Henrique: Robson, tá bom deixa a gente falar um pouco... O ano passado eu estava no fundo do poço

Clara: Por quê?

Henrique: Por causa da bagunça...

Robson: No ano passado ele me deu um cacete.

Henrique dá risada.

Robson: Mas tudo bem, eu não conhecia ele. Ele queria se exhibir pros amigos dele...

Henrique: Mentira.

Robson: É, sim, preconceito contra Emo.

Henrique: E nada. Eles vieram me falar prá bater em você, eu perguntei porque e eles falaram porque sim, daí eu fui.

Clara: Que coisa feia, gente.

Robson: Ele queria se exhibir pros amigos dele, eu estava ali em cima, aí veio ele e os amigos dele e começaram a me dar um monte de muro.

Honório: Ele é bobo, ele deixa todo mundo bater nele.

Clara: Também, contra dez, vai fazer o quê?

Honório: Eu brigo, mas não apanho, não.

Clara: Eu já briguei na escola....

Honório: Eu derrubo uns dois....

Pesquisadora: Todo mundo aqui já brigou na escola?

Clara: Eu já briguei com um moleque, já.

Henrique: Lá no Ciep, eu ia bater num moleque, daí a dona mandou sete bater em mim.

Clara: Vai. A minha mãe, ela fala assim, eu já aviso ela antes de vim pra escola, falo “ô, mãe, se alguém vier mexer, se alguém relar o dedo em mim eu vou meter a mão”.

Henrique dá muita risada.

Clara: Daí ela fala “não faz isso, menina”. Se eles vêm, eu também tenho os meus contatos, todo mundo tem, não pode andar sozinha.

Robson: Ano passado, a Conceição me agrediu...

Clara: Aquela vaca...

Henrique: Pelo jeito, vamos precisar de uma faca de cortar carne.

Daiana: Ela pegava as coisas e jogava nos alunos, pegava a carteira e *plac* (faz um barulho como se a carteira fosse levantada e depois jogada).

Clara: Ela é musculosa.

Honório: Ela levanta a carteira e sai aquelas pelotinhas de músculo (mostra o braço e faz como acontece em desenho animado).

Todo o grupo dá muita risada.

Daiana: Graças a Deus, eu não tenho mais aula de Ciências.

Robson: Eu estava fazendo um desenho, uns quadradinhos pretos e vermelhos, demorei um mês pra acabar, aí tava na aula dela, na hora que faltava uma linha de quadradinhos, ela pegou chegou na minha carteira e puxou o desenho. Ela perguntou prá classe “Esse desenho é de Artes?”, a classe falou não, daí ela pegou e rasgou na minha cara.

Todos: Nossa!

Robson: Eu fui prá cima dela prá pegar o desenho. Ela olhou prá minha cara e disse: “Você me agrediu”. Aí eu falei assim “eu fui tentar tirar meu desenho”. Aí todo mundo começou a ruivar prá ela.

Clara: Não é ruivar, é uivar.

Honório começa a uivar. Todos do grupo dão risada

Robson: Aí, quando eu fui tentar tirar meu desenho, fui lá e dei outra bufetada no braço dela.

Honório: Então você estava agredindo mesmo.

Robson: Daí ela mandou chamar o diretor, quando ele chegou eu estava chorando, não porque eu ia tomar suspensão, mas de raiva.

Clara: Eu também choraria, eu choro de raiva.

Robson: Quando estava faltando uns quadradinhos, ela vai rasgar na minha cara. Ai ela ficou falando que ia fazer corpo delito, eu falei “vai e faz, eu não estou nem aí com seus braços e nem com suas pernas, aliás não estou com nada seu”. Aí nisso ela ficou quieta, daí eu fui lá e tomei suspensão. Um mês antes ela falou que eu quebrei o colar dela, aí não lembro o que foi que ela falou que ia lá na delegacia, eu estava com dois reais no bolso, e eu falei “você quer? o preço da passagem é 1,80, tá aqui os dois reais prá você ir de ônibus”. Aí ela chamou a diretora e eu quase tomei outra suspensão.

Henrique: Eles são cheios de querer dar suspensão.

Clara: Mas falaram que se a gente tiver mais de 3 suspensão, você pode ser expulso da escola.

Robson: É mentira, meu irmão tomou mais de 6 suspensão o ano passado.

Clara: É, eu não tenho certeza disso, é o que todo mundo fala.

Henrique: É, todo mundo fala mesmo.

Robson: Mas é mentira. Sabe outra vez que eu tomei suspensão, a professora foi me pegar pelo braço e me colocar na carteira.

Clara: Essa professora é chata mesmo, ela pega a gente assim....

Robson: Aí alguma coisa enroscou no colar dela e eu puxei meu braço, prá quê, nossa, ela falava “você quebrou meu colar, você quebrou meu colar”

Clara: Ela é a maior louquinha com aquele cabelo.

Honório: Aquela cabelo dela parece aquele moleque de folclore.

Clara: Aqueles bonecos de Olinda (dá risadas)

Honório: Já inventaram música prá ela.

Clara: Um dia ela estava escrevendo na lousa, daí ela bateu na lousa e falou pro moleque que ele tinha que fazer, ela bateu tão forte na lousa que os dedos dela começaram a sangrar, tão forte que ela bateu na lousa.

Honório: Aí ela culpou o menino?

Clara: É, ela falou “tá vendo o que você fez?”.

Daiane: Dava a maior raiva, ela pegava a carteira e jogava ou batia em você.

Robson: Um dia, ela tacou o apagador no menino e eu estava atrás dele, ele abaixou e eu também, bateu o apagador na porta do armário, até amassou. Bicho, foi igual à Ana Amélia.

Henrique: Ana Amélia? Ela tomou duas tocas e um boné meu e não devolveu.

Clara: Mas ela é legal.

Honório: Mas ela colocou que não podia ir de boné e nem de toca.

Henrique: Mas é lógico que eu vou, estava frio.

Clara: Antes aqui não podia usar boné, não podia usar fichário, não podia usar caneta, agora está mais solto mas não podia. Errorex, então? E chiclets?

Honório: Eles mandam comprar aqui, aqui é a maior facada, eles querem roubar a gente.

Daiane: A esfirra quase ninguém compra porque é horrível.

Clara: É horrível, passa maior mal quem compra.

Henrique: De manhã é quentinha, deixa resto para o pessoal da tarde e mais resto ainda para o pessoal da noite.

Robson: Isso é mentira porque o homem do salgado sai todo dia pra trazer de manhã, de tarde e de noite. Ele mora perto de casa e eu vejo. Onde faz é uma fábrica perto de casa.

Henrique: Esse pessoal da escola é folgado, compra por 0,50 centavos e vende por 1,50.

Daiana: É, e todo ano aumenta.

Honório: E eles não melhoram a escola, vai lá na nossa sala, nem as carteiras eles trocam. Elas estão todas arreventadas.

Pesquisadora: Quem quebra?

Robson; Os alunos.

Clara: Não é por nada, não, mas é o pessoal da noite.

Robson: Uma vez o pessoal da sexta série quebrou duas lâmpadas fluorescentes.

Pesquisadora: E vocês participam disso?

Clara: Só uma vez que colocaram fogo na escola e a gente estava junto. É nosso amigo que fez isso. A gente foi atrás da escola, fomos fazer um negócio.

Honório: Que negócio?

Daiane: Nada, não.

Clara: Estava um monte de gente, daí o menino foi lá e colocou fogo. Nossa, veio um monte de gente com balde gritando “fogo”.

Robson: Vocês perceberam que cada tempo a gente tá trocando de assunto?

Clara: Ah, é legal assim.

Robson: Primeiro, começou a falar de coisa sentimental, depois, começou a falar dos diretores, depois de suspensão e depois da Conceição, e agora, das artes que a gente faz.

Honório: Lembra quando colocaram fogo naquele negócio lá atrás?

Clara: Foi o meu amigo, eu estava junto.

Henrique: Vocês participam?

Daiane: Não, a gente só olha e dá risada.

Robson fala alguma coisa baixa para a Daiane e a Clara, todos falam para ele falar alto.

Clara: Ah, ninguém entendeu. A gente fala o que estava fazendo lá atrás? (pergunta para a Daiane).

Daiane: Não, não.

Clara: Nós estávamos, sabe, ali...

Honório: Jogo da verdade

Clara: Nem vem.

Henrique: Vocês estavam fumando?

Clara: Fumando o quê?

Henrique: Maconha

Clara: Que maconha, sai desta vida. Esse amigo que botou fogo na escola fuma.

Pesquisadora: Alguém aqui fuma?

Todos: Não.

Clara: Eu bebo às vezes, eu não gosto muito de cerveja, eu gosto de chopp com groselha.

Honório: Eu bebo também Coca...

Robson: Um dia eu fui ao shopping e saí de lá mais ou menos 11 horas da noite. Eu e minha amiga bebemos vodca com Sprite, aí eu fiquei chapado da cabeça.

Daiane: A gente bebe com amigos, a gente combina e sai para beber.

Pesquisadora: Combina em algum lugar?

Daiane: Na casa de alguém. A gente leva dinheiro e compra.

Robson: Uma vez eu comprei uma garrafa de vinho e bebi ela sozinha.

Daiana: Eu também.

Clara: Essa aqui é a maior pinguça. Um dia, ela caiu na frente de um moleque, lá no shopping.

Daiane: E aquele dia que eu bebi tanto que eu peguei o ônibus errado e fui parar lá no terminal de Santa Bárbara, nossa!

Honório: É, os Emo se encontram lá no Welcome.

Robson: Não é no Welcome, quem diz isso não sabe.

Clara: Eles se encontram no shopping. Começou com essa mania de mano, depois só pagodeiro e agora está tudo misturado.

Pesquisadora: Espera aí, você fala que pertence a qual tribo?

Robson: Emo.

Daiane: Nenhuma.

Clara: Eu sou mais punk-rock.

Henrique: Mano.

Honório: Mano.

Robson: Eu não estou criticando, mas mano querem bater mais forte, querem ser os tais, nem todos, mas a maioria são assim

Clara: Os manos andam com aquelas calções, largonas, um boné, aqueles colar, um brinquinho tipo assim (aponta para o brinco do Honório). “Aí eles ficam “e aí meu, firmeza”,” e aí mano”.

Robson: Os Emos andam assim, levanta aí, Débora, calça colada, unha preta, franja assim ou então boné da Adidas, tênis quadriculado, cabelo moicano.

Daiana: Eu não sou Emo.

Honório: É, os Emos não gostam de mulher.

Clara: Não é nada disso.

Pesquisadora: e do Rock?

Honório: É, só heavy metal.

Robson: Rock é uma coisa, tipo CPM22, Detonautas

Clara: Tipo assim ´oh, rock é mais Brasil, tipo Pity, Ratos de Porão. Daí tem Hevymetal, que é Metálica.

Honório: Olha o nome Ratos do Porão, estas coisas são do demônio.

Clara: Nem vem.

Honório: Eles usam uma estrela que é do demônio

Clara: Não é, eu tenho uma estrela (tira a estrela que estava pendurada no pescoço), essa estrela é de cinco pontas.

Pesquisadora: E como vocês vêem essa estrela?

Honório: É do diabo.

Clara: É, tem gente que fala que é as cinco legiões do diabo, outros falam que se você virar de ponta cabeça forma o rosto do diabo. Minha amiga tem uma de ponta cabeça, aí sei lá. Prá mim é que eu gosto, eu gosto muito de estrela, dessas coisas. Eu me sinto bem, alguma coisa de proteção.

Honório: Ah, o demônio vai te proteger?

Clara: Não é isso, cada um dá o significado que quer, entendeu? O estilo assim é mais o cabelo pra cima, piercing na sobrancelha, na língua é mais rock. Aí você vem pra escola, é aquele impacto.

Honório: Eles pintam o olho de preto.

Clara: Eu passo sombra.

Henrique: Vai eles passam batom na boca, principalmente os Emos.

Honório: Os homens passam batom na boca. Tudo gay.

Clara: E daí? O Rafael ele não é Emo, não é Rock e passa batom na boca e ele não é gay. Ele só usa rosa, ele adora.

Daiane: É, ele só usa rosa, ele adora rosa.

Clara: È, ele não é gay, ele tá namorando. Não tem nada a ver esse negócio de Emo.

Robson: E aqueles que pintam o cabelo de azul?

Clara: Não tem nada a ver. Eu também passo sombra preta, pinto a unha de roxo...

Honório: Só gosta de preto.

Clara: Eu amo preto. Mas tem também gótico-rock, que é umas coisas melancólicas, só usam aquelas roupas pretas, uma coisa bem deprê..

Robson: Aí já é azia, uma coisa mais puxada pro diabo.

Pesquisadora: Então tem várias tribos e existe respeito uma com a outra?

Clara: Às vezes tem, às vezes não. Na sétima série, eu comecei a gostar de rock porque conheci a Bruna, até hoje ela é, ela tem piercing na sombrancelha, aquelas botas, e todo mundo conhece ela como Bruna roqueira, todo mundo não conversava com ela, nem olhava na cara dela, era muito preconceito na

época, agora não, é menos, mas na época era bastante, até eu nem olhava prá cara dela, mas depois eu comecei a conversar com ela e daí eu vi que minhas idéias era a mesma que as dela. A gente curtia a mesma coisa. Aí agente começou a andar junto, eu comprei uma estrela também, e a gente começou a sair junto, ir pro show junto, o pai e mãe dela também curte rock, é bem legal.

Pesquisadora: E você, Daiane?

Robson: Ela se veste como Emo.

Clara: Sei lá, ela gosta um pouco de música Emo.

Henrique: Deixa ela falar.

Daiane: É, tem um pouco de música Emo que eu gosto de ouvir, mas não tem nada a ver falar que eu sou Emo. Eu não gosto de música sertaneja, pagode, samba, axé, essas coisas, mas eu não sou nada.

Pesquisadora: E você, Henrique?

Robson: O Humberto só paga de mano.

Honório: Mano é gostar de bater nos outros

Henrique: Mano não gosta desta porcaria de música de rock, gosta de black e rip-rop.

Clara: Tá vendo o preconceito? Vocês já foram em algum show de rock?

Henrique: Já. O pessoal fica pulando que nem uns bestas e batendo uns nos outros, ficam batendo a cabeça um no outro.

Honório: Isso é legal? Bater a cabeça um nos outro?

Clara: Chama bate cabeça, mas ninguém bate a cabeça, não é assim, a gente vem e começa a dar chute, soco, começa a bater...

Honório: E começa a apanhar...

Clara: É isso que eu estou falando, Valéria, tem um preconceito que não tem igual. Um dia eu fui com uma saia preta, um coturno, e com o cabelo de chuquinha, um monte de trancinha e com uma sombra preta e um monte de monhequeira no braço, fui ao banco e meu tio falou pra mim ficar na fila, eu fiquei. Todo mundo ficava me olhando dos pés à cabeça e ficava com medo. Eu fiquei falando alto pra todo mundo ouvir “Será que eu estou cagada?”, falava mesmo prá todo mundo ouvir. Por acaso eu falo que a música dos manos é uma porcaria? Presta atenção, isso é puro preconceito.

Todos começam a falar juntos, e Clara grita.

Clara: Dá pra vocês calarem a boca, que eu quero terminar de falar. Isso é puro preconceito, nós nunca criticamos o jeito dos outros, acho que é preciso abrir o olho, conhecer, prá depois falar. A gente não mexe com a vida de ninguém, a gente não bate nos outros, nem bota a banca. Quem bate assim são os skinreds, mas não tem nada a ver com rock, as pessoas falam “aquela porcaria de rock”, eu acho isso preconceito. Não sabe de nada e ficam falando

Pesquisadora: E os outros, o que acham?

Honório: Eles usam aqueles brincos e ficam com as orelhas enormes...

Daiane e Clara: É da hora.

Clara: E esse brinco aí, que cega até lagarto, é bonito?

Honório: Ah, aqueles brincos são horríveis.

Clara: Cada um tem seu estilo, se a pessoa usa alargador ou não, o que importa é o que a pessoa é por dentro e não por fora. Primeiro precisa saber o jeito que a pessoa é, o que ela gosta o que ela pensa prá depois ficar olhando o visual.

Robson: Também acho, ninguém deve falar de ninguém sem conhecer.

Honório: Chega, deixa a gente falar um pouco, é só vocês?

Clara: Fala, então.

Silêncio.

Clara: Na hora que é para ele falar, ele não fala. Aí vem outro e toma seu lugar.

Honório: Esses roqueiros são todos demoníacos.

Clara: Quem falou isso? Que absurdo. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Daiana: Você falou coisa errada, falta conhecimento. Eu odiava mano, tinha pavor, agora eu acho da hora.

Pesquisadora: O que fez você mudar?

Daiana: Eu comecei a conhecer mais, saber mais e aí eu comecei a ver diferente.

Clara: Tem que conversar, ver como a pessoa é, se ela for arrogante daí é diferente, mas acho que o importante é aprender a conviver com a diferença.

Pesquisadora: Penso que o grupo está tentando se conhecer, já que esse é nosso primeiro encontro, saber quem é quem, quem se identifica com o que.

Clara: É. Legal isso.

Todos concordam.

Segundo Encontro:

Um dos integrantes chega dizendo que não poderá mais participar do grupo, pois os pais brigaram e resolveram separar-se e ele irá, então, para São Paulo.

Pesquisadora: O que aconteceu?

Honório: Ah! Eles brigaram e separaram. Eu vou morar com minha tia em São Paulo e minha mãe vai morar com minhas duas irmãs em Minas Gerais.

Pesquisadora: Sua mãe, então, não vai morar com você?

Honório: Não. Eu vou morar com aquela minha tia que nos ajuda. Eu estou achando muito legal morar com ela.

Pesquisadora: Por quê?

Honório: Porque ela dá as coisas pra mim.

Wagner: Não bate em você, né?

Honório: É.

Pesquisadora: Mas sua mãe já veio aqui na escola, já conversou?

Honório: Já. Ela vai pegar minha transferência hoje. Tem um moleque lá na minha classe que quer vir aqui no meu lugar, pode passar prá ele?

Pesquisadora: Não. Nosso grupo já começou e se alguém sair iremos ficar com um integrante a menos, não iremos colocar ninguém no lugar. E você acha que seus pais vão se separar mesmo? Isso já aconteceu outras vezes. (Honório, na entrevista, relata que os pais separaram-se várias vezes e no fim voltaram).

Honório: Não, mas dessa vez é pra valer, não sei direito o que aconteceu, mas parece que ele mentiu prá ela, e ela não gosta, daí ela separou dele. Ela vai morar com minha irmã e eu tenho certeza que minha irmã não vai deixar ela voltar.

Wagner: Mora comigo.

Henrique: Se você quiser morar lá em casa, tem um espaço, lá na casa do cachorro.

Todos dão risadas.

Henrique: Aí, chegaram.

Estavam faltando duas integrantes do grupo, que chegam com 15 minutos de atraso.

Henrique: Isso é hora, olha vocês estão atrasadas.

Clara: Sai que aí é meu lugar. Esse que é o Wagner? (é a primeira vez que Wagner participa, já que no outro encontro ele chegou atrasado na escola e não foi permitida sua entrada).

Wagner: Eu mesmo.

Clara: Oh, não pode faltar mais, senão você está fora.

Pesquisadora: O Honório está contando uma coisa prá gente.

Henrique: Confuso né, Honório? Lá no treino tem ... (Henrique faz um jogo de palavras onde rima o verdadeiro nome de Honório com outros dois).

Carla: É mesmo, nome diferente.

Henrique: Lá no treino eu falo ... (volta com o jogo de palavras).

Clara: O que ele está contando?

Pesquisadora: Ele está nos contando sobre os pais dele, que eles separaram-se e ele vai embora para São Paulo. Pode continuar.

Wagner: E ele vai amanhã, né, Honório?

Honório: É.

Wilson: Se você quiser morar lá em casa...

Carla: Mas já está certo isso?

Honório: Já.

Silêncio.

Clara: Mas a gente continua?

Pesquisadora: Sim. Nós já marcamos o nosso próximo encontro, que será na segunda, se o Honório não estiver, nós já saberemos o porquê.

Clara: Cadê o Robson?

Pesquisadora: Não sei.

Henrique: É, eu falto da escola, mas eu venho nos nossos encontros, eu vim quarta-feira.

Clara: Mas parece que o Honório tá feliz?

Honório: Claro, eu vou morar com minha tia.

Wagner: E onde você vai treinar?

Honório: Vou ver se acho um lugar lá em São Paulo.

Clara: Se você está legal tudo bem, o duro é quando temos que fazer algo contra nossa vontade. Nossa, se eu fosse morar com minha tia eu também ia ficar super feliz.

Pesquisadora: Por que, Carla, você ia ficar feliz?

Clara: Nossa, eu gosto tanto dela, eu gosto tanto da minha tia, mais que da minha mãe.

Wagner: Olha que pecado, como você pode gostar mais da sua tia do que da sua mãe?

Clara: Não, tipo assim, eu gosto bastante da minha mãe, do meu pai, eu não ia morar lá pra sempre, eu voltaria para visitar eles. Agora sei lá, minha tia é muito legal prá mim. Tanto que a Daiane sabe, quantas vezes eu falo dela por dia?

Daiane: Um monte.

Henrique: Daiane, você estava de vela ontem?

Daiana: Não, eu estava acendendo a vela.

Clara: Maior beijo mosca, você já viu beijo mosca?

Henrique: Você estava lá também?

Clara: Não, ela que me contou.

Daiane: Não, estava eu, o Douglas, a Ariadne.

Clara: Eu precisei ir embora

Henrique: Ela vive correndo atrás dele

Clara: Você conhece beijo mosca? A gente acabou de inventar o nome.

Henrique: Conte, conte para o grupo.

Clara: Ela estava vendo, então ela vai explicar para você.

Daiana: Ela ficava parada, nem mexia a boca. Ela é maior estranha aquela menina. Ela é muda.

Clara: Ela é maior quietinha.

Henrique: Ela não curte falar?

Daiana: Não.

Clara: No Hopi Hari foi maior estranho, ela não fala.

Wagner: Ela é feia?

Clara: Não é que ela é feia, sei lá, ela é estranha. Fala, Daiane.

Daiana: Falar o quê?

Wilson: Beijo mosca...

Clara: É você que estava vendo.

Henrique: Isso conte, conte tudo.

Wagner: É, não dá só para vocês duas saberem, vai formar um grupo só vocês duas?

Clara e Daiana dão risadas.

Clara: É que a Débora morre de vergonha. Mas eu vou contar, eu não estava lá, mas eu conto. Entrou três alunos novos lá na nossa sala, uma menina e dois meninos.

Wagner: A menina é bonita?

Daiane: Ela ta grávida, tem 18 anos.

Clara: Então entrou dois meninos, um tal de Lucas e um tal de Chistian, que andava com o Cleiton.

Henrique: Sei.

Clara: Então, daí a meninas ficaram todas alegriinhas..

Wagner: Quer andar logo que eu quero saber o que é o tal do beijo mosca.

Clara: Então as meninas começaram "Olha lá, Joana, que bonitinho, vamos arrumar ele prá você" Ela ficava vermelha que nem um pimentão. Aí a Daiane foi lá e falou: " Fran, quer sair com o Leôncio? Daí ele não quis

Daiane: Nada a ver, ele aceitou.

Clara: Então, conta você.

Daiane: Ele aceitou sair com a Fran, aí depois eu fui lá falar com a Fran. Aí o Leôncio começou "Não sei, se ela quer tá bom...." Aí eles saíram.

Wagner: Mas que saco, e o tal beijo mosca?

Daiane: A gente tava dando uma de cupido e a menina super envergonhada.

Wagner: Eu não entendi nada do tal beijo mosca.

Daiana: É que ela não sabia beijar, ela ficava só com a boca aberta, esperando o menino.

Silêncio.

Henrique: E agora, o que vamos falar? Acho que eu vou dormir.

Wagner: Você só pensa em dormir, heim?

Henrique: Eu durmo só até na hora do treino.

Clara: Ave Maria, até três horas?

Henrique: Três e meia.

Clara: O que você treina?

Henrique: Futebol e natação. Mas na natação não estou indo, tá muito frio. Eu saio da piscina molhado e vem aquele vento

Wagner: Não, você sai da piscina seco.

Clara: Leva a toalha.

Henrique: Eu levo.

Honório: Eu também treino futebol. O Wagner também amarra o cabelo igual menina.

Henrique: E só treina com os pequenos.

Wagner: Mentiroso.

Henrique: Ele não quer treinar com a gente, só com os pequenos.

Wagner: É melhor parar.

Henrique: Nós já convidamos ele um monte de vez, ele diz que não agüenta o nosso físico.

Pesquisadora: E as meninas, participam de algum grupo?

Clara: Nós participávamos, mas paramos.

Pesquisadora: Que tipo de grupo vocês participavam?

Clara e Daiana: Futsal.

Pesquisadora: Pararam por quê?

Clara: O horário era muito ruim. A gente sai todo dia 18h20 e depois tem que ficar até 19h30, dá preguiça.

Wagner: Vocês saem todo dia 6h20?

Clara: É porque nós somos primeiro colegial.

Wagner: Que horror, eu não vou estudar à tarde.

Clara: Mas as outras séries, quinta, sexta e oitava saem somente este horário de terça, quinta e sexta. De segunda e quarta, eles saem cinco e meia e a gente fica sozinho.

Henrique: Mata aula.

Clara: Não tem jeito, a maioria das vezes a gente tem nas ultimas aulas a mesma matéria, como Física.

Henrique: Como não? Coloca presença e se manda.

Wagner: É Física de escrever e não Educação Física.

Henrique: Aí não dá.

Honório: Eu não quero ter essa aula aí, não.

Clara e Henrique: Mas vai ter.

Wagner: É de tacar pedra no alto?

Henrique: Bóio, bóio.

Todos dão risada.

Clara: É, a pedra vai cair na sua cabeça.

Wagner: É que falaram pra mim que na matéria de Física a gente joga uma pedra para o alto para ver a velocidade dela.

Clara: Ah! É disso que você está falando.

Wagner: Tá vendo, eu é que vou jogar uma pedra na sua cabeça.

Clara: Mas isso não é toda aula, pensou chegar todo dia e falar “Professor, trouxe minha pedra?”.

Honório: Pensou ficar 50 minutos jogando pedra?

Clara: Por isso que a gente vai de guarda-chuva. Bom, mas isso que você está falando tem a ver com a Lei de Newton, você coloca pedra e outro material e ele sempre cai no chão, ao mesmo tempo.

Henrique: Claro que não, uma pedra e uma pena vão cair em tempos diferentes.

Clara: É, mas vão cair.

Wagner: Muito bem, Henrique (bate palma), você é um bom “estudante”.

Todos dão risada e ficam repetindo a palavra “estudante”.

Wilson: Eu queria faltar hoje.

Clara: Por que não faltou?

Wagner: É que hoje ia ter a missa do papa.

Honório: Eu tinha esquecido do papa.

Henrique: Domingo seis horas tem missa todo domingo.

Clara: É o padre nosso.

Todos tiram sarro do “padre nosso”.

Clara: É o padre nosso do Brasil, entendeu?

Neste momento, Honório levanta-se e grita: “Caramba, achei cinco centavos”.

Pesquisadora: E de vocês, o que vocês têm a dizer?

Clara: A gente fala bastante da gente.

Wagner: Fala nada, só fica falando do beijo mosca da outra menina.

Henrique: A gente já se conhece aqui. E você? É seu primeiro dia, Wagner, então você fala.

Wagner: Eu não.

Henrique: Não gosta de falar?

Honório: Como não gosta? Na sala ele não pára de falar e não fica sentado de jeito nenhum. Um dia, ele pegou o “calcinom” da menina e levantou.

Clara: Que calcinom, é cueção.

Wagner: Tomei suspensão.

Honório: Todo mundo lá admirando a calcinha da menina ele lá e levanta, depois fala “Quem mandou você mostrar?”.

Henrique: Daí a menina ficou lá fora chorando.

Pesquisadora: O que fez você fazer isso, Wagner?

Wagner: Sei lá eu.

Clara: Isso machuca.

Henrique: Olha a toalha, ela estava certinha até agora (refere-se à toalha da mesa).

Honório: O Wagner conversa até, não pára de falar.

Wagner: É mentira.

Pesquisadora: Você acha que isso não acontece, Wagner?

Wagner: Não (cai na gargalhada).

Honório: Ele fica pegando os moleques dentro da classe....

Wagner: Ah não, aí pode parar.

Henrique: Aí você forçou a amizade.

Wagner: É, forçou, forçou.

Honório: Mas que ele fica abraçando, ele fica.

Henrique: Chega de falar dele.

Wagner: É, chega de falar de mim.

Clara: Não falamos nada ainda de você.

Wagner: Claro que falaram, que eu puxei a calcinha da menina.

Henrique: É, isso não é nada.

Honório: Fala aí quando você amarra seu cabelo prá ir treinar.

Wagner: As meninas babam no meu cabelo.

Clara: Nem se acha modesto, heim?

Honório: Eu fico achando que é uma menina que está treinando lá.

Henrique: Tem o Diogo também.

Honório: O Diogo é conhecido como a loirona do Calypso.

Todos dão risadas.

Silêncio.

Wagner: Oh, tá acabando a fita, fala alguma coisa.

Clara: Nós já falamos muito.

Honório: Eu vou falar.

Todos: Fala, Honório!

Honório: Eu quero ir embora logo desta escola. Os professores irritam a gente e além disso não aprende nada. Sete anos que eu estou na escola e não se aprende nada, só ler e escrever.

Wagner: Você não sabe ler? Você não sabe escrever? Você não sabe fazer continha de mais?

Honório: Sei.

Wagner: Então?

Clara: Eu não concordo com o que você está falando.

Henrique: Nem eu.

Daiane: Nem eu.

Clara: Eu aprendi um monte de coisa.

Wagner: Você é bem mais velha.

Clara: Sou nada, apenas estou mais adiantada que vocês.

Honório: Você fica falando que não, mais é pior do que eu. Mata aula, não faz a lição.

Wagner: Você viu o que aconteceu ontem na aula de inglês? Viu quantas pessoas ficaram?

Honório: É mesmo, todo mundo sai, não é só a gente. Era a última aula. E é só na aula dela, na Física todo mundo joga bola, em Português faz a lição que aquela loira chata de laboratório passa, de matemática todo mundo faz. Mas de quarta feira fica no máximo cinco pessoas dentro da sala. Todo mundo vai embora.

Henrique: É verdade, quem fica lá é eu e mais uns quatro.

Clara: Na minha sala é mais ou menos assim.

Daiane: Lembra, teve uma época que não ficava ninguém.

Clara: Na aula de Física, então? Só ficavam uns cinco só. Eu ia embora também.

Pesquisadora: Mas o que acontece?

Clara: É muito chato. Chega em casa mais cedo.

Honório: É, com esse frio, você chega em casa, pega um cobertor, come café.

Clara: Come café?

Todos dão risadas.

Clara: Pega o café cru e come. Ah, eu falo, eu matava aula, eu falo.

Henrique: Eu mato aula, não matava.

Wagner: Assassino!

Henrique: Eu mato de vez em quando.

Wilson: Eu nunca matei aula na minha vida.

Henrique: E aquele dia que você foi lá atrás do muro?

Wagner: Que dia?

Henrique: Ficou falando prá mim: "O professor está atrás de mim". Daí eu falei fica aí escondido. Daí eu catei e fui embora

Wagner: O quê? O que foi?

Henrique: O quê, que foi, é?

Wagner: Não sei do que você está falando.

Clara: E o Honório?

Wagner: O Honório? Uma vez por semana.

Pesquisadora: O que faz vocês matarem aula?

Clara: Cansa, seis aulas por dia é muita coisa. Todo dia é a mesma rotina: acordar, vir prá escola, ficar até 6h20 min. Vai pro treino, volta, vai prá casa, janta e vai dormir, depois acorda de novo e faz tudo igual.

Henrique: É mesmo, é sempre o mesmo caminho. O mesmo caminho.

Honório: Lá em casa eu acordo, tomo banho mas não tenho tempo de tomar café, isso me dá raiva.

Wagner: Agora eu.

Henrique: Que você o quê!

Wagner: Eu chego em casa, quero dizer acordo de manhã, às dez prá sete.

Honório: Ai, que mentira, a não ser que você dorme com a roupa da escola.

Wagner: Brincadeira. Eu acordo seis e meia, aí eu fico enrolando na cama até vinte prá sete, depois eu tomo leite, escovo meu dente.

Honório: Você dorme com a roupa da escola?

Wagner: É lógico. Eu escovo meu dente, vou prá escola, chego aqui, faço minhas lições e depois é o recreio, daí eu como o sopão e aí depois faço outras lições e vou embora.

Honório: Hoje é pão com geléia.

Clara: A única coisa que eu sei é que de sexta é pão.

Wagner: Pão com geléia ou pão com manteiga.

Clara: A gente, antes, quando chegava atrasada, ficava no maior choque, achando que a mãe ia brigar com a gente. Daí a gente ficava pra fora, ficava a metade da sala: eu, a Daiane, a Bete, a Jéssica, a outra Jéssica, nossa, umas dez. Daí a gente falava: “O que nós vamos fazer? Vamos ficar por aí”. Daí quando a gente tinha dinheiro, a gente ia jogar bilhar e quando não tinha ficava por aí. Comprava também salgadinho e ficava comendo por aí, ou ficava deitada na calçada.

Honório: Nossa, minha mãe quando descobre que eu mato aula, me bate prá valer. O Henrique também apanha, teve um dia que ele chegou na sala todo torto.

Henrique: Nada a ver, eu não apanho.

Clara: Quando você morava lá na rua da minha casa você apanhava, sim.

Henrique: Isso era antes, agora eu não apanho.

Wagner: Eu passo perto da casa do Humberto e escuto “Ai, mãe, ai, ai”.

Henrique: Onde eu moro, então?

Wagner: Perto da casa do Michel.

Henrique: Claro que não. Eu moro aqui na rua de trás. Eu já cheguei três e meia em casa e não apanhei.

Wagner: Todo dia eu escuto.

Henrique: Você mora ali também?

Wagner: Moro.

Humberto: Fala a rua.

Wagner: (Diz o nome da rua)

Henrique: Errou, não é esta. É... (diz o nome da rua)

Wilson: Então é.... (diz o nome da rua).

Honório: Também aula de inglês todo mundo vai embora...

Wagner: Também a Cris tirou cinco na prova e eu tirei dois. Ela mata aula todo dia e eu que fico, tirei nota menor.

Henrique: Eu tirei quantos?

Honório: Também olha o que ela passa, só ensina nome de animal e manda a gente escrever.

Wagner: Mentira, ontem ela deu um papel que era prá você traduzir o texto.

Henrique: É verdade, eu fiz rapidinho

Honório: Pronto, tá vendo, você não aprende nada.

Clara: Eu aprendo. Se eu não aprendesse, eu não ia saber um monte de coisa.

Wagner: Então fala em inglês.

Honório: Fala cavalo em inglês.

Clara: Horse.

Wagner: Cachorro.

Clara: Dog.

Honório: Fala tatu.

Clara: Tatu eu já não sei, não é uma palavra que se usa normalmente.

Wagner: Peixe.

Clara: Fish. Eu sei contar até mil e pouco em inglês.

Começa então a contar os números em inglês.

Wagner: Chega de inglês, vamos falar de matemática.

Clara: Você sabe função?

Henrique: A gente sabe, veio uma função atrás de mim esses dias e eu tive que correr tanto.

Clara: Função de primeiro grau.

Daiane: Eu gosto é de inglês.

Clara: Química é legal. É muito louco.

Honório: Como é?

Clara: Você tem que saber o H₂O, essas coisas.

Wagner: Água como é?

Clara: Duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio.

Henrique: Você sabe fazer água?

Clara: Eu não, eu não sei. Quem fez foi Deus e não eu.

Wagner: O que é O₂?

Clara: Duas moléculas de oxigênio.

Wagner: Eu não sei quase nada de química, mas eu sei o que é H₂O. Você sabe? É aquele guaraná que vem na garrafa.

Clara: Ai, meu Deus! Aquilo é H₂OH.

Daiane: Eu gosto de Inglês e Química.

Clara: Eu também.

Henrique: Eu gosto de Artes.

Honório: Eu gosto de Educação Física.

Wagner: Eu gosto de inglês.

Honório: Eu só gosto de Educação Física por causa do futebol.

Clara: Eu não eu gosto de todas as aulas.

Wagner: Eu sei um esporte que eu sou melhor do que futebol.

Clara: Vídeo-Game.

Wagner: Não. Handebol.

Pesquisadora: Então você descobriu uma coisa que você se dá bem?

Wagner: É, mas eu gosto mesmo é de futebol.

Clara: Então, porque você não entrou pro time de futebol?

Wagner: É que eu sou pequenininho.

Clara: E daí? Entra pro mirim.

Wagner: É, mas o técnico fala que eu não agüento, por isso que eu não treino com eles, e olha que eles são da minha idade.

Pesquisadora: Eles falam ou você acredita nisso?

Henrique: Eu acho que ele acredita nisso. O Matheus também é pequeno, mas treina com a gente.

Honório: E joga bem o Matheus, ele é menor que o Wagner.

Clara: Então? Você não tem nada a perder. Você não pode ficar escutando os outros.

Wagner: Mas quando eu vou treinar lá, ele fala pra eu treinar com os pequenos.

Clara: Quem? O Messias (treinador).

Wagner: Não, o Pedrão.

Honório: Mas você tem que falar assim “ Ô, nariz, deixa eu treinar aqui”.

Wagner: Mas lembra, Henrique, aquele dia que eu fui treinar lá com vocês?

Henrique: Lembro.

Honório: É, mas aquele dia você pegava a bola e não fazia nada, mano.

Wagner: Então o Pedrão falou assim prá mim: “Viu, Wagner, como você tem que treinar com os pequenos?” e eu respondi” Ah, vai Pedrão”, daí ele falou “Nunca consegui contentar esse menino”.

Henrique: Vai hoje ao campo lá.

Wagner: É vou, com o pé quebrado?

Henrique: Ah, é!

Honório: Mas também você não consegue passar pelos moleques.

Wagner: Então é por causa do corpo.

Henrique: Nada a ver, o Matheus vai em cima dos meninos, bota pra correr. Ele pode perder no corpo, mas ele ganha na corrida.

Clara: Não é porque você é pequeno que você não pode fazer algumas coisas.

Henrique: Pode, por exemplo, ser gandula.

Clara: Ah, vai! E eu tô falando dele jogar bola. Acho que isso é uma desculpa dele mesmo .

Honório: É que ele quer jogar no ataque.

Henrique: Pede pro André fazer um trabalho com você.

Honório: É mesmo, você vai ficar truncado.

Henrique: Igual uma árvore, cheio de tronco.

Silêncio.

Wagner: A fita tá acabando. Fala aí, Daiane, você não fala nada.

Daiane: Vou falar que jeito, se você não pára de falar.

Honório: É, Robson dois.

Henrique: É, o Robson também não pára de falar. Quando a senhora vier, dona, traz três gravadores. Um aqui no meio pra nós, outro pro Robson e outro pro Wagner. Aí eles vão falando o que acham que pensam.

Wagner: E você fica só pensando. A fita tá acabando.

Honório: Vocês não falam.

Wagner: Essa menina só fica olhando.

Daiane: Você invocou comigo, heim?

Clara: Então, o que vamos falar?

Wagner: Você não, você fala demais.

Clara: Sai pra lá, Aderbal.

Honório: Vamos falar de desenho?

Todos: Que desenho, sai pra lá.

Wagner: Bob esponja é legal.

Clara: Três espãs demais.

Wagner: Lembra do Dragon Boll?

Henrique: Esse era legal. Eu tô com fome.

Wagner: Que time você torce, Honório?

Honório: Corinthians.

Wagner: E você Clara?

Clara: Corinthians.

Wagner: E você?

Daiana: São Paulo.

Wagner: Ih, perdeu pro Grêmio.

Daiane: E daí? Eu não ganho nada com isso.

Clara: E você, Wagner?

Wagner: São Paulo.

Henrique: Você toma cuidado aqui, aqui você não cresce não, você apanha, heim?

Daiane: E o Robson, o que será que ele é?

Henrique: Ele era Corintiano.

Wilson: O Robson é Emo.

Henrique: Ou ele é Corintiano ou Palmeirense.

Honório: O time dos Emo só perde. Eles ficam mais preocupados com aquele cabelinho.

Todos dão risadas.

Clara: Coitadinho.

Wagner: Ontem nós socamos ele, né, Honório?

Honório: Eu bati nele? Eu não.

Wagner: Você viu, Henrique? Ele veio pra cima de mim prá se mostrar prá meninas, eu falei vem aqui que eu vou te dar um soco. Dei um soco na cara dele e a professora me deixou de castigo.

Pesquisadora: Mas o que aconteceu?

Honório: É mesmo, dona, ontem eu quase bati nele.

Wagner: É que ele é Emo e fica cantando aquelas músicas deprê.

Henrique: É mesmo.

Wagner: Ele irrita. Daí o Henrique veio falar prá mim "Wagner, vamos bater nele?". Aí nós combinamos de bater nele a hora que acabasse a aula.

Honório: Por isso que ele não veio hoje na escola, deve tá todo roxo.

Henrique dá risada.

Wagner: Daí eu falei "vamo". Juntou um par de gente prá bater nele.

Henrique: Não, tinha só quatro.

Wagner: Deixa eu falar. Aí nos saímos lá fora na hora que acabou a aula de Matemática, nós começamos a bater nele. Ele saiu e eu já dei um murro nas costas dele. Daí ele começou a se defender, aí todo mundo dano murro nele,

ele levantou e me empurrou, claro eu era o pequenininho, aí ele falou “Quer bater nos outros para se aparecer prá meninas, seu pequenininho”, aí eu falei “É”, aí eu dei um murro nele.

Honório: Nossa, jogaram ele na parede.

Todos os outros começam a rir.

Wagner: Daí eu dei um soco nele e ele começou a me xingar, daí eu dei um soco nele, ele saiu resmungando e eu falei “Vem cá, então, eu não sou pequenininho? Vem cá seu otário”.

Henrique: Ele estava na aula cantando aquelas músicas, daí eu falei pro professor “Ele tá me irritando, professor, fala prá ele parar”, daí o professor falou: “É melhor você parar”. Aí ele falou que ia parar, depois de um minuto ele voltou a cantar.

Wagner: Ele começa a cantar aquela música (começa então a cantar).

Henrique: Daí ele não parou, então eu falei “Vamos bater nele”, chamei uns quatro e todos toparam em bater nele.

Wagner: Sabe quem bateu também? O veadinho, o Leandro.

Henrique: O Leandro bateu também. Eu só sei que dei um soco assim... (começa a fazer gestos).

Wagner: Eu dei murro nas costas dele. Na hora que ele saiu da sala tava todo mundo esperando ele.

Henrique: Eu fui lá na frente prá fechar ele.

Wagner: Ai eu dei um murro nele e ele já abaixou.

Clara: Gente, coitado.

Henrique: O zoio deu um bicudo na bunda dele e ele foi prá frente.

Clara e Daiane: Coitado dele, só porque ele é Emo.

Clara: Vocês acham que está certo isso? Então só porque você é baixo eu vou meter a mão na sua cara?

Wagner: Não é isso, é que ele irrita.

Clara: Não interessa, cada um é de um jeito vocês têm que aprender a respeitar.

Wagner: Ele irrita.

Henrique: Ele fica cantando o tempo todo.

Clara: Eu também faço isso.

Wagner: Acontece que ele quer cantar música em inglês, não sabe e ainda por cima, canta mal.

Wagner começa, então, a imitá-lo.

Todos dão risada.

Henrique: Quando ele falou “ Everybody” eu perdi a paciência a hora que ele falou isso.

Pesquisadora: Alguém aqui sabe cantar em inglês?

Todos: Não.

Pesquisadora: Então somente o Robson sabe?

Henrique: Ele diz que sim, mas canta muito mal.

Clara: Então conversa com ele, não precisa partir prá violência.

Wagner: Não, aquilo era uma brincadeira.

Clara: Sei a sua brincadeira.

Honório: A brincadeira que deixa o outro roxo.

Henrique: Eu falei prá ele parar. E as meninas apoiando “não pára não, não pára não” e ele não parou.

Wagner: Ficou ouvindo as meninas.

Clara: Só porque o moleque estava cantando, vocês vão bater nele, que palhaçada.

Wagner: Escuta aqui, estávamos na aula de matemática em que você tem que fazer conta, daí ele começa.

Henrique: Daí você perde a conta e tem que fazer tudo de novo.

Clara: Não interessa, coloca ele pra fora, conversa com o professor, tem que ter um outro jeito.

Honório: Já dá raiva daquela professora...

Wagner: Tem uma menina na nossa sala que chega dizendo “Chiquérrimo”.

Henrique: E o Leandro “Menina, nem te conto”.

Todos dão risada.

Wagner: E daí vem o Robson.

Pesquisadora: O que a Clara está dizendo é que é necessário pensar outros meios.

Wagner: Não adianta.

Henrique: Não adianta mesmo.

Clara: Então dá uma advertência, bota ele prá fora, mas não precisa partir prá violência..

Wagner: E você acha que professor faz isso?

Henrique: Faz sim! Fica esperando...

Clara: Não é porque você está falando demais que eu vou bater em você. Bati?

Wagner: Bateu.

Clara: Você vai ver o bateu daqui a pouco.

Daiana: Eles ficam pegando no pé do moleque só porque ele é Emo.

Wagner: Vocês também são todas Emas.

Honório: Tem um animal chamado Ema, não tem?

Henrique: É animal.

Clara: Se ele tivesse cantando música de mano, de black, aposto que vocês não iam bater nele.

Honório: Se ele cantasse mal, ia sim.

Wagner: A classe inteira pensando e ele lá cantando, estava todo mundo quieto.

Henrique: Até o Pedro que não pára de falar estava quieto.

Honório: É mesmo, que milagre.

Pesquisadora: Mas e aí, a Clara está propondo outra alternativa.

Wagner: A gente conversa, manda parar, não pára, apanha.

Henrique: É, não pára, apanha.

Wagner: Eu fui lá e falei "Ô, Robson, pára".

Henrique: Eu fui lá duas vezes e pedi para ele parar, não páro, falei pro professor, não páro, daí eu fui obrigado a bater nele.

Clara: Fala lá na diretoria. Precisa chegar e dar murro no menino?

Wagner: A gente dá murro brincando.

Clara: Ah, é? Que legal, deixa eu te dar um murro de brincadeira.

Wagner: Ai, menina é foda, vocês ficam defendendo ele só porque ele é meio veadinho também.

Clara: Menino não tem coração. Nós pensamos diferente de vocês. Vocês só pensam em músculo, só em bater, pensa com os músculos e não pensa com a cabeça.

Daiane: Mas de músculo eles não têm nada, heim?

Todos dão risadas.

Wagner: Você fala isso porque você não convive com o Robson.

Clara: Ele vem aqui, a gente conversa, ele enche o saco às vezes...

Wagner: Então...

Clara: Mas eu não fico batendo nele. Eu falo prá ele ficar quieto.

Honório: É, mas você bate nela (refere-se à Daiane).

Todos começam a tirar sarro.

Carla: Não, senhor, ela é minha amiga.

Wilson: Porque você bate nela? Fala pro professor.

Clara: Não tem nada a ver, eu gosto dela, ela é minha amiga. Quando foi que eu te bati, Daiane?

Daiane: Várias vezes.

Clara: É nada, só aquela vez que eu joguei o estojo na sua cara.

Wagner: Nossa!

Clara: Também, ela limpou bosta de passarinho na minha blusa.

Daiane: Não tem nada a ver. Eu bato nela também.

Wagner: Porque bater nela? Fala pro professor?

Clara: Mas a gente é amiga, a gente não fica brigando.

Wagner: Nós também somos amigos do Robson.

Clara: Do que ele gosta?

Wagner: Ele gosta de lasanha.

Honório: O Ronaldo gosta de homem. *(risos)*

Wagner: Você tá pensando que nós bate...não é.

Henrique: Não é pra valer.

Wagner: Não é.

Pesquisadora: Mas como é isso? Como assim não é pra valer?

Wagner: É de brincadeira.

Henrique: É só pra ele parar.

Clara: Chega vai, não vamos mais falar de porrada.

Henrique: Se os moleques do primeiro catar ele, arrebenta. A gente bate devagar.

Wagner: Até o Paulo deu porrada nele.

Henrique: E ele não fala nada.

Wagner: Aquele Paulo é folgado, fica falando mal da mãe dos outros. Ele fala assim "seu resto de aborto".

Honório: O cabelo dele é super duro.

Wagner: Um dia eu apontei meu lápis e joguei no cabelo dele, ficou tudo parado lá.

Clara: Mas vocês batem no Paulo prá valer ou é brincadeira?

Wagner: Com o Paulo é pra valer.

Hernann: Ele é cheio de xingar a mãe dos outros..

Pesquisadora: Quando é pra valer e quando é brincadeira?

Wagner: Prá valer entra força, brincadeira não. Ontem mesmo, o São Paulo tomou no copo por causa do Grêmio, ele já começou a falar um monte de palavrão...

Henrique: Ele morde qualquer coisa. E só fala palavrão.

Wagner: Ele xinga os outros de demônio. Daí um dia (risos) ele falei prá ele para brincarmos da brincadeira do compasso, ele perguntou se fazia mal e eu disse que não, daí ele foi. Eu falava "O Paulo vai morrer do quê?" "Aids". Eu mesmo que guiava o compasso com a mão. Daí eu perguntava: "O Paulo vai ser homossexual?", o compasso falava "sim". Ele saiu em choque da sala e depois ficou me perguntando se aquilo era verdade. Depois ficou falando prá mim rasgar a folha. Ficou todo agitado na cadeira de rodas.

Clara: Ah! É aquele pequenino.

Wagner: É, aquele da cadeira de rodas.

Clara: Aquele moleque é maior chato. Um dia minha amiga chegou perto dele e ele estava tentando levantar, ela perguntou se ele queria ajuda e ele mandou ela tomar no cú. Nossa, deu a maior raiva. Eu só não bati nele porque minha amiga me segurou.

Wagner: Tá vendo, a vontade é de bater. As donas o defendem. Ninguém da classe bate nele porque ele é protegido, só eu.

Pesquisadora: Mas você bate nele?

Wagner: Bato. Você ia gostar se alguém ficasse xingando sua mãe?

Honório: Se você tirar aquele boné dele e mostrar aquela bucha dele, ele te xinga de tudo quanto é nome feio.

Henrique: A professora conversa com ele, ele fala "Vai, dona, não me enche o saco, vai".

Pesquisadora: E vocês sentem vontade de bater nele?

Henrique: Tem vontade, mas não bate porque ele é protegido.

Wagner: Eu bato, não tô nem aí, tomar suspensão eu fico em casa.

Honório: Ele chora.

Wagner: Ele fala que eu sou tonto.

Henrique: Quando ele mexe comigo eu levanto e ele já vem se desculpando.

Silêncio.

Wagner: A fita, a fita...

Daiane: Deixa a fita.

Silêncio.

Wagner: Todo o dia o Paulo mexe com a Cris....

Henrique: Chega de falar do Paulo.

Daiane: Vocês só ficam falando dos outros...

Clara: É isso mesmo, chega de falar dos outros.

Wagner: A única coisa que eu quero falar é que eu sou muito lindo, muito bonitinho, mas só que eu sou pequenininho.... (risos)

Clara: Tem uma coisa que eu quero perguntar: "Wagner você é BV (boca virgem)?"

Wagner: Não.

Henrique: Ele namorou quase um ano a Michele.

Clara: Nossa. E você, Henrique, é BV?

Henrique: Não, mas ultimamente eu não tô pegando nem gripe.

Clara: Eu nem vou perguntar prá Daiane, porque eu já sei.

Wagner: Você deve ser?

Clara: Não.

Wagner: Claro que é.

Clara: Pergunta prá Daiane, então.

Daiane: Ela não é.

Clara: Eu quando estava na sétima série e era BV, todo mundo tirava sarro. As meninas da minha classe era um bando de biscates e nenhuma era BV. As meninas ficam falando que quem é BV é lésbica.

Pesquisadora: O que tem a ver uma história com a outra?

Clara: É que quem é BV eles ficam tirando sarro, falando que é lésbica, gay, essas coisas. Parece que nós temos obrigação de sair com alguém

Pesquisadora: Obrigação?

Wagner: Fala aí em que série você perdeu sua virgindade de boca?

Carla: BVL foi na sétima, BV foi antes.

Wagner: Como que é BVL?

Clara: Beijo virgem de língua.

Wagner: E você, Daiane?

Daiane: Eu nem lembro.

Honório: Então minha BV foi com 6 anos.

Clara: Nossa. Mas você sabia que minha prima perdeu a BV com 9 anos e depois veio me contar.

Henrique: Isso acontece.

Wagner: Menina louca tem em todo lugar.

Henrique: Hoje todo mundo sai com todo mundo. Os meninos chegam e falam “Cabei de catar uma ali.”

Clara: É como se tivesse catado uma pedra no chão, catou e levou pra casa.

Henrique: E como são as coisas com os adultos?

Wagner: Fala aí, dona, como foi com você?

Pesquisadora: Minha época era muito diferente.

Wagner: É verdade, os pais não deixavam, proibiam tudo.

Henrique: Hoje é bem diferente, meus primos ficam beijando na boca e ainda nem estão na escola.

Clara: Os meninos que eu fiquei sempre foram filhos das namoradas do meu tio.

Neste momento, Wagner começa a cochichar no ouvido de Henrique.

Clara: Fale para o grupo, Wagner.

Wagner: Isso eu não posso falar alto, um passa pro outro (começam então a passar a pergunta como telefone sem fio). No momento que chega em Honório e que ele teria que dizer para a Clara ele diz que não.

Clara: Agora você vai dizer.

Daiana: O duro é que vai sobrar pra mim, eu vou ter que falar prá Valéria.

Clara: Então fala, que eu já sei a pergunta.

Daiana: Eu não vou falar.

Clara: Ele está perguntando se já transou.

Henrique: Agora a resposta.

Clara: Eu não.

Daiane: Eu não. Agora os pequenos.

Wagner: Eu não vou falar.

Os meninos ficam então em silêncio e não respondem.

Pesquisadora: Parece que para os meninos é mais difícil de dizer.

Clara: É que se tem a idéia que menino tem que transar, tem que ser machão.

Eu estou esperando a resposta.

Wagner: Que horas são?

Clara: Vocês estão preocupados com o horário para não responder.

Pesquisadora: Parece que sim, pois nosso tempo está acabando.

Nisso, Honório começa a sair da sala e os outros meninos vão atrás.

Clara: Hei, voltem aqui que eu quero a resposta. Menino tem medo de dizer.

Pesquisadora: Parece que sim. Mas nosso tempo acabou.

Quinto Encontro:

Clara: Eu estava impossível no primeiro bimestre.

Daiana: Eu fiquei em Português, Matemática e Geografia.

Wagner: Eu fiquei em Educação Física.

Henrique: Educação Física eu tirei a maior nota.

Clara: Eu fiquei em Física, em Português, Matemática, História, Educação Física. Biologia. Química eu não fiquei.

Wagner: Eu fiquei também em Português e Inglês.

Clara: Quem é a professora de Inglês?

Wagner: A Marili.

Clara: Nossa, ela não gosta de mim, ela é uma vaca.

Wagner: Ela deu dois pra mim. Ela é a maior zica.

Henrique: Eu tenho que ver na caderneta dela que nota eu tirei.

Clara: Eu fiquei com um em Física.

Henrique: Física ou Educação Física?

Clara: Física, neguinho.

Henrique: Neguinho é seu pai de cueca.

Clara: Meu pai não é neguinho, é mais ou menos. Eu tirei em Física um porque eu tive uns problemas com o professor.

Wagner: Problemas?

Clara: É uma história longa, que eu prefiro nem lembrar.

Wagner: Se a policia estivesse aqui iria prender você.

Clara: Eu? Por quê?

Wagner começa a falar no ouvido do Henrique.

Clara: Fala prá todo mundo, Wagner.

Wagner: Daquele dia.

Clara: Ah, que eu fiquei aqui depois do nosso encontro e comi comida no intervalo.

Wagner: É, não pode.

Clara: Por acaso a dona Cleuza falou alguma coisa? Eu fiquei aqui um tempão, fiquei no recreio, depois fiquei conversando com minhas amigas e depois com minha tia. A dona Cleuza deixa.

Henrique: Olha aí, eu quando venho aqui eles falam “vai embora”.

Clara: Acontece que sou eu, eu sou diferente de você.

Henrique: É, quando sou eu, me mandam vazar.

Pesquisadora: Porque você acha que com você é diferente, Henrique?

Clara: Eu tenho muita amizade com a dona Cleuza, com a dona Helena.

Henrique: É que ela me enche muito o saco.

Daiana: Eu também acho que elas encham o saco.

Clara: Eu gosto delas.

Henrique: É, ela deve gostar de você, de mim ela não gosta.

Wagner: A dona Cleuza me deu suspensão, disse que eu desacatei ela.

Clara: Se eu fizer arte ela também vai me dar suspensão, ela não vai me proteger, não.

Henrique: Claro que vai.

Clara: Claro que não.

Wagner: Claro que não.

Clara: Ela chamou minha mãe aqui.

Henrique: Era prá mim tomar suspensão do Carlos e ele não me deu. Por causa que nós é colega, parceiro.

Wagner: Eu converso com todo mundo. Só com a diretora que não, aquela chata.

Débora: Ninguém gosta dela.

Henrique: Era prá mim tomar suspensão, o Carlos falou assim: “senta aí no pátio e fica ali um pouco, depois você vai pra sala”.

Wagner: Era prá mim tomar 3 dias de suspensão, porque eu briguei com uma menina, ela me chamou de pequenininho e quando ela levantou da cadeira eu sentei a mão nela, empurrei ela e ela caiu com a cadeira e tudo. Todo mundo riu dela.

Pesquisadora: Você briga com todo mundo que te chama de pequenininho?

Wagner: Eu brigo.

Henrique: Não briga, não.

Clara: Piniquinho.

Wagner: Você viu o Robson? Ontem nós batemos nele de novo. Foi eu, o Henrique e o Pedro e batemos nele, ele nos empurrou e saiu.

Henrique: Batemos três vezes em seguida nele. Primeiro foi eu e os moleques da sétima B, depois eu e os moleques da oitava e depois eu fui com o Wagner.

Pesquisadora: O que acontece que vocês vivem batendo no Robson?

Wagner: Porque ele é Emo.

Clara: Não falei?

Henrique: Lá no treino é o maior barato, as pessoas falam chuta aqui, daí eu chuto a bola na cara, depois eu falo que foi eles que pediram.

Clara: Eu não tô entendendo nada do que você está falando.

Daiana: Nem eu.

Wagner: Nem eu.

Clara: Ele mudou de assunto de repente, da água pro vinho.

Henrique começa a fazer um barulho com a boca.

Clara: Pára, ô meleca.

Henrique: Eu não consigo.

Clara: Você vai conseguir rapidinho.

Pesquisadora: Da outra vez que vocês fizeram isso, o Robson também não veio para o grupo.

Wagner: Não, mas ele sabe que é brincadeira. Ele chega me empurrando, eu quase caí.

Henrique: Você não caiu, porque você é massudo, cheio de massa (risos).

Wagner: Aí ele catou e me empurrou, eu chamei de filho-da-puta e ele disse que eu queria me aparecer para as meninas. Dei uma bicuda na bunda dele e ele saiu pulando.

Henrique: O Robson olhava pra baixo e o Wagner só olhava pra cima.

Wagner: É, eu falava “vem, seu palhaço”.

Clara: A Daiana nem falou prá mãe dela que tinha reunião hoje.

Henrique: Eu também não.

Wagner: É, ela é esperta, tomou vermelho e não quis falar pra mãe.

Daiana: Nada haverá ver, eu não quis falar.

Henrique: Eu também não falei, mas minha irmã vai falar.

Clara: A sua irmã também, Daiana?

Daiana: Tá bom que ela vai falar, ela tá pior que eu. Não fala mesmo.

Wagner: Por favor, coloquem a máscara de oxigênio que eu vou soltar um pum.

Henrique: Ai, meu Deus, vai feder mesmo?

Wagner: Ah, pronto.

Clara: A Daiana ontem deu risada do pai dela batendo na irmã dela. Ela ficou lá apreciando o espetáculo.

Pesquisadora: O que aconteceu?

Daiana: Eu fiquei lá olhando.

Clara: A Daiana disse que lá na casa dela tudo o que acontece sobra pra ela, a irmã dela nunca faz nada. Quem devia estar falando isso era a Daiana, mas já que ela não fala, eu falo por ela.

Wagner: Você fala demais.

Henrique: Você não quer falar, Daiana?

Daiana: Não.

Pesquisadora: Você se importa que fale?

Daiana: Não. Pode falar.

Clara: Ela nem liga.

Neste momento, Wagner começa com uma caneta a rabiscar os outros.

Clara: Pára, Aderbal. Ontem eu estava com minha vó, e eu falei Aderbal e ela ficou perguntando o que é isso, dei tanta risada. Minha vó é parálitica.

Henrique: Sua vó é sua bisavó?

Clara: É.

Wagner: E sua vó já era?

Clara: Não, minha vó é minha mãe.

Wagner: E sua mãe?

Clara: Minha mãe é minha mãe. Deve estar pescando.

Wilson: Pescando?

Clara: Chutei uma coisa que ela poderia estar fazendo agora. Ou dormindo, ou bebendo...

Wagner: Ou fazendo xixi. (risos)

Clara: Necessidade básica de uma pessoa. Minha vó que me criou.

Wagner: Mas e sua mãe?

Clara: Minha mãe não pode me criar.

Wagner: Mas ela mora com seu pai?.

Clara: Não, quando ela ficou grávida de mim, minha mãe era velhinha e meu pai era novinho. Dai deu eu.

Pesquisadora: Como assim?

Wagner: Dona, a senhora não sabe como deu ela? (risos)

Pesquisadora: Quero saber dessa história da mãe velha e o pai novo.

Wagner: Mas sua mãe era velhinha, velhinha?

Clara: Minha mãe tinha 39 anos e meu pai 20, tinha acabado de completar 20. Minha mãe-vó tinha 42.

Wagner: Então você chama sua vó de mãe.

Clara: É, eu tenho minha mãe-mãe e minha mãe-vó e meu pai-vô.

Wagner: Mas você chega e fala “ô mãe-vó”.

Clara: Não, eu chamo de mãe, mas quando eu vou explicar para os outros eu falo mãe-vó prá ficar mais fácil. Às vezes, eu falo que meu pai fez tal coisa, daí as pessoas perguntam que pai, eu falo pai-pai, para diferenciar. Ontem, a gente tava conversando lá na casa da minha vó (bisavó) sobre o dia em que minha tia foi buscar eu lá na casa da minha mãe. Minha mãe (vó) só ficou sabendo depois de 15 dias. Minha mãe, vó, né, vinha todo dia na casa da irmã dela, que era minha tia, aonde tava minha mãe comigo, ela vinha, me pegava no colo, brincava comigo, só depois de 15 dias é que ela ficou sabendo que era neta, aí ela se trancou no banheiro e ficou chorando lá, daí a irmã dela falou pra ela sair e me pegar. Foi o maior barraco.

Wagner: Sua mãe veio pra casa da sua tia?

Clara: É, minha mãe...

Wagner: Sua mãe vó?

Clara: Não, minha mãe, eu vou separar, quando for mã,e eu falo mãe, quando for minha vó eu falo mãe-vó. Minha mãe quando eu nasci, eu tive que ficar uns dias em observação, porque deu não sei o que lá em mim, daí quando eu saí minha mãe não tinha lugar prá ir, daí ficamos lá. Todo mundo ia lá ver. Mas minha mãe depois que eu cresci um pouquinho, eu tinha uns 2/3 anos ela vivia saindo e indo pros bar, pros lugar assim, e minha mãe, minha avó, assim antes... não deixa eu começar do começo porque é uma história muito complicada, estranha. Minha mãe ficou lá na minha tia e minha vó ia direto lá, ficava comigo, mas nem sabia que eu era neta.

Pesquisadora: Mas como assim? Como sua vó conhecia sua mãe?

Clara: Meu pai chegou a ficar um pouco com minha mãe, então minha vó conhecia ela, mas nem imaginava que eu era neta, daí passou uns 15 dias e veio uma prima minha de São Paulo e contou pra ela. Daí ela entrou no banheiro e começou a gritar que não queria aquela neta, daí minha tia falou

que eu também comecei a chorar, acho que eu também sentia. Depois passou um tempo e minha mãe começou a ir nos bares. Daí minha vó falava pra minha pra elas irem nos procurar. Ela saía com uma sobrinha e ficava me procurando nos bares, aí ela chegava e minha mãe tava trincando...

Wagner: Sua mãe é pingaiada?

Clara: É, mas ela é gente boa. Daí minha vó brigava com minha mãe e perguntava se minha mãe tinha me dado leite, ela dizia sempre que havia esquecido. Segundo minha vó, o leite já parecia queijo, ela não me trocava e daí minha vó me levava pra casa dela e cuidava de mim. Daí um dia minha tia e minha mãe foram de novo me buscar no bar, aí minha vó perguntou pra minha mãe se eu não poderia ficar com ela, daí eu ficava com minha vó à noite e de dia com minha mãe. Mas minha mãe veio conversar com minha avó pra dizer que não tinha condições de ficar comigo, ela estava desempregada e não tinha nem onde morar, daí ela disse pra minha vó que não tinha condições e se minha vó ficava comigo. Minha vó disse que tudo bem, de vez em quando ela vem me ver, meus irmãos também.

Wagner: Mas você conhece sua mãe?

Clara: Conheço. Esses dias não sei o que deu, milagre de Deus, ela foi lá me ver.

Wagner: Mas porque sua mãe não te leva embora agora?

Clara: Eu não quero ir, já estou acostumada. Eu não conseguiria ficar longe da minha tia, do meu pai. E outra, eu não vou abandonar quem ficou comigo 14 anos me criando, eu vou largar eles e vou morar com minha mãe? Mas foi isso, de vez em quando ela aparece lá em casa. Quero dizer, ela nem vai em casa, quando eu vou procurá-la ela está num barzinho lá na Praia Azul, ela, meu irmão, meu outro irmão. Tem dois irmãos que moram lá, daí fica ela e os dois lá no bar. Aí quando eu chego lá, ela começa a me chamar de filha e começa a chorar, maior estranho, mas eu vou fazer o quê?.

Wagner: Vamos mudar de assunto que isso está muito triste.

Clara: Vamos.

Wagner: Vamos à cozinha buscar um pão e umas bolachas?

Daiana: Não pode.

Silêncio.

Wagner: A Daiana não falou nada hoje.

Clara: Claro que ela falou.

Pesquisadora: Parece que o grupo ficou bastante tocado com a história da Clara.

Wagner: Eu achei esse assunto muito triste.

Clara dá risada.

Clara: Eu não agüento esse Wagner.

Henrique: Ele tá zoando.

Wagner: E você achou legal? E se sua mãe fosse assim? Se você morasse com sua vó-mãe?

Henrique: Se eu morasse com minha vó eu estaria lá no Acre.

Wagner: Lá no Acre? Não falei que você era da Paraíba?

Henrique: Que Paraíba, moleque, o Acre é no Norte.

Wagner: Ah!

Henrique: Você assiste Xuxa? Não passa aquele negócio lá de brincadeiras? Tá lá na minha cidade. Rio Branco.

Wagner: É ruim ter parente longe?

Clara: Imagina a sua tia lá do outro lado do mundo.

Henrique: E meu irmão, eu não sei se ele está morto, se não está. Se tá alto, se tá baixo.

Wagner: Onde ele tá? Lá no Acre? É ruim ficar sem ele aqui?

Henrique: De novo? Eu já falei que é.

Clara: É maior ruim você ter alguém que você gosta longe de você.

Wagner: Isso é muito triste.

Silêncio.

Pesquisadora: Hoje tem uma coisa diferente, vocês estão falando mais sobre vocês.

Henrique: É que o Robson não tá aqui, senão só ele fala.

Clara: É maior ruim quando você tem alguém que você gosta e que mora longe da gente.

Wagner: Isso mexe com a gente. A minha vó também é a maior pingaiada. Trabalha, trabalha e depois gasta tudo no bar bebendo. Ela recebeu um dinheiro bom, uns 20 mil reais da aposentadoria, e sabe prá onde que foi? O cara do bar até reformou o bar dele. Lá onde ela mora esse dinheiro dava prá

comprar uma casa. Ela mora lá perto de Catanduva. Como chama aquela cidade.... Irapoã.

Clara: Minha família também é um bando de pingaiada, por parte do meu pai.

Wagner: Ela é a mãe do meu pai, só toma cachaça. O cara do bar é que se deu bem.

Clara: Ela não troca de bar? Só toma pinga lá?

Wagner: Só. Mas ela toma cerveja.

Henrique: Engraçado, quando as pessoas começam ir no bar, acostuma.

Wagner: Meu pai também bebe.

Clara: Meu pai também.

Daiana: Seu vô, né?

Clara: É, meu vô. É uma coisa muito legal.

Wagner: Maior da hora. Eu já tive que dar banho no meu pai. Senão, ele não tomava banho, não.

Clara: Meu pai também quando bebe não toma banho, fica deitado.

Wagner: Meu pai brigava com minha mãe. Quebrava o pau.

Daiana: Meu pai também bebe.

Wagner: Meu pai com duas cervejas ficava, como você disse? Trincado.

Clara: Trincando.

Wagner: Não, fica trincado.

Henrique: Tá bom, fica bêbado.

Wagner: Ficava pingaiada.

Henrique: Ficava não, fica pingaiado.

Wagner: Não, ele ficava, agora ele não bebe mais.

Daiana: E você dava banho nele?

Henrique: Lavava as partes íntimas? (risos).

Wagner: Fazê o que? É meu pai.

Clara: Deu a maior dó do meu pai quando ele quebrou as pernas.

Wagner: O meu pai brigava com minha mãe e minha mãe vinha e metia o soco no meu pai. Eu tinha um baú cheio de brinquedo, um dia meu pai chegou brigou com minha mãe e deu um chute neste baú, daí ele quebrou o dedo. Esses dias meu pai deu uma bicuda em mim, só porque eu zoei com ele porque o time dele perdeu.

Henrique: E seu pai, Daiana?

Daiana: Meu pai é chato, irritante...

Wagner: Quando bebe, né?

Daiana: Não. Ele é mesmo chato, irritante, quer mandar em tudo. Quando bebe piora um pouco.

Clara: E você, Henrique?

Henrique: Meu pai não bebe, não fuma. Ele bebe só bebe água e guaraná.

Wagner: Você está mentindo. Esses dias eu vi seu pai no bar bebendo.

Henrique: Aquele não é meu pai, é meu padrasto.

Wagner: Mas é seu pai.

Henrique: Claro que não. Meu padrasto bebe, mas quando chega em casa vai dormir.

Wagner: Ele não briga, não?

Henrique: Não.

Clara: Lá em casa sai umas brigas. Teve uma vez que meu pai brigou com minha mãe, e daí não sei o que aconteceu ele deu uma bicuda no pé da minha tia, ela tinha acabado de tirar o gesso, ela xingou ele de filho-da-puta. Meu pai virou e começou a dar um monte de bicudo no pé da minha tia, e ela tinha acabado de tirar o gesso. Nossa, ela disse que doeu prá caramba. Mas ele não parava de chutar minha tia, daí minha mãe entrou na história e ele deu um tapa no rosto dela.

Wagner: Nossa, então quando seu pai bebe ele bate na sua mãe?

Clara: Não. Eu só sei dessa história. Ai meu pai-pai, falou prá ele "Porque você não bate em mim, seu crente nojento".

Wagner: Seu vô é crente?

Clara: É. Daí meu pai começou a enfrentar meu vô, daí meu vô pegou um pau e meu vô um ferro. Meu pai falava que ele era um crente sujo e que só batia em mulher.

Wagner: Quantos anos seu vô tem?

Clara: Sessenta.

Wagner: E ainda fica batendo nos outros?

Clara: Isso aconteceu faz algum tempo. Daí minha vó entrou no meio e consegui separar os dois, foi a maior confusão. Agora minha mãe-vó me batia por nada, ela não deixa eu fazer nada, tipo eu era pequena e ela me levava na

igreja, daí se eu pegava um papel de bala do chão, ela puxava minha orelha, me beliscava.

Daiana: Nossa, que horror.

Clara: É, ela briga por nada. Hoje mesmo, antes de eu vir aqui, você escutou, Daiana?

Daiana: Escutei uma gritaria.

Clara: Então acabei de acordar, falei que ia escovar o dente e tomar café, peguei e vi que ela comprou um pote e eu fui abrir, caiu uma duas gotas de calda do doce que ela ganhou; nossa, ela começou a gritar “tá vendo, você deixa a casa parecendo um chiqueiro, você não faz nada dentro de casa e só quer destruir o que é meu.” Eu falei pra ela parar de ser histérica, mas ela continuou gritando, fica falando bosta. Eu falo prá ela que ela é louca, eu também não agüento ficar quieta, começo a gritar com ela. Lá em casa eles falam que eu sou um bicho, eu sou mesmo nervosa. Desde pequena é assim. Ela fazia a mesma coisa com minha tia, dava cada surra, apesar que a surra dela não chega nem perto das surras que meu pai-vô dava nos meus tios. Meu vô batia de verdade, descia o cassete. Batia com cinta, dava tapa.

Wagner: Seu vô batia no seu pai?

Clara: É.

Wagner: Mas seu pai deixava?

Clara: Ele ia fazer o quê? Quanto mais ele reagia, mais ele apanhava. Meu pai (vô) pegava os gatos, a gente tinha mais de vinte gatos, e dava uma paulada neles. Aí meu pai tinha chegado da Fibra e foi brincar com o cachorro, o cachorro estava meio estranho naquele dia e deu uma mordida nele. Ele pegou o cachorro, amarrou e começou a jogar tijolo, sorte que não acertou nenhum. Agora ele mudou muito, mas eu morro de medo dele. Meu pai conta cada história dele. Uma vez eu estava na frente da minha casa andando de bicicleta e ele estava conversando e tinha um menino lá e eu comecei a conversar com ele, daí ele começou com frescura, era um daqueles meninos enjoados. Meu vô me mandou entrar e eu entrei, ele veio atrás e começou a me bater, daí eu caí da bicicleta e ele me batia mais ainda, fiquei toda roxa, por causa dos outros. Eu já apanhei muito por causa dos outros. Meu pai era assim, se eu tava brincando e chegava a hora de ir pra casa, ele assobiava e eu tinha que entrar. As pessoas com quem eu brincava começaram a me falar se meu avô

achava que eu era cachorro. Aí eu cheguei em casa e falei pra ele não me chamar mais assim, porque as pessoas zoavam de mim. Nossa, ele pegou a cinta e deu nas minhas costas e começou a me falar prá nunca mais falar assim. Nossa, quantas vezes eu apanhei por causa dos outros. Uma vez, uma prima foi lá em casa e minha mãe mandou eu dar um recado prá vizinha, minha prima foi comigo. Quando chegou lá eu insisti prá ela entrar e ela não quis. Daí eu entrei e dei o recado. Na hora que eu voltei, a menina não estava mais lá. Daí, ele fez eu ficar prá fora da minha casa enquanto a minha prima ficava dentro. Mas ela foi ficar lá comigo. Nossa, pra quê, ele foi lá e começou a me bater, bateu tanto que tirou o portão do trilho, me deu tanto ódio daquela prima, eu queria voar no pescoço dela. Mas ele me bateu, bateu, bateu, por causa de besteira, por causa dos outros. Eu sempre apanhei por causa do outros, por minha causa mesmo, foram poucas vezes. Meu tio disse que chegou um dia, ele queria morrer, porque a vida dele era assim: acordava, ia prá escola, voltava, apanhava e ia prá igreja. Era sempre assim, tanto com meu tio quanto com meu pai. Meu pai-pai é muito louco e todo mundo fala que é por causa dessas coisas do meu vô. Ainda bem que ele mudou senão eu já tinha fugido de casa.

Daiana: Eu também já pensei em fugir de casa.

Wagner: Eu também. Eu faço uma coisa daí minha irmã vai e fala prá minha mãe que eu faço outra. Minha mãe é puxa saco da minha irmã, vai conta pro meu pai e ele me bate. Minha mãe falou que quando eu era pequeno eu coloquei minha roupa numa bolsa e saí prá ir embora.

Daiana: Eu também já fiz isso. Meu pai também às vezes fica muito agressivo, bate na minha mãe. Minha irmã odeia isso e faz o maior escândalo.

Wagner: Seu pai bebe e bate.

Daiana: Tem vez, às vezes ele não está bêbado.

Pesquisadora: E em você, ele bate?

Daiana: Quando ele vem pra bater em mim, eu começo a gritar e bato nele também.

Clara: Eu acho que nem tudo se resolve na porrada.

Daiana: Eu às vezes também levo por causa da minha irmã. Ela apronta, apronta e quando eu vou falar, acaba sobrando pra mim. Quando ela apanha, eu acho bem feito.

Clara: Por isso que ela deu risada quando eu falei que o pai dela bateu na irmã dela.

Daiana: Nossa, ela é a maior.... Meu pai faz tudo o que ela quer, leva ela na escola e ela não entra, fica na praça fumando maconha. Ela apanha, apanha, apanha e ainda recruta.

Clara: Nossa, que vaca.

Wagner: É a irmã dela.

Daiana: É vaca mesmo.

Wagner: Minha mãe diz que eu também fugia de casa, mas eu não lembro. Minha mãe fala que um dia eu peguei uma sacola de mercado, coloquei roupa dentro, abri o portão e saí.

Daiana: Quando eu começar a trabalhar, eu vou embora de casa, nossa, não vejo a hora.

Clara: Eu também, daqui a três anos, tchau.

Daiana: Eu vou prá uma república.

Clara: Eu vou sair do país, vou morar lá com minha tia.

Henrique: Eu também já peguei minha trouxinha e vazei. Mas peguei a trouxinha errada, peguei só as cuecas. Daí minha mãe falou se eu ia embora só de cueca (risos).

Wagner: Por que você queria ir embora?

Henrique: Minha mãe tinha me batido com fio de extensão.

Wagner: Ai. Dói?

Henrique: Dói, dói muito.

Clara: Eu já apanhei com mangueira, fio, chinelo, tapa.

Wagner: Fio corta, não corta?

Clara: Corta, deixa cada vergão!

Wagner: Você já levou tapa na cara, de seus pais?

Clara: Eles que experimentem bater na minha cara.

Henrique: Uma vez eu levei um tapa no meu ouvido, eu fiquei meia hora ouvindo um zunido. Minha mãe que me bateu.

Clara: Eu nunca levei tapa na cara.

Daiana: Meu pai me dá tapa na cara.

Wagner: Meu vô também era agressivo. Ele matou três na faca.

Clara: Meu pai fala que se alguém mexer comigo ele mata, arranca a cabeça e coloca no poste. Ele fala se eu ficar com os moleques eu vou levar cigarro prá ele lá na cadeia. Meu pai é bravo. Ele tem arma, tudo, dá o maior medo. Ele disse que ia comprar uma automática.

Henrique: Eu já peguei uma metralhadora.

Wagner: Eu também já vi um monte de arma. Até granada eu já vi. O homem falou que é cinco segundos prá explodir.

Clara: Que homem?

Wagner: Amigo do meu pai, ele tinha um monte de arma, mas a policia foi lá e prendeu tudo. Ele não era bandido, ele gostava pra caçar capivara.

Clara: Eu sei que uma vez eu fui expulsa de casa. Minha mãe, tudo ela arranja problema...

Wagner pede prá tomar água e Henrique prá ir ao banheiro.

Clara: Então, minha mãe tudo o que ela acha no chão ela joga no lixo, só dinheiro eu acho que ela não joga no lixo, daí um dia ela pegou um cartão que minha amiga me deu, rasgou e jogou no lixo. Daí eu comecei a brigar com ela e meu tio chegou e começou a brigar comigo e falou pra mim se não estivesse bem lá era pra eu morar com meu pai. Esse meu tio não se dá bem com meu pai. Daí eu fui lavar lousa e daí chegou minha tia e meu tio, minha tia ainda morava no Brasil. Minha tia percebeu que tinha alguma coisa errada comigo e falou o que aconteceu. Daí eu comecei a chorar e dizer que ia embora. Nisso meu vô passou e ouviu. Meu vô parecia um boi, subiu lá em cima e começou a berrar com meu tio, nossa, eu fiquei morrendo de medo porque eu achava que meu tio ia brigar comigo. Foi horrível prá mim. Depois, a família inteira ficou sabendo. Daí minha tia me deu um dinheiro prá mim sair, mas eu não tinha ninguém prá sair comigo, eu estou sempre sozinha. Mas eu fui depois de uns dois dias.

Neste momento, Robson entra e diz que achava que não ia ter reunião, já que estava tendo reunião de pais na escola.

Pesquisadora: Como você ficou sabendo que nós estávamos aqui?

Robson: O Wagner foi lá na classe.

Wagner: O professor falou prá mãe dele que ele é veado.

Clara: O quê?

Robson: O professor de Matemática, aquele idiota, ficou me xingando e falando prá minha mãe que eu sou veado.

Clara: Ele tá lá na sua classe.

Robson: É. Eu achei que ia ficar com sete vermelhos, mas fiquei só com duas. Português e Inglês.

Wagner: Ah, se ele ficar falando mal de mim prá minha irmã....

Robson: Em artes eu tirei tudo 10 e fiquei com média 5.

Clara: É, mas você precisa ver sua participação em sala de aula.

Robson: Eu não converso na aula dela. (todos vão, dizendo que é mentira).
Como está acabando nosso tempo, combinamos um próximo horário.

Nono Encontro

Wagner: Tá gravando?

Pesquisadora: Está.

Clara: E aquelas outras vezes, gravou?

Pesquisadora: Gravou.

Wagner: Você não faz parte do grupo, Robson?

Robson: Faço.

Wagner: Então, senta aqui com a gente. Você está com saudade do Honório? Ele falou que nós perdemos alguém muito especial.

Robson: E perdemos mesmo.

Wagner: Vocês não sabem o que eu sonhei hoje? Acordei com dor do lado, perto do coração. Eu sonhei que estava vindo uma onda gigante aqui para Americana. E a praia era aqui na frente da escola.

Robson: Que da hora.

Wagner: Daí o Mário falou prá ficar no meio, todos ficaram. Aí tava o Lucas na onda e ela matou um monte de gente. Na hora que ela ia me catar, eu comecei a chamar por Deus, comecei a pensar na minha mãe e no meu pai, e aí eu acordei chorando e com dor no peito, uma dor forte. Eu acordava, dormia e via aquela onda de novo. A Clara e a Daiana morreram no sonho.

Robson: Eu sonhei que estava viajando e quando eu olhei pro céu eu estava no elevador do Hopi Hari. Daí eu acordei.

Clara: Você cortou seu cabelo?

Robson: Eu mesmo que cortei, ficou todo torto.

Wagner: A Clara veio hoje com o sapato do pai dela.

Clara: Meu tênis tá molhado, então eu vim com esse sapato mesmo, vou vim com o tênis molhado?

Wagner: É do seu pai mesmo?

Clara: Claro que não, é meu. Meu pai calça 44. Mas se você quer falar de tênis, o seu é rosa.

Wagner: Cadê rosa aqui? Ai, que mentira.

Clara: Esse tênis é da sua irmã.

Robson: A Valéria está de bota.

Wagner: Você vai na festa do peão, Valéria?

Pesquisadora: Não, eu não gosto.

Wagner: Do que você gosta?

Pesquisadora: Gosto de viajar, ir ao cinema, no teatro.

Clara: Eu amo viajar. Faz quatro meses que eu não viajo, estou em abstinência.

Robson: O lugar mais longe que eu já fui foi para Salvador.

Henrique: Eu vim de um lugar bem longe: lá do Norte.

Wagner: Do Acre?

Henrique: É.

Robson: Daqui até Salvador tem cinco dias.

Daiana: De carro?

Robson: Não, de caminhão.

Wagner: Antes eu achava que o Robson era rico, ele vinha na escola na maior panca. O pai dele tinha um caminhão grande, amarelo, e ele falava que era rico.

Robson: Todo mundo mentia.

Wagner: Todo mundo não, você. Aí ele falava que a casa dele era bonita, mas quando eu fui lá ela estava só no tijolo. O caminhão era velho, caindo aos pedaços.

Robson: Wagner, pára de mentir, você nunca viu meu caminhão. Ele é Mercedes Benz.

Wagner: É nada.

Robson: Você não sabe nada.

Wagner: Tem aquela estrela e aquela bola nele, aquela estrela preta.

Robson: Quanta besteira, não tem estrela preta.

Clara: Daonde vem o brilho da estrela?

Wagner: Do meu coração.

Clara: Ai, poeta.

Robson: Para onde as estrelas vão?

Wagner: Para a menina que eu amo.

Robson: Engraçadinho. Elas vão para o buraco negro.

Wagner: Não existe isso, buraco preto.

Clara: Não é preto, é negro.

Wagner: E daí? Se você chegar para um menino e chamá-lo de preto ou de negro não é a mesma coisa?

Clara: Claro que não.

Daiana: Tem muita diferença.

Robson: Tem alguns que são mais negros e outros mais claros. Não são negão.

Wagner: O Antonio, por exemplo, e quase azul, tão preto que é.

Robson: Ele contou que um dia foi brincar de esconde-esconde e as pessoas só viram os dentes brancos dele.

Wagner: Foi ele que pisou num sapo de macumba?

Robson: Foi. Vamos falar de espírito hoje de novo?

Wagner: Não.

Robson: Eu queria realizar meu sonho.

Clara: Qual é o seu sonho?

Robson: Queria ser invisível.

Wagner: Ai, que bobeira. Sabe qual é o meu? Eu queria crescer e ser jogador de futebol.

Clara: O que você está fazendo para isso acontecer?

Wagner: Estou tomando remédio e treinando.

Robson: Ser invisível deve ser o maior poder que uma pessoa pode ter.

Clara: Eu não acho.

Henrique: O meu é ser jogador de futebol.

Clara: O meu é morar com minha tia. Ainda mais agora que minha mãe tá doente.

Henrique: O que ela tem?

Clara: Está com problemas na perna.

Robson: O Henrique e o Wagner devem jogar bem futebol, né?

Henrique: Eu joga.

Robson: Eu ia treinar futebol, mas eu tenho medo de ser humilhado porque eu nem sei pegar na bola.

Pesquisadora: Mas você tem vontade?

Robson: Tenho, mas não sei se eu consigo. Como faz, Wagner, pra treinar?

Wagner: É só ir lá e começar.

Henrique: Vai lá e fala com o Pedrão.

Robson: E você é bom ou é ruim, Wagner?

Wagner: Eu treino com os pequenos, então eu deito e rolo em cima deles.

Henrique: O treino tem duração de duas horas.

Robson: Acho que eu vou começar, preciso aprender alguma coisa de futebol.

Wagner: Você quer pegar coxa?

Clara: Ai, pelo amor de Deus.

Wagner então mostra sua coxa para Robson.

Robson: Se eu quisesse ver coxa de passarinho eu ia ali atrás da escola.

Wagner: Eu sou puro músculo (risos).

Clara: Ai, Wagner eu já vi perna mais bonita.

Robson: Tem um cara que raspa a perna.

Henrique: Isso é veedagem.

Clara: É nada, mas prá isso precisa ter pernas bonitas.

Nisso, Wagner começa a provocar Robson. Ele então sai correndo atrás do Wagner e ambos começam a correr na sala.

Clara: Parem com essa frescura.

Wagner: Robson, mostra o furo que aquele moleque de cadeira de roda fez na sua mão.

Robson: Ele enfiou a caneta na minha mão. Aí eu bati nele e tomei suspensão

Wagner: Ele é igual aquele Paulo...

Robson: Eu já levei suspensão por causa do Paulo, ele veio xingando minha mãe.

Wagner: Isso que dá nervoso, ele xinga a mãe. Eu também já tomei suspensão por causa dele. Eu bato mesmo nele.

Henrique: Esse Wagner é louco.

Wagner: Ele fica falando que a gente aproveita dele, mas ele que é fogo.

Pesquisadora: Mas o que aconteceu?

Robson: Eu tiro o boné dele. Ele odeia porque o cabelo dele é muito duro. Aí eu fui lá com a caneta e ele enfiou na minha mão. Daí eu fui lá e bati nele.

Clara: Aquele menino tem cara de psicopata. Um dia, eu fui ajudar ele e ele me mandou tomar no cú.

Henrique: Ele é sem educação.

Wagner: Ontem eu estava brincando com aquele cachorro que apareceu aqui na escola, ele passou e começou a tirar sarro, dizendo que o cachorro era

gordinho, bonitinho. Eu falei que era igual ele, que parecia um Buldog. Gordo e bochechudo. Agora eu chamo ele de Buldog e ele me chama de pintcher, chau-chau. Ele fala que não tem força na mão, mas eu acho que é mentira.

Robson: É mentira, prá ele ter dado essa canetada. Um dia ele caiu do cavalo, porque os amigos dele faltaram, e ele começou a brigar com os outros. Na hora do intervalo ninguém o levou pra cantina e ele ficou se matando lá sozinho. Eu falei prá ele que aquilo era prá ele aprender.

Pesquisadora: Mas vocês estão falando dele, mas parece que vocês também colaboram prá ele ser assim, batem nele, tiram sarro. O que vocês acham que acontece?

Wagner: Eu não bato nele.

Pesquisadora: Você disse que sim.

Wagner: Ele fica sentado na carteira, com aquele cabelo de bucha dele, xingando a gente de veado, tonto, demônio, diabo...

Henrique: Resto de aborto

Clara: Credo gente, que coisa horrível!

Robson: Teve um dia que eu perguntei como chamava a mãe dele, ele falou Ivone, daí eu disse: "Gente, quem comprar o panetone da Ivone come a bundinha do Paulo de graça". Ele ficou louco comigo.

Pesquisadora: Então percebe como vocês provocam?

Wagner: Mas ele sempre mexe. Ele é são paulino. Um dia, o São Paulo perdeu, eu encontrei ele no mercado e fui zoar com ele, ele começou a me xingar de filho-da-puta, veado, nossa, um monte de nome.

Robson: Você viu, ele pediu o apontador da Tamires, daí eu peguei e joguei no lixo, ele me chamou de filho-da-puta, mandou eu tomar no cú e ainda falou que minha mãe estava dando o cú. Aí o Isac foi lá e pegou, quando foi dá pra ele caiu e ele xingou o Isac, daí o Isac deu pra mim de novo e eu joguei no lixo novamente e ele me xingou de novo. Aí o André, quando viu isso, ele é o maior paga pau dele, foi lá e entregou prá ele.

Pesquisadora: Vocês dizem que ele mexe, mas até agora vocês só falaram que quem mexe é vocês.

Robson: É nada, ele mexe também.

Pesquisadora: Mas ele poderia mexer e vocês não se importarem.

Clara: Não dá, com ele realmente não dá. Eu já tentei, mas é impossível. Ele ofende muito. Dá um nervoso que dá vontade de voar no pescoço.

Wagner: O cabelo dele é duro e qualquer coisa que você jogar pára. O Honório jogava caneta, lápis e ficava tudo parado lá, ele nem percebia. Um dia, ele xingou o Honório, daí o Honório pegou o lixo e jogou na cabeça dele, ficou tudo parado na cabeça dele, todo o lixo.

Clara: Nossa, que da hora!

Wagner: Daí aquele paga pau, que puxa o saco dele, foi lá e ficou tirando tudo do cabelo.

Pesquisadora: Mas vocês já tentaram não prestar atenção nele?

Wagner: Quando ele me xinga eu não ligo, o duro é quando ele fica xingando minha mãe.

Henrique: Eu o ignoro.

Wagner: É. O Henrique consegue.

Robson: No primeiro dia de aula ele já chorou, tiraram a touca dele e o Wagner deu um monte de murro na cabeça dele.

Daiana: É, Wagner....

Wagner: Quando ele me xinga, eu xingo ele, mas daí ele não agüenta e começa a xingar minha mãe, daí eu vou e dou um murro na cabeça dele.

Nesse momento, Wagner entra em baixo da mesinha e começa a desamarrar os cardaços dos tênis dos colegas.

Clara: Desamarra da Valéria.

Wagner: O dela não tem cadarço.

Clara: Você é folgado, Wagner...

Daiana: Vocês conhecem o Carlos?

Wagner: Aquele que usa um boné meio de lado?

Clara: É.

Robson: Ele é o maior songamonga. Quando ele está brigando comigo ou com o Wagner....

Wagner: Você está vendo, né? Eu brigo todo dia na classe.

Pesquisadora: E o que acontece, Wagner, prá você brigar todo dia?

Clara: Ele é barraqueiro.

Wagner: Eu não. Eu brigo quando as pessoas mexem comigo.

Clara: Eu não brigo todo dia na escola. Mas, parece, Wagner, que não são só as pessoas que mexem com você, mas você mexe com elas.

Wagner: Eu não, só brigo quando mexem comigo.

Robson: É, o Wagner provoca muitas coisas.

Wagner: Eu não.

Clara: Onde está minha luva? Você pegou, Wagner?

Wagner: Eu não.

Clara: Wagner, devolve minha luva.

Wagner: Olha prá mim e prá Daiana, veja quem tá dando risada.

Clara: Você é cheio de coisa, por isso aposto em você.

Wagner: Olha como estou sério.

Clara: Quando eu era pequena eu brincava disso, de ver quem não dá risada.

Começam então a brincar de não dar risada. Ficam mais ou menos uns 10 minutos nessa brincadeira. Como estava acabando nosso tempo, encerro nosso encontro.

Décimo Encontro

Wagner: Hoje é nosso ultimo dia?

Pesquisadora: É.

Wagner: E depois, não vai continuar, não?

Pesquisadora: Para a pesquisa é suficiente somente dez encontros. Nós combinamos isso, lembram?

Clara: Mas nós podíamos continuar.

Pesquisadora: A gente pode ver, mas isso só no ano que vem. Esse ano não é possível.

Daiana: Você tem nosso telefone, então, se der prá continuar, liga pra nós.

Pesquisadora: Tudo bem.

Henrique: Você treinou lá ontem, Wagner?

Wagner: Não, eles ficam com aquela frescura, falando que eu sou pequeno.

Robson: Que dia tem treino?

Henrique: Segunda, quarta e sábado. Passa lá sábado.

Robson: Eu vou passar.

Wagner: Cadê a Clara?

Daiana: Não sei.

Wagner: Você não passou na casa dela?

Daiana: Não.

Wagner: Brigou com ela?

Daiana: Claro que não.

Robson: Seu time joga hoje, Wagner?

Henrique: Ele é corintiano.

Wagner: Só o que me faltava, eu sou santista.

Robson: Mas quando a gente estudava lá no CIEP você era corintiano.

Wagner: Mudei faz tempo.

Robson: Até o Fortaleza tá ganhando do Corinthians.

Henrique: Você sabe daonde é o Fortaleza?

Robson: Não. Você só porque sabe algumas coisas, quer se mostrar.

Nisso, Clara chega e bate na porta. Chega uns 10 minutos atrasada.

Silêncio.

Robson: Todo mundo ficou calado, por quê?

Clara: É que eu cheguei.

Wagner: Vocês viram que o Robson saiu no jornal?

Robson: É que eu faço parte daquele grupo que dá dicas para o jornal.

Clara: Ah, o galera teen.

Robson: É. Eu vou lá uma ou duas vezes por mês para dar as dicas.

Wagner: O que você ganha? Dinheiro?

Robson: Não, esse mês, por exemplo, vou ganhar todos os ingressos para a festa do peão, posso ir todo dia.

Clara: Como você ficou sabendo disso?

Robson: Saiu no jornal que a galera 2006 estava saindo e eles estavam precisando de outras pessoas para 2007, eu me inscrevi e fui selecionado.

Clara: Eu leio a galera Teen no jornal.

Robson: Nós somos três meninos e quatro meninas.

Clara: É um trabalho legal?

Robson: É bem legal. É super legal ver como se faz jornal. Nossa reunião é como aqui, cada um fala o que pensa, o que acha, igual aqui.

Nesse momento, os outros integrantes começam a rir.

Robson: Qual é a graça?

Henrique: O Wilson fica fazendo gracinha.

Clara: Como faz prá gente ganhar ingresso prá festa?

Robson: Você vai lá, compra o jornal e daí tem um sorteio. O jornal está sorteando os ingressos.

Henrique: Eu queria ir à festa todos os dias, mas vou um dia só.

Clara: Eu morro de dó dos animais.

Wagner começa então a narrar um rodeio.

Clara: Você deveria fazer teatro. Porque você não entra no teatro da escola?

Wagner: Eu não.

Clara: Desencarnou o personagem boizinho?

Wagner: Falando em boi, aquele do Clone vai vim?

Robson: Vai. O bandido e seus clones: Desde que acabou a novela ele vem. Antes a festa era lá na Fidam.

Clara: Lá não dá.

Henrique: Sabia que tem um circo lá?

Wagner: Eu morro de medo de palhaço.

Clara: É sério?

Wagner: É. Até hoje eu tenho medo. Quando eu vejo, começo a chorar. Sabe o que eu vi ontem na internet? Um gordinho jogando até que aparece uma mulher na tela do computador. Ele assusta e começa a bater na tela. Maior dá hora.

Henrique: Segunda-feira teve treino, porque você não foi, Robson?

Robson: Acho que eu não vou. Eu prefiro jogar Labirinto no computador.

Wagner: Como faz para entrar no Labirinto?

Robson: Tem que entrar no Google.

Henrique: É muito melhor jogar Play 2 do que computador.

Robson: Claro que não.

Clara: São jogos diferentes.

Robson: Prá mim, no computador é mais legal.

Henrique: Dependendo o jogo.....

Clara: Nossa, Wagner, sua boca está toda rachada do frio. Pede pra sua irmã um brilho emprestado que melhora.

Wagner: Acha que eu vou passar brilho na minha boca? Ah, eu vi no Liberal que hoje depois do recreio só vai ter brincadeiras na escola, um tal de “Agita São Paulo”, acho que não vamos mais ter aulas hoje.

Robson: Duvido, isto nunca teve aqui.

Wagner: Claro que teve, ano passado teve. Você até jogou com a gente, lembra? Perdemos para a sexta B.

Robson: É mesmo.

Wagner vai até a Daiana e coloca seu boné na cabeça dela, depois pede para ela por o cabelo atrás da orelha.

Clara: Nossa, ficou parecendo um Wagnerzinho.

Henrique: Ficou mesmo.

Começam então a dar risada.

Clara: Minha prima tem o cabelo todo enrolado, então ela usa boné para disfarçar.

Henrique: Tem um moleque que eu conheço que tem o cabelo tão duro, mas tão duro, que o boné não pára na cabeça dele, ele precisa ir pondo devagar para encaixar.

Robson: Do Paulo também é duro.

Wagner: É, mas quando ele põe o boné, melhora.

Robson: Sabe a Conceição?

Daiana: É igual o cabelo dela.

Wagner: Meu irmão falou que a Conceição jogava apagador nos alunos.

Clara: Você contou pra nós.

Wagner: Eu não contei.

Robson: Eu que contei.

Clara: Era ótimo quando tinha aqueles armários de ferro na sala de aula. Era só dar um murro nele que ele abria e a gente pegava as folhas das professoras que estava lá dentro.

Robson: Uma vez a Conceição pegou um moleque no muque e fez ele levantar. Uma vez ela rasgou meu desenho....

Henrique: Esses dias ele estava fazendo quadradinho de novo e ela falou prá ele que ia rasgar de novo. O Robson falou que ela já tinha rasgado o outro e ela disse que ele tinha quebrado o colar dela. O Robson fica levantando história morta, você tinha é que ficar quieto, vai mexer no fundo do baú.

Robson: O Donizette o ano passado meteu um soco na boca do professor. O professor xingou a mãe dele e ele bateu. Foi expulso, aqui ele não estuda mais.

Wagner: Quando isso?

Robson: O ano passado.

Henrique: O que eu fiquei sabendo é que ele parou de estudar.

Robson: É nada, ele bateu no professor.

Wagner então começa com o corpo a fazer de conta que está beijando uma outra pessoa. Todos dão muitas risadas. Logo em seguida começa de uma forma erótica a mostrar a língua.

Clara: Pára com isso, é feio. Nunca mostre isso para uma menina.

Wagner: Por quê?

Clara: Ele não sabe (dando risada).

Wagner: Fala.

Clara: Vem aqui. (Fala no ouvido de Wagner)

Daiana: Fala para o grupo.

Clara: Não dá.

Daiana: Se você fizer isso em outro lugar leva um soco na cara.

Clara: Ele vira prá Valéria não ver e fica mostrando pra mim.

Daiana: Ele quer falar de sexo, só que não assume.

Começam então a falar todos juntos, não dando para entender.

Robson: O que será que vai ter hoje prá comer na escola?

Henrique: Eu estou com fome.

Robson: Deixa eu pegar meu papel aqui.

Clara: Aposto que é música.

Robson: É.

Wagner e Henrique começam a cantar e logo em seguida Robson também, só que em inglês.

Wagner: Nossa, Robson, você melhorou sua letra.

Robson: Estou escrevendo melhor agora.

Clara: Todas essas folhas é uma música só?

Robson: É.

Wagner começa a simular um orgasmo. Todos riem.

Robson: Olha o dedo da Clara? Tem uma bola na ponta.

Clara: Pára, sem graça.

Robson: É verdade, nossa parece uma burca.

Clara: Eu estou muito paciente com você, hein, Robson?

Nesse momento, Robson tira o boné de Wagner.

Wagner: Dá meu boné, Robson.

Robson: Não.

Daiana: Wagner, você fica melhor sem boné. É só esconder a orelha...

Robson: Carla, seu dedo é feio.

Clara: Se você falar mais uma vez do meu dedo eu vou dar um murro na sua cara.

Henrique: A Daiana está com uma calça nova.

Robson: Está com uma calcinha nova.

Wagner: Mostra a calcinha nova aí.

Daiana: Não enche o saco.

Henrique: Pena que não tem câmera, senão você ia passar vergonha, Wagner.

Nisso, Wagner começa a mostrar a cueca. Todos dão risada.

Daiana: Wagner, hoje você está imbatível.

Wagner então começa a cantar “e vai descendo devagar”. Juntamente com isso, simula um stripe.

Wagner: Ninguém agüenta mais essas suas músicas, Robson.

Robson: Quem enche o saco por causa delas é vocês.

Henrique: Quando a gente bate nele por causa dessas músicas ele vai só em cima do Wagner, que é pequeno.

Clara: Vocês não têm dó de bater nele?

Henrique: Não. Hoje ele não está com aqueles tênis da All Star.

Wagner: O Robson só fica contando vantagem.

Henrique: Ele fica aparecendo com tênis de marca e fala que paga caro. Aposto que é falsificado.

Robson: Cala a boca, você não sabe nem o que está falando.

Clara: Nossa, Robson, você fala e baba na mesa.

Wagner: E no Ciep ele espirrava e falava prá professora: “Posso ir no banheiro porque saiu catarro?”. Como a professora já conhecia, deixava ir.

Daiana: O que você veio fazer aqui, Henrique, ontem?

Henrique: Vim conversar com a Franciele.

Wagner: Vocês foram embora juntos?

Daiana: Não, eu só vi o Henrique.

Wagner: Rolou um beijo mosca entre vocês?

Daiana: Sai fora, Wilson, pára de falar besteira.

Clara: Valéria, vamos fazer mais um dia e aí a gente faz um amigo secreto e uma festa? Cada um traz uma coisa.

Pesquisadora: O que combinamos é que hoje seria o nosso último dia.

Wagner: Mas hoje fica sendo o último dia, e daí a gente comemora o fim.

Todos do grupo aceitam a idéia, eu também aceito fazermos um amigo secreto e uma festinha. Marcamos, então, para o outro dia.

